

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
CONTEMPORANEIDADE**

LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

**NARRATIVAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE SI NA
EJA**

Salvador
2022

LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

**NARRATIVAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE SI NA
EJA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia Regina Dantas.

Salvador
2022

LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

**NARRATIVAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE SI NA
EJA**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no âmbito da Linha de Pesquisa II – Educação, Práxis Pedagógica e Formação do Educador, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Tânia Regina Dantas.

FICHA CATALOGRÁFICA
Biblioteca Professor Edivaldo Machado Boaventura - UNEB – Campus I

Santos, Lucas Bispo de Oliveira

Narrativas de professores de geografia: construção de si na EJA / Lucas Bispo de Oliveira Santos. – Salvador, 2022.

161 f.

Orientadora: Tânia Regina Dantas.

Dissertação (Mestrado Acadêmico) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEDUC, 2022.

Contém referências, apêndices e anexos.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Professores - Formação. 3. Educação de jovens e adultos – Estudo e ensino. 4. Geografia – Estudo e ensino. 5. Professores de geografia – Formação. I. Dantas, Tânia Regina. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus I. III. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO


NARRATIVAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE SI NA EJA

LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – PPGEduc, em 29 de março de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Profa. Dra. Tânia Regina Dantas
Universidade do Estado da Bahia -
UNEBDoutorado em Educação
Universitat Autònoma de Barcelona - UAB, Espanha



Prof. Dr. Diego Correa Maia
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho -
UNESPdoutorado em Geografia
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Brasil



Prof. Dr. Elizeu Clementino de
Souza Universidade do Estado da
Bahia - UNEBDoutorado em
Educação
Universidade Federal da Bahia, UFBA, Brasil

*O maior apetite do homem é desejar ser.
Se os olhos vêem com amor o que não é, tem ser.*

Manoel de Barros

AGRADECIMENTOS

A palavra que me vem para expressar esse singular momento e que abrirá novas portas para a minha trajetória pessoal, profissional e acadêmica é “gradidão”. Palavra essa que vem da expressão latina *gratus*, que é traduzida como estar agradecido ou ser grato. Além disso, gradidão deriva também de *gratia*, que em latim quer dizer “graça”.

As pessoas aqui homenageadas estiveram presentes em diferentes momentos da minha vida e me agraciaram com apoio e conforto, desde o meu nascimento até a escrita da última linha desta dissertação. O poeta Andreilino de Oliveira Campos me resume agora ao dizer “você não é você! Você é a soma de todas as pessoas que passaram em sua vida”.

A Deus, primeiramente, toda honra e glória por ter permitido passar em uma seleção tão concorrida e me feito permanecer com saúde física e mental para desenvolver essa pesquisa durante a pandemia da covid-19.

À minha mãe, Jusiene, por ser tão dedicada e compreensiva. Ouviu-me, aconselhou-me e deu-me todo o suporte necessário na vida. Permitindo assim, que eu chegasse a esse momento. Ao meu pai, Antônio (*in memoriam*), sei que ficaria muito feliz e orgulhoso em ver seu filho crescendo moralmente e intelectualmente.

Gradidão às minhas famílias Bispo e Oliveira, fonte do meu berço de amor, compreensão, afeto, lugar onde encontrei apoio, lições e aprendizados. Em especial, deixo meu registro ao tio Luiz, tia Gladys, primo Luigi, minha Tia Marinalva, minha avó Julinha, minha avó Luiza (*in memoriam*) e ao meu avô Zé de Paulo.

Aos amigos, sei que são a família que escolhemos. A amizade é algo de muito valor, é algo raro. Agradeço muito ao Tiago, Roster, Ana Cláudia, Mateus, Daniela, Edna, Liane, Edvan, Ramon, Agricia, Célio, Thiago, Juvi, Adilton, Gerson, Ana Kátia, Izabel dentre outros(as), por estarem ao meu lado em diferentes momentos, sejam quais forem as circunstâncias.

Expresso também o meu sentimento de gradidão à professora orientadora Tânia Dantas, pois ela confiou em estabelecer essa parceria comigo, e compartilhou suas experiências e saberes, de forma muito afetuosa e sábia, provocando em mim questionamentos e o desejo de continuar a caminhada.

Ao grupo de pesquisa Formação, Autobiografia e Políticas Públicas (Formapp), todo carinho ao longo desses anos. Foram muitas trocas de conhecimento e reflexões sobre Paulo Freire e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Em especial destaco as conversas mais fecundas com os queridos Valcineide, Sandro e Humberto.

À professora orientadora do tirocínio docente, Marta Lícia, minha eterna gradidão pelo acolhimento. Mesmo sem me conhecer pessoalmente, atendeu a um pedido meu enviado por *e-mail* e sou muito feliz por isso. Digo que fui agraciado com essa atividade obrigatória do mestrado. Os relatos dos professores da Educação Básica durante os nossos encontros, ficarão guardados para sempre em minha memória.

Destaco o meu carinho, admiração e respeito à minha para sempre diretora e amiga Núbia, que teve todo o cuidado e empenho para viabilizar a aprovação da minha licença junto à Secretaria de Educação da Prefeitura de Mata de São João.

Ao Colégio Estadual Regina Simões, local em que atualmente trabalho e *lócus* das minhas inquietações para fruto desta pesquisa, sou grato por ter a presença de pessoas que me engajaram no mundo acadêmico. À minha diretora Sheila, agradeço por me ouvir, apoiar-me e ser compreensiva quanto aos meus horários de aulas. E ao meu coordenador Vanilton, que já possui expertise com o mundo acadêmico, sempre tinha o conselho certo para cada momento.

Aos amigos dos diversos espaços das redes particular, municipal e estadual de ensino, com os quais compartilho a dificuldade de educar os nossos alunos diante de tantas adversidades. Aqui, ressalvo algumas figuras marcantes que compuseram a minha formação experiencial, meu muito obrigado à Selma, Graça, Lizze, Sara, Grazi, Norete, Cleide, Marta, Arlene, Laisa, Deny, Uérico, Edineia, Jorge.

Obrigado aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC), que me fizeram pensar em possibilidades para os desafios do mundo contemporâneo ao qual nos encontramos.

Aos colegas da turma de 2020 do mestrado, pelas trocas, pelas alegrias e anseios compartilhados e, principalmente, pela força transmitida uns aos outros. Especialmente a André e à Patrícia, que durante esses dois anos, estivemos nos apoiando e, entre um desafio e outro, escrevemos e confraternizamos juntos.

O poeta Manoel de Barros reflete esse momento final de escrita ao dizer “que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós”. Concluo sabendo que, apesar de muitas pessoas citadas, estas não representam todas aquelas que me ajudaram chegar até aqui e, durante as minhas caminhadas, terei a oportunidade de agradecer a cada um e a todos(as).

RESUMO

Este trabalho apresenta reflexões e os resultados de uma pesquisa realizada na área de formação de professores, com o objetivo principal de compreender o processo formativo dos professores de Geografia que trabalham na Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede pública estadual da Bahia. *A priori*, foi realizado uma breve análise do currículo de formação inicial de duas universidades públicas e um instituto federal, por acreditar que esse é um divisor de água da trajetória pessoal e profissional. Foi ressaltado como a formação pela experiência é de grande valor e destaque no cenário da EJA. O problema de pesquisa surgiu por conta da trajetória profissional do próprio pesquisador. O método (auto)biográfico foi o escolhido para contribuir no caminhar desta pesquisa, por se observar que as narrativas acenam para a possibilidade de ratificação de saberes a partir de um conhecimento identitário. Os dispositivos de recolha de informações considerados mais apropriados para se alcançar os resultados nesse período pandêmico são as entrevistas narrativas *on-line* por meio da plataforma Google Meet. Durante as entrevistas, o entrevistado se colocou na posição de entrevistador de si mesmo e o pesquisador na posição de compreender o trabalho e a trajetória de vida desses sujeitos. O tipo de análise que melhor se encaixa para esse objeto de tudo é a compreensiva-interpretativa, pois, concebe-se entre si relações de dialogicidade e reciprocidade, tendo em vista aproximações, vizinhanças, mas também singularidades em seus tempos e momentos de análise. Com o estudo, diante dos resultados alcançados, foi possível perceber que os currículos de formação inicial dos professores de Geografia das universidades públicas não atendem à realidade da EJA. A formação experiencial é de grande relevância para o preenchimento de lacunas existentes e implica a possibilidade do centramento do sujeito e na globalidade da vida.

Palavras-chave: formação de professores; professores de geografia; educação de jovens e adultos; narrativas autobiográficas.

ABSTRACT

This work presents reflections and the results of a research carried out in the area of teacher training, with the main objective of understanding the training process of Geography teachers who work in Youth and Adult Education in the state public network of Bahia. A priori, a brief analysis of the initial training curriculum of two public universities and a federal institute was carried out, believing that this is a watershed of the personal and professional trajectory. It was highlighted how training through experience is of great value and prominence in the EJA scenario. The research problem arises, due to the professional trajectory of the individual. The (auto)biographical method was chosen to contribute to the progress of this research, as it was observed that the narratives point to the possibility of ratification of knowledge from an identity knowledge. The information collection devices considered most appropriate to achieve results in this pandemic period are online narrative interviews through the Google Meet platform. During the interviews, the interviewee placed himself in the position of interviewer himself and the researcher in the position of understanding the work and life trajectory of these subjects. The type of analysis that best fits this object of all is the comprehensive one – interpretive, since relationships of dialogicity and reciprocity are conceived among themselves, considering approximations, neighborhoods but also singularities in their times and moments of analysis. With the study, in view of the results achieved, it was possible to perceive that the initial training curricula of Geography teachers from public universities do not meet the reality of EJA. Experiential training is of great importance for filling existing gaps and implies the possibility of centering the subject and the whole of life.

Keywords: teacher training; geography teacher; youth and adult education; autobiographical narratives.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CASE	Comunidade de Atendimento Socioeducativo
CiTePlan	Cidade, Território e Planejamento
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
Conder	Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia
Confitea	Conferência Internacional de Jovens e Adultos
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
Fapesb	Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia
Formapp	Formação, Autobiografia e Políticas Públicas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IFBA	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia
Inema	Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos
Pibic	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica
PPGEduC	Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade
REDA	Regime Especial de Direito Administrativo
SEI	Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
UEFS	Universidade Estadual de Feira de Santana
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO – EU, EU MESMO E O MEU OBJETO DE ESTUDO	12
2 A EDUCAÇÃO QUE SE CONSTRÓI: AS ITINERÂNCIAS NA CONSTRUÇÃO DE SI E DO SER	22
2.1 O PROCESSO FORMATIVO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA EJA: ANÁLISE CURRICULAR	24
2.2 EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS COMO DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO	30
3 TRILHAS PARA REVELAR O CONHECIMENTO: O EXERCÍCIO DA PESQUISA	35
3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	37
3.2 NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E A CONSTRUÇÃO DE SI NA EJA	41
3.3 PROFESSORES DE GEOGRAFIA: OS SUJEITOS DA PESQUISA	44
4 NARRATIVAS DE PROFESSORES: GEOGRAFIA, FORMAÇÃO E SABERES DO ESPAÇO VIVIDO	48
4.1 FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM GEOGRAFIA: OS MOTIVOS DE UMA ESCOLHA	50
4.2 PROFESSOR(A) DE GEOGRAFIA NA EJA: A EXPERIÊNCIA QUE FORMA	53
4.3 OS SUJEITOS ESTUDANTES DA EJA: A REALIDADE DE UMA MODALIDADE	
4.4 A GEOGRAFIA DA SALA DE AULA NA EJA: SEUS CONTEÚDOS E POSSIBILIDADES	57
4.5 OS SUJEITOS DA EJA E SUAS SINGULARIDADES: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES(AS)	60
5 (IN)CONCLUSÕES: NARRATIVA VIDA-FORMAÇÃO, A EJA EM MOVIMENTO	64
REFERÊNCIAS	67
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS/NARRATIVAS ON-LINE	75
APÊNDICE B – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS COM OS(AS) PROFESSORES(AS) ENTREVISTADOS	144
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	145
ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	148

ANEXO C – COMPONENTES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	152
ANEXO D – COMPONENTES CURRICULARES DO EIXO 3 – EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA/EIXOS FORMADORES – PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO; LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA	155
ANEXO E – COMPONENTES CURRICULARES DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA	159

1 INTRODUÇÃO – EU, EU MESMO E O MEU OBJETO DE ESTUDO

Inconclusos somos nós, mulheres e homens, mas inconclusos são também as jabuticabeiras que enchem, na safra, o meu quintal de pássaros cantadores; inconclusos são estes pássaros como inconcluso é Eico, meu pastor alemão, que me ‘saúda’ contente no começo das manhãs. (FREIRE, 1998, p. 54).

Começar esses escritos, com uma reflexão de inacabamento feita pelo sábio Paulo Freire, significa dizer que aqui estão colocadas as itinerâncias pessoais, profissionais e acadêmicas que estão em processo até hoje e compõem o meu ser. Essa é a realidade à qual faço parte e que pretendo transformá-la para me transformar. Acredito que o mestrado é uma das etapas e formas de buscar um conhecimento específico e pertinente à área de interesse, preenchendo lacunas do meu processo formativo e contribuindo no encontro de respostas ainda desconhecidas. Esta pesquisa perpassa, portanto, pelo campo do processo formativo dos professores de Geografia e, em especial, os que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Os anseios que geraram essa investigação estão atrelados ao contexto da minha prática docente.

Vale destacar que as itinerâncias que orientam o meu processo de escolarização formal e pessoal apresentarão um ir e vir, mas com proposições de uma trajetória crescente, principalmente, após o meu ingresso na universidade. Por muitos momentos, a vida acadêmica e a profissional irão se intercruzar, a condição de professor-estudante, que é um dos pontos centrais destas memórias vivificadas. Nesse sentido, destaco a iniciação à pesquisa e o estágio remunerado presente na minha formação acadêmica. *A posteriori* dessa formação universitária inicial, ressalto como as situações ocorreram de uma forma consecutiva e interligada em minha vida profissional, pois, ao concluir o curso de Geografia na Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2013, encontrei duas escolas particulares para trabalhar. E, logo no início, assumi 15 turmas, totalizando mais de 300 estudantes por semana para dar aulas e promover avaliações em fluxo contínuo e cumulativo.

Em 2015, passei no meu primeiro concurso para professor de Geografia, foi na Prefeitura Municipal de Mata de São João, trabalhando em escolas no modelo de ensino em turno integral. Já em 2016, coloquei os meus pés pela primeira vez numa sala de aula de um colégio estadual, pois havia passado num processo seletivo de

Regime Especial de Direito Administrativo (REDA) da Secretaria Estadual de Educação do Estado da Bahia. Fiquei com esse contrato até o início de 2019, pois foi quando fui convocado a assumir o cargo para professor efetivo do Governo do Estado da Bahia, do concurso realizado no final do ano de 2018.

Para que essas experiências que compuseram minha vida pessoal e profissional fiquem mais claras, quero retornar ao período em que ainda era criança. Enquanto estudante do Ensino Fundamental I e II, sempre gostei muito de estudar, além de ser cobrado e acompanhado pela minha mãe, era um daqueles alunos que se destacavam em notas, e Geografia sempre foi a minha matéria favorita. Fascinava-me entender o porquê do dia e da noite, como nos localizávamos no espaço, porque existiam pessoas que falavam outras línguas e, o principal, sempre gostei de viajar, conhecer novos lugares, novas pessoas com seus hábitos e costumes.

O tempo foi passando e quando estava na 6ª série, atual 7º ano, tive a minha primeira média vermelha na vida. Havia perdido em uma das unidades, justo em Geografia. Esse episódio me deixou muito chateado, mas também muito reflexivo: como pude perder na matéria que mais gostava? Qual a minha parcela de culpa nesse processo? Qual é a parcela do professor? Será que a avaliação foi feita de maneira correta? Mas, como possuía apenas 12 anos, não tinha argumentos teóricos suficientes para dialogar com o professor, a situação assim ficou. E confesso que nos anos seguintes o meu interesse pela Geografia acabou se esvaindo.

Em 2007, ao chegar ao 3º ano do Ensino Médio, a escola particular na qual estudava por dez anos não formou turma. Foi um choque e desestruturou a mim e a minha mãe. Após algumas possibilidades analisadas e tentadas, conseguimos uma bolsa de 50% num colégio de freiras. Considero que esse foi um divisor de águas na minha vida estudantil, pois tive o meu primeiro grande desafio a ser enfrentado e que me fez crescer imensamente. Adaptar-me à rotina de uma nova escola, com novos professores, novos colegas de sala e ao mesmo tempo, preparar-me para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e os vestibulares da UFBA e da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) não foi tarefa fácil.

A pressão era muita, pois sabia que, caso não passasse numa universidade pública, não teria como continuar os meus estudos. Entretanto, nessa nova escola, contei com a sorte quase que divina de encontrar professores maravilhosos e extremamente competentes que me auxiliaram em cada uma das dúvidas que tinha. Nesse momento, também me reencontrei com a Geografia. Tive uma professora encantadora, que dava aula com brilhos nos olhos, que falava com muita propriedade dos aspectos físicos e humanos que compunham o planeta Terra, nunca esqueci o seu nome, professora Carmen Rivas.

Nessa conjuntura do 3º ano, na qual me encontrava, outra inquietação vinha crescendo em meu coração: qual o curso de ensino superior deveria prestar o vestibular? Ainda não estava certo quanto ao meu desejo profissional. *A priori*, vinha em minha mente, as opções de Odontologia e Administração de Empresas, e a Geografia como um desejo interno. Pensava: “*estudar tanto para ser professor, ganhar pouco, não ter uma carreira reconhecida pela sociedade*”. Mas, próximo ao período de inscrição dos vestibulares, conversei com essa professora sobre a minha vontade de cursar Geografia e das minhas preocupações em tornar-me professor. Ela me falou que existia a opção do bacharelado também, no qual eu poderia trabalhar em órgãos importantes como o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Inema), Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), Companhia de Desenvolvimento Urbano do Estado da Bahia (Conder), dentre outros. Após essa conversa esclarecedora, inscrevi-me para o vestibular em Geografia na UFBA e passei para a entrada no segundo semestre de 2008.

Ao entrar pela primeira vez na UFBA como estudante, no Instituto de Geociências, no qual estão alocados os cursos de Oceanografia, Geologia, Geofísica e Geografia, senti que um sonho, fruto de muito esforço e dedicação, estava sendo realizado. Tudo era novo e mágico, exceto obviamente a procissão feita por qualquer aluno dessa universidade, que tem de se deslocar por inúmeros institutos e diferentes turnos do dia para assistir às aulas.

O curso se mostrou encantador, correspondeu plenamente ao meu desejo e rapidamente percebi que havia feito a escolha certa. Na realidade, superou e muito minhas expectativas, mesmo com a dificuldade que enfrentei no início com o

processo de interação entre professor e eu e entre eu e os meus colegas, pois esse contato se apresentava de uma forma muito mais dinâmica e complexa do que no Ensino Médio. Senti-me acanhado em participar das discussões, dos eventos entre os colegas, pois me sentia muito jovem e inexperiente em relação aos demais. Com a minha imersão no curso e a convivência cotidiana, esse incômodo foi superado. Para quem enxergava o curso de Geografia quase que somente como mais um componente curricular do ensino básico, fui apresentado às diversas disciplinas, dentre as quais destaco as de Geografia Urbana, Geografia Regional, Geografia Política e Cartografia. Nessas disciplinas, consegui enxergar uma análise do espaço diferenciado e crítico.

Apesar de todo esse encantamento com o curso, o qual me permitiu um caminhar que me levava para fora, possibilitando-me novas relações com o mundo, com meus pares, com minha família e com a natureza, uma questão me afligia: a parte financeira. Precisava achar um estágio na minha área, para que pudesse me manter na universidade e começar a praticar os conhecimentos já adquiridos. Infelizmente, no curso de Geografia, o mercado de trabalho para a área do bacharelado é bem escasso, não existe uma grande demanda. Dessa forma, logo a partir do segundo semestre, a opção encontrada foi dar aulas de Geografia como estagiário em uma escola privada. Lá obtive minhas primeiras impressões enquanto docente. Destaco que foi uma experiência que me tocou, pela circunstância do contexto escolar, tive um questionamento que me desestruturou: *“Será que de fato desejo ser professor?”*. O que observava em sala de aula mexia muito comigo, pois havia uma mistura de sentimentos, ao mesmo tempo que vibrava e ficava muito feliz em ver os alunos aprenderem Geografia comigo, ficava muito triste com a baixa remuneração salarial e o desrespeito que alguns estudantes tinham para comigo e com meus colegas.

A partir do questionamento citado acima, encontrei uma oportunidade, no quarto semestre, de me dedicar também a um estágio ligado ao bacharelado de Geografia, trabalhando com geoprocessamento na SEI. Foi um período de grande relevância no meu processo formativo e experiencial, lá encontrei pessoas que viam a Geografia a partir de um olhar mais técnico e propositivo de avaliações que subsidiassem ações municipais e governamentais.

Nessas duas oportunidades de estágio, em campos diferenciados da Geografia, adquiri uma percepção de mundo, de universidade e dos espaços em que poderia transitar. Estes se encontravam e encontram em constante expansão, no aguçar da sensibilidade, no pensar em objetos de pesquisas, nas grandes correntes teóricas já conhecidas e as disciplinas de cunho específico ou metodológico que tiveram presentes na grade curricular da minha formação acadêmica.

Para completar as minhas possibilidades de formação no período da graduação, resolvi sair da SEI, por não me identificar com o trabalho e a visão técnica da Geografia e me enveredar pelo mundo da pesquisa científica. A partir do sexto semestre, ingressei no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (Pibic), um programa no qual desenvolvi, por dois anos, pesquisa científica sobre Feira de Santana, junto ao grupo de pesquisa Cidade, Território e Planejamento (CiTePlan). A primeira pesquisa realizada no período de 2011 a 2012 intitulou-se “A caracterização da evolução urbana e situação urbana atual em Feira de Santana”, e foi financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb); e a segunda, de 2012 a 2013, sobre a “Avaliação da morfologia urbana de Feira de Santana”, foi fomentada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Muitas foram as experiências proporcionadas pelo Pibic no meu processo de formação enquanto pesquisador, aprendi a dialogar de forma profunda com os teóricos em meus textos, a fazer pesquisa de campo, realizar entrevistas, aplicar questionários, apresentar trabalhos, construir artigos, dentre outros.

Em 2013, a bolsa de iniciação científica já não seria mais paga, por conta da finalização do projeto e por eu estar concluindo a graduação. Foi nesse momento, em que comecei a trabalhar em duas escolas particulares, assumindo 15 turmas e tendo a responsabilidade de ensinar Geografia para mais de 300 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II até o 3º ano do Ensino Médio. Uma nova realidade naquele momento, com novas demandas e responsabilidades. Afinal, estava saindo da universidade cheio de conhecimentos adquiridos e queria fazer o melhor pelos meus alunos. Parecendo mais com aquela professora do 3º ano que me encantou do que aquele professor da 6ª série, atual 7º ano.

Nesse momento, percebi que os conhecimentos adquiridos na universidade não davam conta da realidade da sala de aula, pois o curso de Geografia da UFBA é organizado e mais valorizado para o bacharelado, o mundo da pesquisa. Senti-me perdido, principalmente, nos seis primeiros meses, nessas escolas particulares, pois eu tinha salas muito cheias sem me possibilitar um olhar particular aos meus alunos, como era tão defendido nas teorias que estudava na universidade, sem contar a falta de estrutura e as cobranças por resultados diários.

A partir das reflexões e angústias geradas pelas cobranças excessivas e pela baixa remuneração salarial das escolas particulares, percebi que deveria caminhar para novos espaços. Foi então que, em 2015, passei no meu primeiro concurso público, no município de Mata de São João. Lá eu assumi o cargo de professor de Geografia do 6º ao 9º ano numa escola de tempo integral situada em uma comunidade extremamente carente. Percebi novamente que as aprendizagens adquiridas ao longo do meu curso de graduação não deram conta dessa realidade. Novas inquietações advinham dos ambientes escolares em que agora eu me situava. A diversidade de alunos era muito grande e, além disso, tinha a presença de alunos com necessidades especiais. Outros dois temas que não foram estudados durante a minha graduação.

Devido a isso, em 2016, fiz uma consulta junto à prefeitura em que trabalho, para saber se havia a possibilidade de liberação para estudos caso houvesse a aprovação em alguma seleção de mestrado na UFBA ou UNEB. E a resposta foi negativa. Sendo a necessidade de remuneração algo presente em minha vida e não tendo a liberação, optei então por um curso de pós-graduação *lato sensu* numa instituição particular que atendia às minhas necessidades. As aulas eram aos sábados.

Lá conheci duas colegas da rede pública, Hilana e Heloisa, que partilhavam das mesmas inquietações. Assim, construímos um trabalho de conclusão falando sobre a deficiência na formação de professores da UFBA e da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) nos cursos de Geografia e História para lidar com alunos de inclusão social. Concomitante a isso, seguia trabalhando em escolas públicas e particulares de forma precarizada, e junto a isso, participei do processo

seletivo para professor da Educação Básica no estado da Bahia. Obtive êxito no processo de seleção do REDA para professor do estado.

No primeiro semestre de 2016, junto com as aulas da especialização em Educação Inclusiva, fui convocado pelo estado para assumir a sala de aula na Educação Básica, como professor REDA, e logo percebi as circunstâncias de precarização do trabalho docente na rede estadual da Bahia e junto a isso tive a minha primeira oportunidade de trabalhar com alunos mais velhos na modalidade da Educação de Jovens e Adultos.

É necessário ressaltar que, ainda durante o primeiro ano de ensino enquanto REDA, fui lotado numa escola que trabalhava com sujeitos de medidas socioeducativas, Comunidades de Atendimento Socioeducativo (CASE). Foi um período de muitas reflexões, pois me perguntava quais os assuntos da Geografia eu deveria trabalhar com eles, qual a metodologia a ser aplicada diante daquele cenário restritivo e mais importante do que isso, pensar em formas de como repassar para esses sujeitos, a ideia de que a educação é uma ferramenta para eliminar a cultura da violência e construir uma cultura de paz e que gere o respeito mútuo.

No ano seguinte, fui transferido para uma escola com alunos da EJA noturno, Ensino Médio, Eixo VI. Sendo assim, mais uma vivência educacional surgiu no meu horizonte. Dar aulas para senhores, senhoras, alunos evadidos do sistema educacional, com realidades tão distintas e diversas. A EJA, modalidade de ensino para aqueles que não frequentaram a escola regular, no tempo adequado por algum motivo, apareceu para mim como turmas de complementação da minha carga horária, mas apesar das dificuldades encontradas por não haver livros ou materiais que dessem um norte ao meu trabalho, aceitei essa missão e logo me apaixonei por essa modalidade de ensino. Observei e aprendi que os sujeitos envolvidos nessa modalidade têm uma sabedoria adquirida na vida, que possuem um conhecimento próprio de como existir e resistir. Por esse viés, encontrei, nas palavras de Paulo Freire em *Pedagogia do oprimido* (1998) e *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2003), as reflexões iniciais que me ajudaram a galgar meus primeiros passos na EJA. Comecei a pensar em aulas que permitissem a prática da liberdade, ao contrário daquelas que é prática da dominação.

Assim sendo, ao longo dessas itinerâncias pessoais e profissionais na docência e nos diversos momentos formativos que experimentei, despertei para reflexões sobre o compromisso de ser professor de Geografia nos diferentes contextos e modalidades de ensino possíveis, proporcionando ambientes e momentos significativos para os meus alunos. Percebo o quanto cada experiência foi importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional, atreladas a elas estão muitas aprendizagens que hoje fazem parte do meu fazer docente e da minha construção de pesquisador. As reverberações da minha *práxis* pedagógica geraram em mim o desejo pelo fenômeno de estudo a ser pesquisado.

Inúmeras inquietações apareceram: “Como proporcionar aprendizagens significativas aos meus estudantes da EJA? Quais os conteúdos da Geografia que devo trabalhar na EJA? Como as aprendizagens geográficas podem contribuir na constituição do ‘ser mais’ desses estudantes?” Essas e outras perguntas fiz a mim e a alguns colegas da área que trabalham na EJA da rede estadual de educação da Bahia. A partir desse momento, percebi a existência de uma lacuna que necessita de pesquisa a ser realizada sobre o processo de aprendizagem no processo inicial formativo dos professores de Geografia que atuam na EJA na rede estadual de ensino da Bahia e investigar também como as experiências adquiridas a partir das suas práticas se constituem como um meio formativo de grande expressão.

Dessa forma, na condição de docente do Ensino Regular e da EJA, pesquisador do grupo de pesquisa Formação, Autobiografia e Políticas Públicas (Formapp) e estudante do mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da UNEB, tenho a seguinte questão a ser pesquisada: “como as experiências contribuem na formação de si e nas práticas pedagógicas dos professores de Geografia que trabalham com a EJA na rede pública estadual da Bahia?”. O objeto de estudo estabelecido a partir dessa questão é compreender como ocorre o processo formativo dos professores de Geografia em relação à EJA na rede pública estadual de ensino da Bahia e como as experiências podem ser um ponto-chave para o estabelecimento da conexão entre professores e estudantes dessa modalidade de ensino.

Dentre as benfeitorias que posso destacar, trago o benefício da própria contextualização da EJA no estado da Bahia. Discutir essa realidade é um exercício

importante para que possamos pensar numa reflexão crítica sobre a prática, contribuindo, assim, para a construção de uma formação de professores mais efetiva que lecionem nessa modalidade de ensino, em especial os professores de Geografia. O segundo benefício é a própria vivência da pesquisa, que é o pensar com os colaboradores, como os mesmos vivenciaram esse processo e como eles ressignificam a si mesmos. Fortalecer a EJA, os sujeitos e as práticas pedagógicas realizadas pelos professores que estão inseridos nessa modalidade é uma necessidade que urge, visto que as políticas de desmonte crescem cada vez mais, na qual nos deparamos com escolas públicas que ofertam essa modalidade com dificuldades estruturais de ordem administrativa e pedagógica, imbricando na falta de professores especializados ou até mesmo no fechamento do turno noturno em escolas que ofertam a EJA. Além disso, chamo a atenção para atual reestruturação curricular que a Secretaria de Educação do Estado da Bahia realizou, transformando essa modalidade muito próxima do que é o atual novo Ensino Médio. Desrespeitando, assim, as especificidades, pluralidades e diversidades contidas nos sujeitos da EJA.

Para a compreensão do fenômeno a ser estudado e responder a essa questão proposta, utilizar-me-ei da pesquisa narrativa, por acreditar que ela ilumina os contextos sociais e teóricos nos quais posicionamos as nossas investigações. Além de relacionarem-se com o senso de relação e reformulação de nossas próprias biografias que constroem o enredo das nossas histórias de vidas inconclusas a serem narradas.

Destaco, também, que esta pesquisa foi desenvolvida entre os anos de 2020 a 2022. Anos que nos tem convocado a reflexões e aprendizagens, sendo também anos de reconstruções e reelaborações. A penetrabilidade e a invasão de um novo vírus que avançou todo o planeta têm causado inúmeros transtornos, deixando milhares de pessoas doentes, matando-as e repercutindo no contexto social e econômico com o fechamento do comércio, instituições de ensino, locais de lazer, dentre outros. Vivemos em um mundo permeado de incertezas que provocam efeitos diversos na subjetividade dos sujeitos. Somos afetados pelos elementos culturais e sociais, muito fortemente pelo uso intenso das tecnologias digitais e seus artefatos, pela globalização e pela comunicação em rede, por isso, algumas

estratégias metodológicas, que serão explicadas na seção III, sofreram algumas alterações.

Assim, esta dissertação constitui-se em cinco capítulos organizados da seguinte forma: o primeiro capítulo, introdutório, lido neste momento, intitulado “Eu, eu mesmo e o meu objeto de estudo”, no qual reflito minha trajetória de vida-formação-profissão, junto às implicações com o objeto de pesquisa. No segundo capítulo, intitulado “A Educação que se constrói: as itinerâncias na construção do si e do ser”, abordo como a educação se manifesta e concretiza a existência humana, para tanto a formação de professores(as) é fundamental nesse processo. A partir desse tópico central, apresentei os seguintes desdobramentos: o processo formativo inicial dos professores de Geografia, fazendo a análise curricular de três universidades públicas no estado da Bahia e busquei trabalhar, também, a ideia das narrativas e das experiências como dispositivo de formação.

No terceiro capítulo, intitulado “Trilhas para revelar o conhecimento: o exercício da pesquisa”, encontram-se as formas e o processo de como organizei minha pesquisa. Essa parte se estrutura em três subseções: “Aspectos metodológicos da pesquisa”; “Narrativas (auto)biográficas e a construção de si na EJA”; “Professores de Geografia: os sujeitos da pesquisa”. Assim, apresento a importância da abordagem qualitativa, os critérios utilizados para selecionar os participantes, o embasamento teórico e epistêmico que fundamenta o dispositivo utilizado: as entrevistas narrativas *on-line* e demarco os sujeitos alvos de interesse nesta pesquisa.

No quarto capítulo, “Narrativas de professores: Geografia, formação e saberes do espaço vivido”, construí um diálogo entre a análise da fala dos entrevistados e a fundamentação teórica que se encontra no trabalho. Tive como resultado a elaboração de cinco subtópicos, nos qual busquei explorar as grandes temáticas em comum trazidas pelos(as) professores(as). Sendo eles: “Formação inicial docente em Geografia na EJA: a experiência que forma”; “Os sujeitos estudantes da EJA: a realidade de uma modalidade”; “A Geografia da sala de aula na EJA e os sujeitos da EJA e suas singularidades: contribuições na formação de professores(as)”.

Por fim, no quinto capítulo, apresento as considerações finais sobre a pesquisa e indico possibilidades outras de continuação deste estudo com a intitulação “(In)conclusões: narrativa vida-formação, a EJA em movimento”.

Que essa e outras pesquisas ampliem o conhecimento, o debate e a reflexão sobre a formação de professores(as) de Geografia e outros componentes curriculares para atuar na EJA. Que a dimensão da experiência seja trazida pelas narrativas e se perpetuem como saberes necessários para atuar nessa modalidade de ensino.

2 A EDUCAÇÃO QUE SE CONSTRÓI: AS ITINERÂNCIAS DE FORMAÇÃO DO SI E DO SER

*[...] A polícia
Matou o estudante
Falou que era bandido
Chamou de traficante!
A justiça
Prendeu o pé-rapado
Soltou o deputado
E absolveu os PMs de Vigário!*

*A polícia só existe pra manter você na lei
Lei do silêncio, lei do mais fraco
Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
A programação existe pra manter você na frente
Na frente da TV, que é pra te entreter
Que é pra você não ver que o programado é você!*

Até Quando?

Gabriel O Pensador (2001).¹

Começo este capítulo de cunho referencial teórico com a letra de *rap* de Gabriel, o Pensador, usada como epígrafe acima, pois tenho a intenção de mostrar e fazer refletir sobre o contexto de lutas, incertezas e injustiças pelo qual a sociedade brasileira passa atualmente.

Entender o papel da educação, a partir das itinerâncias onde efetivamente se manifestam e concretizam a existência humana na realidade, faz-se fundamental. Essa existência deve ser compreendida como um intercruzamento entre prática, técnica e política, atravessada por uma propositividade teórica. Nascida, a partir de uma nova racionalidade científica, que é entendida por Boaventura de Sousa Santos (1986, p. 3) como “[...] um modelo totalitário, na medida em que nega o carácter racional a todas as formas de conhecimento que se não pautarem pelos seus princípios epistemológicos e pelas suas regras metodológicas”.

Com a crise da modernidade, esse paradigma dominante rompe com essa lógica racionalista trazendo o paradigma emergente que anuncia um outro aspecto social, científico, relacional e identitário, comungando, assim, com o pensamento de

¹ Trecho da letra de música pertencente ao álbum *Seja você mesmo (mas não seja sempre o mesmo)*. Ver em: <https://www.lettras.mus.br/gabriel-pensador/30449/>.

Moraes (1997, p. 70), que traz para esse novo panorama “[...] uma compreensão do mundo mais adequado à sobrevivência humana, [...] um dos fatores básicos essenciais para a vida humana como um todo”. Nessa perspectiva, a educação é tomada pelo novo contexto emergente e de humanização, através do seu processo de mediação entre as necessidades da existência humana e da formação de conhecimentos para o mundo do trabalho.

Na contemporaneidade, segundo Agamben (2009), temos uma singular relação com o próprio tempo, é o tempo da vida do indivíduo. Esse sujeito contemporâneo pode ser pensado como aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Esse tempo foi alterado a uma velocidade sem precedentes, com uma constância na sociedade, mediante a destruição das fronteiras nacionais para a liberação na movimentação de pessoas, mercadorias e capitais por todo o globo terrestre, possibilitou a globalização, um crescimento gigantesco dos ideais capitalistas, que, com seu projeto neoliberal, impôs à classe de professores uma formação precária e que, por muitas vezes, não contribui para uma efetiva escolarização dos sujeitos, permitindo, assim, a não constituição de cidadãos atuantes perante a sociedade

A partir desse resgate histórico das bases filosóficas que construíram e constroem a educação, posso pensar o processo formativo dos professores, de maneira geral, na contemporaneidade como um fluxo contínuo e cumulativo. Seja através das trajetórias de vida pessoal, na qual muitos tem contato com a docência ao ver seus pais e/ou familiares como exemplo, na formação inicial e/ou continuada e também pela formação experiencial.

Pelo universo das discussões a serem feitas em cada uma dessas etapas do processo formativo, a opção metodológica escolhida para que se consiga compreender o objeto de estudo desta pesquisa foi uma reflexão sobre a formação inicial dos professores de Geografia, por acreditar que esse é um ponto de transição fundamental para as itinerâncias que irão compor a sua trajetória profissional e, *a posteriori*, evidenciar como a formação experiencial vem a contribuir e preencher lacunas dessa formação inicial e entender que o processo de formação que se dá por essa perspectiva implica a possibilidade no centramento do sujeito e na globalidade da vida.

Para tal, começarei com uma discussão sobre o currículo que é desenvolvido nos cursos de licenciatura em Geografia de duas universidades públicas e um instituto federal, respectivamente: a UFBA, a UNEB e o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Dessa maneira, entrarei no tópico seguinte, avaliando como as experiências adquiridas pelos professores e professoras de Geografia permitem a construção de si e a colaboração com o outro na EJA. Essas experiências serão evidenciadas pelas narrativas das histórias de vida, pois elas revelam aspectos subjetivos que nenhum currículo ou documento oficial contendo normativas de como trabalhar com os sujeitos da EJA irá dar conta. Através das narrativas, tentarei criar aqui um espaço de diálogo, entre referencial teórico e as falas dos sujeitos, para que se possa trazer um norte a futuros professores de Geografia que se enveredem pela militância e desafios que a EJA possui.

2.1 O PROCESSO FORMATIVO INICIAL DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA NA EJA: ANÁLISE CURRICULAR

Para analisar e conceber como o currículo dos cursos de licenciatura em Geografia da Bahia está sendo pensado, devemos compreender o que é um currículo universitário de formação. Em relação ao currículo, é importante resgatar as ideias de Morin (2005, p. 24) ao apontar que “[...] o desenvolvimento da aptidão para contextualizar e globalizar os saberes torna-se um imperativo da educação”. Nessa abordagem, fica evidente que os currículos dos cursos na universidade precisam exercer um papel singular no estabelecimento das conexões entre as disciplinas do curso de graduação e o que é posto em sala de aula.

O marco fundamental na itinerância formativa de um professor ocorre em seu ingresso na universidade, mas não se esgota quando finda sua graduação. Isso porque tanto em sua trajetória de estudante universitário, quanto em sua experiência de profissional da educação ele se depara com lacunas e saberes a serem desenvolvidos. Isso se torna mais evidente quando ele(a) assume profissionalmente o espaço da sala de aula, ao perceber que os conhecimentos adquiridos ao longo de sua formação são insuficientes para enfrentar os desafios cotidianos do fazer pedagógico (MARCONDES; TURA, 2004).

A pesquisa realizada por Pimenta (2012) aponta que o currículo da formação inicial possui um distanciamento da realidade das escolas, com uma perspectiva burocrática, categórica e, algumas vezes, contraditória à prática educacional. Em relação ao professor da Educação Básica, mais especificamente o da EJA, as ações formativas das quais os professores participam muitas vezes são divergentes de sua realidade ou não têm um caráter reflexivo.

O espaço da sala de aula é, portanto, um cenário desafiador no que tange às inúmeras aprendizagens, às deficiências dos seus alunos, às pluralidades, ao universo interno dos seus educandos, ao estabelecimento de vínculo com os jovens e adultos.

Ao pesquisar sobre a formação de professores da EJA, encontro uma proposição alarmante de Dantas (2019, p. 30) ao mencionar que a formação para os professores e professoras dessa modalidade de ensino

sempre esteve na periferia das propostas de formação docente, da mesma forma que as políticas oficiais públicas para este segmento sempre foram omissas e resistentes em reconhecer a EJA como importante campo de formação e de pesquisa.

Dessa forma, a formação docente para a Educação Básica deve contemplar, como um dos itens de discussão e proposição, as questões relacionadas à escolarização de pessoas que não frequentaram a escola regular no tempo adequado por algum motivo. O debate em torno dessa questão aponta para a construção de um cenário educacional pensado como “prática da liberdade, ao contrário daquela que é prática da dominação, [que] implica a negação do homem abstrato, isolado, solto, desligado do mundo, assim como também a negação do mundo como uma realidade ausente dos homens” (FREIRE, 1998, p. 98).

A organização curricular da formação inicial dos professores deve, portanto, observar entre outros aspectos, o acolhimento, o trato da diversidade e o desenvolvimento de hábitos de colaboração e de trabalho em equipe. Essas diretrizes apontam para processos de mudanças que extrapolam ordenamentos legais, reunindo-se as angústias educacionais diante dos desafios presentes em torno da EJA. As universidades, particularmente, devem estabelecer uma relação de interdependência com esse complexo e dinâmico processo, colaborando na formação dos sujeitos que irão atuar na linha de frente. Promovendo, assim,

transformações sociais, rompendo com a cultura de dominação e sobrepondo a lógica da cultura tida como valorizada sobre a cultura dos educandos e de silenciamento de suas vozes.

Nesse processo de transformação, é necessário que o professor em formação reflita sobre o que ensinar, por que ensinar, para quem ensinar, de que forma ensinar, como estabelecer suas estratégias de ensino, visando atender às necessidades sociais específicas dos sujeitos das diversas modalidades de ensino. O currículo, nesse contexto formativo, portanto, precisa corroborar para um processo pedagógico que tenha significado na construção do conhecimento dos professores, corporificando os nexos entre o saber, poder e identidade.

Tendo posto isso, observa-se na prática, que os currículos acadêmicos de instituições públicas da Bahia não vêm atendendo às necessidades formativas dos novos professores em relação à EJA. Dentre eles, destaco aqui os currículos da UFBA, da UNEB e do IFBA. As escolhas, respectivamente, se deram, pois a primeira instituição de nível superior é a que possui o curso de Geografia mais antigo; a segunda, por ser a de maior abrangência e importância no interior do estado da Bahia; e a terceira, por ter criado o curso mais recentemente. Dessa forma, teremos a possibilidade de fazer uma descrição abreviada de realidades curriculares distintas, mas que se aproximam em um bem comum: a formação de professores de Geografia.

No curso de Geografia da UFBA, há um núcleo comum de 22 componentes curriculares aos cursos de licenciatura e bacharelado, possuindo oito componentes específicos obrigatórios e cinco específicos optativos para a Licenciatura no campo da Educação. Destaca-se, ainda, mais dois componentes curriculares optativos que são ofertados tanto para o bacharelado quanto para a licenciatura (ver Anexo C).

Já no curso de Geografia da UNEB, há um total de 79 componentes curriculares para a licenciatura, possuindo 26 componentes curriculares específicos para a Educação. Dentre elas, se encontra o componente curricular da EJA com carga horária de 45 horas, sendo de caráter teórico. Os componentes de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado são voltados para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Ensino Técnico (ver Anexo D).

Quanto ao curso de Geografia do IFBA, há um total de 44 componentes curriculares para a licenciatura, possuindo 13 componentes curriculares específicos para a Educação e mais duas optativas que podem ser da área de Educação ou específica de Geografia. Dentre as optativas, temos o componente curricular da EJA com carga horária de 60 horas, sendo de caráter teórico. Os componentes de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado são voltados para o Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano), Ensino Médio e Ensino Técnico (ver Anexo E).

O que se percebe é a construção de um planejamento curricular baseado em definições prescritivas sobre o que se deve aprender, sustentando místicas importantes sobre estado, escolarização e sociedade. Há uma construção de um currículo tradicional como mecanismo de exclusão social. Afinal, podemos nos perguntar, a quem interessa ou desinteressa professores recém-formados com qualificação adequada para atuar na EJA?

A formação inicial de professores de Geografia trata apenas de um princípio básico para a caminhada profissional e o que se destaca durante essa formação é a supervalorização do conhecimento disciplinar (específico da área) e um certo desprezo das Ciências da Educação, o que evidencia uma tradição conservadora, com fortes vínculos embasados na racionalidade técnica. Segundo Candau (1999, p. 33), os conteúdos específicos, na licenciatura em Geografia, têm mais destaque do que os pedagógicos, o que caracteriza um problema que ainda não foi superado:

A questão da articulação entre a formação do conteúdo específico e no pedagógico continua não resolvida. A chamada integração se limita, na grande maioria das vezes, a procurar uma relação mais adequada de sucessão ou concomitância entre estas duas dimensões de formação. [...] Quando se tenta uma articulação interna entre o conteúdo específico e o pedagógico, esta fica limitada a algumas disciplinas consideradas integradas como Prática de Ensino, as Didáticas Especiais e/ou as instrumentações para o Ensino.

Essa formação tem sido “[...] bastante marcada pela aprendizagem de conteúdos teóricos da Geografia acadêmica, e de suas diversas especialidades, sem uma reflexão sistemática de seu significado e de modos de sua atuação na prática docente” (CAVALCANTI, 2008, p. 96). Os componentes curriculares obrigatórios, quanto aos optativos, não contemplam discussões e nem contribuem para o processo formativo inicial dos professores de Geografia que irão trabalhar na EJA. E um questionamento central aparece ao vermos a realidade desse currículo:

como um professor recém-formado irá lidar com alunos(as) que possuem necessidades tão específicas?

Esse currículo conteudista e que favorece ao conhecimento específico da Geografia fornece instrumentos que fomentam o entendimento sobre as correntes filosóficas que permitiram o desenvolvimento do modelo de educação vigente no país, no qual não se teve a quebra de paradigmas que mediaram o modo de ensinar em diversas épocas históricas, mantendo-se a repetição de certas convenções no ambiente escolar e a crise da educação nas suas origens e permanências.

Torna-se imprescindível contemplar a articulação entre os saberes experienciais advindos do cotidiano para a produção do conhecimento. Diante dessas considerações, espera-se que ao concluir o curso de licenciatura em Geografia, o novo professor possa demonstrar, de modo crítico e reflexivo, a capacidade de promover integração entre os saberes científicos da área de conhecimento e uma prática pedagógica inserida na realidade socioespacial e cultural dos estudantes. Assim, Tardif (2014, p. 242) destaca:

O que é preciso não é exatamente esvaziar a lógica disciplinar dos programas de formação para o ensino, mas pelo menos abrir um espaço maior para uma lógica de formação profissional que reconheça os alunos como sujeitos do conhecimento e não simplesmente como espíritos virgens aos quais nos limitamos a fornecer conhecimentos disciplinares e informações procedimentais, sem realizar um trabalho profundo relativo às crenças e expectativas cognitivas, sociais e afetivas através das quais os futuros professores recebem e processam esses conhecimentos e informações.

Considerando, portanto, que o processo de ensino-aprendizagem é, essencialmente, uma atividade humana (FREIRE, 1997). Uma atividade que requer diálogo permanente, aumentando a capacidade de escutar o outro, de colaborar com o outro, respeitando-se as diferenças contemporâneas que são advindas do modelo social e econômico atual e desvelando as informações manipuladas. Mediando “formas de leitura do mundo, que englobe tanto o espaço mais próximo/local quanto o mais distante/global, isto é, o local submetido à influência das relações globais”. (BERTIN, 2016, p. 28). Preponderando-se que nas condições atuais da vida, “a informação constitui um dado essencial e imprescindível. Mas na

medida em que o que chega às pessoas, como também às empresas e instituições hegemônicas [...] se apresenta como ideologia”. (SANTOS, M., 2000, p. 20).

É por isso que, não podemos fugir dos ensinamentos da V Conferência Internacional de Jovens e Adultos (Confinteia), que nos alerta para o cumprimento do entendimento da EJA, como sendo:

[...] todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, onde pessoas consideradas ‘adultas’ pela sociedade desenvolvem suas habilidades, enriquecem seu conhecimento e aperfeiçoam suas qualificações técnicas e profissionais, direcionando-as para a satisfação de suas necessidades e as de sua sociedade. A educação de adultos inclui a educação formal, a educação não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (SESI; UNESCO, 1999, v. 1, p. 42).

A EJA constitui, assim, um conjunto diverso de possibilidades que permite ao oprimido, que ainda não teve a oportunidade, conhecer o mundo de maneira reflexiva (FREIRE, 1998). Essa prerrogativa nos convoca a pensar ainda sobre formas de resistir a uma educação de massa, na contemporaneidade, na qual tem sido valorizada e racionalizada como um meio de progresso social. Meyer e Kamens (1992, p. 592) argumentam que esse tipo de educação

é a forma simbólica chave de pertença da política moderna. A educação é o mecanismo que constrói indivíduos enquanto cidadão e determina os seus legítimos lugares na estrutura social. [...] a educação é uma instituição crucial, na medida em que legitima quer a estrutura política, quer a estrutura econômica, não através da transformação dos indivíduos através da socialização ou alocação, mas através da definição institucional dos produtos da escolarização como cidadãos competentes que ganharam a sua posição no sistema de estratificação

Nesse âmbito, vejo que a EJA é resistência, no sentido de alterar os efeitos da origem de classe. Sendo modalidade de educação construída para “[...] sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas. Sendo que qualquer tentativa de diluí-los em categorias muito amplas os desfigura” (ARROYO, 2007, p. 7).

O diálogo permanente entre alunos e professores da EJA permite a construção de narrativas de experiência ou, como denomina Goodson (2007) “aprendizagem narrativa”, tipo de aprendizagem que se desenvolve pela elaboração e manutenção continuada de uma narrativa de vida ou de identidade. E entre erros e acertos na condução da sala de aula ou até mesmo nos conteúdos ensinados para

que tenham uma leitura de mundo mais aguçada. Dessa forma, o processo de ensino e aprendizagem da Geografia demanda uma formação consistente, para que os professores possam desenvolver uma *práxis* que proporcione aos sujeitos dessa modalidade de ensino uma reflexão propositiva, crítica e que sejam protagonistas das ações no local onde vivem, no mundo, em seu país, em seu estado, em seu município. Assim, pela compreensão da aprendizagem dentro do contexto de vida, é que devemos captar os sentidos na questão do engajamento com a aprendizagem, da relação com as pessoas vivendo suas vidas.

2.2 EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS COMO DISPOSITIVOS DE FORMAÇÃO

O cenário de investigação sobre a formação docente é concebido como um campo de lutas e interesses estabelecidos nas relações de força e de poder e, por isso mesmo, ele não é estático nem imóvel, mas inconstante, dinâmico em um estado transitório (DINIZ-PEREIRA, 2013). Tais forças geradas no contexto dessa formação nos convoca a pensar que as práticas pedagógicas crítico-reflexivas produzidas por esses(as) professores(as) nos levam a criar formas de resistência a uma educação de massa, a qual tem sido valorizada e racionalizada como um meio de progresso social na contemporaneidade.

O que trago em destaque é um processo formativo de cunho experiencial em que o sujeito, em sua individualidade ou coletividade, emerge de uma consequente atualização desse conjunto de forças que o envolve e age entre si, produzindo novos traços ou tocando naqueles adormecidos, acessando os processos de subjetivação desse profissional. Nesse movimento, em que o sujeito-professor é sacudido e afetado, existe um atravessamento que o lança para fora em um refazimento e constituição da sua existência enquanto sujeito e docente (PEREIRA, 2016).

Como o sujeito é um indivíduo que se faz e se refaz permanente, no mesmo sentido, podemos pensar sobre o professor emergido em suas experiências, uma vez que não há como separar o “professor da pessoa” (NÓVOA, 1995). Isso nos leva a compreensão de que o “ser professor” é impactado pela pessoa, assim como a pessoa interfere em seu “ser profissional”. Percebe-se, desse modo, a importância do investimento pessoal e profissional do professor.

Quanto ao exercício da docência em EJA, que se pretende ser transformador de sujeitos, devemos buscar estabelecer uma conexão no relacionamento entre questões particulares e gerais, entre o indivíduo e a sociedade, entre os componentes curriculares e a escola, e entre ela mesma e seu entorno social, a fim de que se potencialize a ampliação do espaço de participação social de parcelas da população excluídas de processos formais de ensino.

O professor deve, assim, compreender as necessidades socioeconômicas dos alunos, dar atenção à diversidade na aula, estimular a heterogeneidade, favorecer a individualização e a socialização do ensino, potencializar processos de colaboração reflexiva entre os profissionais, desenvolver intervenções pedagógicas para os alunos com maiores necessidades sociais em uma dimensão mais cognitiva, adequar e adaptar as práticas pedagógicas às necessidades educativas dos alunos.

Tais propostas vão ao encontro ao pensamento de Perrenoud (2001, p.104):

A formação de profissionais reflexivos deve-se tornar um objetivo explícito e prioritário em um currículo de formação de professores; em vez de ser apenas uma familiarização com a futura prática, a experiência poderia, desde a formação inicial, assumir a forma simultânea de uma prática real e reflexiva.

Entretanto, o que se percebe na realidade do cotidiano escolar são acúmulos de queixas dos professores em formação e/ou dos que já estão na prática da sala de aula, falta de consistência na formação profissional docente oferecida nos cursos de nível superior. E, no caso específico da EJA, a falta de experiência e/ou formação específica reflete-se na evasão estudantil, por conta da não atratividade nas aulas. Dessa maneira, ao pensarmos sobre a questão da construção do conhecimento dos professores de Geografia e do desenvolvimento da *práxis* da sala de aula, especificamente em EJA, é necessário refletir sobre a dimensão da experiência. Experiência essa que saiba agregar e valorizar a diversidade dos diferentes lugares e a trajetória percorrida pelos grupos, bem como as diferenças físicas e cognitivas presentes.

Considerando a formação no âmbito da experiência como uma categoria importante para o presente estudo, lembramos das reflexões de Larrosa (2004) ao falar que a experiência agora não é mais definida por um tempo cronológico vivido, e

sim pelos momentos em que somos atravessados e levados a novos modos de existir.

Em Heidegger (1987, p. 143), temos uma definição de experiência que converge com Larrosa e nos ajuda a entender as complexidades presentes no processo formativo do sujeito:

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em 'fazer' uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, 'fazer' significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

A complexidade do professor, sujeito de experiência, é vista sob um ponto de vista subjetivo, pois o mesmo é um sujeito sofredor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido e ao mesmo tempo um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, anestesiado, apático, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. O professor de Geografia constrói, assim, as suas ações pedagógicas pautadas nas subjetividades dos elementos expostos acima e, além disso, no contato diário com os estudantes em sala de aula.

É relevante salientar ainda que a EJA não se refere apenas ao ato de inserir esse aluno no ambiente escolar, mas garantir efetivamente a escolarização do sujeito. Todavia, para que essa inserção tenha êxito, é necessária uma melhor formação dos profissionais da educação, considerando-se que os cursos de licenciatura durante muitos anos não ofereceram disciplinas e nem formações que contemplassem essa nova realidade educacional. Em suas análises sobre formação de professores, Paulo Freire (2003, p. 42-43) ressalta que “[...] na formação permanente de professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Partindo dessa perspectiva, analisar as narrativas (auto)biográficas é, então, o processo de compreensão sobre o fluxo contínuo da vida, permitindo-nos aprendizagens a partir das experiências do outro. Dessa forma, podemos pensar que experiência e vida estão inter-relacionadas. E nós, educadores, estamos

interessados na aprendizagem e no ensino de como ocorre esse processo, pois, temos no nosso cotidiano, a tarefa de lidar com vidas, valores, atitudes, crenças e sistemas sociais diferentes. Dentro desse contexto, as pessoas ao contarem e recontarem suas histórias, se reafirmam, modificam e reconfiguram suas experiências. Estas estão sempre em interação e dentro de um contexto social. Dessa maneira, podemos conceber a experiência como algo contínuo e numa noção de que uma experiência leva a outra experiência.

Compreender a experiência pelo método (auto)biográfico é observar momentos históricos de tempo e espaço numa perspectiva de (des)continuidade das aprendizagens de vida.

Tenho que destacar que, no pensamento (auto)biográfico, o contexto está sempre presente, e a reflexão na ação se dá sobre o contexto de prática no qual os pesquisadores se inserem. O resultado disso, trazido com as pesquisas, é apresentar uma nova percepção de sentido e relevância acerca do objeto de pesquisa. No caso em questão, há uma busca para se trazer elementos que subsidiem o processo formativo e a *práxis* dos professores de Geografia que atuam na EJA da rede pública estadual de educação da Bahia. Pretendo oferecer aos leitores um lugar para imaginar possibilidades e aplicações entre os docentes a serem desenvolvidas com os sujeitos pertencentes a essa modalidade de ensino.

Contar, recontar, viver e reviver essas histórias nos permite, portanto, o crescimento e a transformação das nossas próprias histórias de vida, a partir das experiências do outro. Gerando assim, desenvolvimento e mudança na concepção de si próprio. Macedo (2015, p. 52) traz que

Pesquisar – com a experiência significa encontrar mundos subjetivados, incertos, ligados ao acontecer, ao singular. Portanto, acompanhar a experiência é mostrar as relações que estabelece com os acontecimentos. É assim, que a pesquisa da/com a experiência pensa a subjetivação como simbolização constituída em interação, em negociações constantes de sentidos e significados.

Mediante tudo isso, concordo que a experiência formativa é uma composição que traz, em seu processo dialético, trocas que envolvem as questões sociais, políticas e culturais pertencentes aos sujeitos. Em uma construção e reconstrução

de novas experiências e reagrupamento do que foi aprendido consigo, com o outro e com o ambiente humano e natural que o compunha (JOSSO, 2004).

Percebo assim, que o processo formativo docente em qualquer modalidade de ensino ou área e/ou campo do conhecimento são necessários e precisam ser contínuos. Uma vez que as experiências constitutivas não ocorrem de modo definitivo e imutável, sejam elas iniciais ou continuadas, também não são estáticas, previsíveis ou lineares. Já que esse processo tem uma relação com as dimensões do construir e se (re)construir dos sujeitos-professores, pois esses sujeitos são atravessados por todos os entornos que os envolvem.

Assim, a partir das proposições aqui elencadas nesta discussão teórica, deixo claro que em momento algum pretendo esgotar a temática sobre a formação de professores de Geografia e, mais especificamente em EJA. Devido às limitações de tempo e, sobretudo, à complexidade que envolve o campo de formação de professores e o da própria EJA, valido a necessidade de continuar as discussões, reconhecendo que a prática está relacionada com condições adversas, principalmente as vivenciadas durante a formação inicial. Sendo a experiência e as histórias narradas sobre essas vivências fundamentais para se pensar em melhorias para o ensino da Geografia na EJA.

3 TRILHAS PARA REVELAR O CONHECIMENTO: O EXERCÍCIO DA PESQUISA

A investigação da temática, [...], envolve a investigação do próprio pensar do povo. Pensar que não se dá para fora dos homens, nem num homem só, nem no vazio, mas nos homens e entre os homens, e sempre referido à realidade. (FREIRE, 2003, p.140).

Neste capítulo, pretendo justificar a escolha da abordagem qualitativa para a realização dessa pesquisa, bem como apresentar as motivações que me levaram a adotar o uso das entrevistas narrativas *on-line* para considerar o objeto investigado. Procurarei delinear as etapas vivenciadas durante o processo de investigação.

É preciso salientar que cada momento desta pesquisa de mestrado não foi fácil, pois, como já citado na introdução, estamos vivendo um momento de crise sanitária global pela pandemia de *covid-19*. As aulas que seriam presenciais se tornaram virtuais pela Plataforma Microsoft Teams. Nós, alunos e alunas, e os professores tivemos que nos adaptar a esse modelo emergencial de ensino rapidamente. Krenak (2019) nos aponta que, no período contemporâneo em que estamos vivendo, ocorreram grandes modificações no tempo e espaço. Convocando-nos, assim, para uma desterritorialização dos corpos e das relações entre os sujeitos. Boaventura de Sousa Santos (2020, p. 24) coloca também que “[...] a pandemia e a quarentena estão a revelar que são possíveis alternativas, que as sociedades se adaptam a novos modos de viver quando tal é necessário e sentido como correspondendo ao bem comum”. Para além dessa questão, estamos vivendo em meio a uma crise política na qual o presidente brasileiro atual nega a ciência, cortando verbas para pesquisas importantes e gerando um mal-estar generalizado na comunidade acadêmica. Dentro desse contexto mais dilatado,

estamos vivendo uma fase de gravíssima crise sanitária e política que atinge de forma combinada o Brasil e o mundo, em que tanto a vida das pessoas quanto as liberdades democráticas estão em perigo diante das constantes tensões entre os poderes do Estado e das recorrentes tentações autoritárias que permeiam parte significativa das classes dirigentes e da sociedade brasileira. (FRESU, 2020, p.42).

Sem dúvida, estamos vivendo um momento de (re)existência da educação, das pesquisas, dos professores em tempos de pandemia. Paulo Freire (1998, p. 78) nos alenta ao dizer: “existir humanamente é pronunciar o mundo, é significá-lo. O

mundo pronunciado, por sua vez, volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar”.

Percebo, então, que as pesquisas educacionais do triênio 2020-2021-2022, assim como outros campos da nossa sociedade, foram afetadas pela pandemia, mas estamos aqui nos (re)adaptando, (re)construindo e (re)significando. Por conta dos motivos anunciados, posso afirmar que as etapas metodológicas não ocorreram de maneira isolada ou em uma sequência ordenada. Aprendendo com Lüdke e André (2014, p.14) que o pesquisador deve dispor nesses arranjos toda sua astúcia, “[...] habilidade técnica e uma dose de paixão para temperar (e manter a têmpera!). Mas que cerque o seu trabalho com o maior cuidado e exigência, para merecer a confiança dos que necessitam dos seus resultados”.

É sempre emocionante investigarmos um fenômeno, em meio a dúvidas e inquietações, explorando, com todos os sentidos, o campo de coleta e refletir sobre o sentido da pesquisa e superar cada etapa em busca de novos conhecimentos na minha formação e na formação de outros professores de Geografia que trabalhem na EJA. Nessa perspectiva, Gatti (2012, p. 62) corrobora ao dizer que “[...] pesquisar é avançar fronteiras, é transformar conhecimentos e não fabricar análises segundo determinados formatos”.

Esse avançar de fronteiras colocado por Gatti (2012) é o que permite o sujeito se mover por aventuras, sem controle ou planejamento do que irá emergir do contexto. Sendo estas compostas de forma provisória, pois a qualquer momento o sujeito pode ser tomado por novos conhecimentos, que gerem novos movimentos.

Essa subjetividade é interpelada por um campo de forças que possibilita ao sujeito uma consciência de si. Sitja e Reis (2009) dizem que a própria vida passa a ser concebida como um processo de conhecimento contínuo e cíclico, o que me leva a compreender que a vida é cercada de aprendizagens e descobertas de si e do outro. Também comungo com Dantas (2009, p. 48) ao falar que a formação que se dá por essa subjetividade é “um processo contextualizado que se constrói nas trajetórias da escolarização, nas vivências, nas trocas de experiências ao longo da vida que nos torna um constante aprendiz”.

Tendo apresentado o contexto social, político, econômico, assim como as questões pessoais e subjetivas em que esta pesquisa se insere, destaco no próximo

tópico, os prelúdios que contribuíram para o caminhar da trilha metodológica desse estudo.

3.1 ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

A metodologia consiste em uma opção referente “como” realizar uma pesquisa de modo a atender aos objetivos da mesma (IVENICKY; CANEN, 2016) e ao pensar sobre o projeto em questão foi feita uma opção pela abordagem qualitativa.

Maria Marly Oliveira (2016, p. 37) menciona que a abordagem qualitativa ou pesquisa qualitativa como sendo “[...] um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”. É fato que a metodologia qualitativa “não se define por uma coleção de técnicas e instrumentos; e sim, pela lógica que orienta o processo de investigação; lógica esta que, por sua vez, é determinada pelos pressupostos teóricos-epistemológicos” (MAZZOTTI, 1991, p. 56) que determinam o paradigma desta pesquisa.

Pádua (2002, p. 34) também colabora com a reflexão sobre as pesquisas qualitativas ao falar que elas “[...] têm se preocupado com o significado dos fenômenos e processos sociais, levando em consideração as motivações, crenças e valores, representações sociais, que permeiam a rede de relações sociais”. O que se pretende não é a descrição de fatos, mas entender a ocorrência e o seu sentido, para interpretá-los. Além de possibilitar ao pesquisador um maior engajamento com as realidades investigadas, em um compromisso com as necessidades e possibilidades de melhoria no cenário socioeducacional (ANDRÉ, 2005). Esse tipo de pesquisa permite-nos vivenciar as experiências que estão sendo analisadas pelo pesquisador, a partir do contexto com os sujeitos da pesquisa (GAMBOA, 2013).

Vale destacar que a escolha do tema não ocorreu de forma imediata, pois o percurso metodológico teve como início a elaboração de um projeto que tinha como pretensão compreender como ocorre o processo formativo dos professores de Geografia que trabalham na Rede Estadual de Educação do estado da Bahia, no município de Simões Filho. Entretanto, com as mudanças impostas pela *covid-19* e a

indefinição do retorno às aulas, ficou inviável o contato com os sujeitos estabelecidos preliminarmente. A partir dos encontros de orientação com a professora Tânia Dantas, nos quais tive discussões e trocas muito importantes, resolvi fazer o contato com os professores de Geografia que atuam na EJA em pontos diversos da Bahia. Esse contato se deu via *WhatsApp*, por um grupo de professores da EJA da rede estadual de educação e por rede de vinculação na qual contei com a ajuda de outros colegas professores(as) e coordenadores(as) que conheciam professores de Geografia que trabalham em escolas estaduais. Após a autorização e considerações do Comitê de Ética e da Qualificação, foram realizadas cinco entrevistas narrativas *on-line* com professores de escolas estaduais situadas nos municípios de Itanagra, Salvador, Vera Cruz, Candeias e Camamu (ver Apêndice B).

Para uma boa pesquisa qualitativa é necessário a estruturação e o desenvolvimento de três grandes etapas: 1) preparação da pesquisa, com a definição do objeto e levantamento bibliográfico sobre a temática; 2) coleta das informações; e 3) análise das informações.

Nessa conjuntura, é interessante começar entendendo a questão do método, como um caminho a ser percorrido para se chegar a um determinado resultado. O método é uma construção intelectual que o pesquisador aborda a partir da sua compreensão de mundo. Para Sposito (2004, p. 24),

a questão do método é fundamental porque se trata da construção de um sistema intelectual que permita, analiticamente, abordar uma realidade, a partir de um ponto de vista, não sendo um dado a priori, mas 'uma construção', no sentido de que 'a realidade social' é intelectualmente construída.

Neste estudo, a compreensão será ancorada no método (auto)biográfico, tendo como dispositivo de recolha de dados as entrevistas narrativas *on-line* realizadas com os cinco professores de Geografia que lecionam na EJA da rede pública estadual da Bahia. Quanto ao método proposto, Delory-Momberger (2012, p. 525) traz que a “[...] compreensão narrativa da experiência se apresenta como uma escrita, isto é, como um modo de apreensão e de interpretação da vivência, com sua dinâmica e sua sintaxe, seus motivos e suas figuras”. Nessa perspectiva, Passeggi,

Souza e Vicentini (2011) corroboram ao dizer que “não se trata de encontrar nas escritas de si uma ‘verdade’ preexistente ao ato de biografar, mas de estudar como os indivíduos dão forma às suas experiências e sentido ao que antes não tinha”. Sobre a questão da entrevista, Delory-Momberger (2012, p. 527) contribui ao falar

[...] A entrevista de pesquisa biográfica instaura assim um duplo empreendimento de pesquisa, um duplo espaço heurístico que age sobre cada um dos envolvidos: o espaço do entrevistado na posição de entrevistador de si mesmo; o espaço do entrevistador, cujo objeto próprio é criar as condições e compreender o trabalho do entrevistado sobre si mesmo.

Nesse ínterim, utilizei os relatos de experiência dessas entrevistas narrativas como caminho reflexivo da prática docente e como meio de encontro sobre as histórias de vida de profissionais que se encontram em uma realidade tão específica, diversa e adversa. Delory-Momberger (2012, p. 529) nos lembra que “o relato, [...], não é somente o produto de um ‘ato de contar’, ele tem também o poder de produzir efeitos sobre aquilo que relata”. Para tanto, fiz um diálogo entre o referencial teórico e as narrativas dos professores entrevistados acerca das práticas pedagógicas e do processo formativo dos professores de Geografia que atuam na EJA. Com o intuito de preservar a identidade dos narradores-participantes empreguei somente o primeiro nome para trazer vida aos relatos dos(as) professores(as) que foram escolhidos para este trabalho.

Percebo nesse contexto que as entrevistas narrativas são consideradas como um procedimento de construção de dados de pesquisa sociológica, cujo objetivo é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes. Permitindo, assim, um expressivo protagonismo do narrador, uma vez que teremos a possibilidade de aprofundar sobre sua trajetória pessoal e profissional.

Tendo em vista essa situação, é necessário que se encoraje e estimule o entrevistado a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida. Para tanto, será necessário cumprir uma série de regras como: ativar o esquema da história; provocar narrações dos informantes; e, uma vez começada a narrativa, conservar a narração andando através da mobilização do esquema autogerador (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2002).

Após a conclusão da etapa intermediária, foi realizado o processo de transcrição das entrevistas narrativas. Estas permitiram a observação repetida e

detalhada do discurso e conteúdo da entrevista. Davidson (2009, p. 37) advoga que “as transcrições constituem-se como um processo que é teórico, seletivo, interpretativo, e representativo”. Assim, parece razoável reconhecer que transcrever está longe de ser uma tarefa objetiva, impessoal e mecanizada, consistindo antes na apreensão do que é dito e da forma como é dito de modo a compreender os significados (STUCKEY, 2014).

No terceiro momento da pesquisa, foi realizada a análise dessas entrevistas para a produção do texto final da dissertação. O tipo de análise que melhor se encaixa para esse objeto de tudo é a compreensiva-interpretativa, pois, concebe-se entre si relações de dialogicidade e reciprocidade, tendo em vista aproximações, vizinhanças, mas também singularidades em seus tempos e momentos de análise. Souza (2014, p. 43) coloca que essas etapas buscam revelar as relações existentes entre

o objeto e/ou as práticas de formação numa perspectiva colaborativa, seus objetivos e o processo de investigação – formação, tendo em vista apreender regularidades e irregularidades de um conjunto de narrativas orais ou escrita; partem sempre da singularidade das histórias e das experiências contidas nas narrativas individuais e coletivas dos sujeitos implicados em processos de pesquisa e formação.

Souza (2006, 2014) compreende as etapas em três tempos: Tempo I: Pré-análise/leitura cruzada (organização e leitura das narrativas, tendo em vista a construção do perfil do pesquisado); Tempo II: Leitura temática ou unidades de análise temática/descritiva (apreensão de regularidades, irregularidades, particularidades e subjetividades de cada história); Tempo III: Leitura interpretativa-compreensiva do *corpus* (processo de análise, desde seu início).

Essa forma de análise se revela de grande importância para essa pesquisa, pois ela sistematiza particularidades individuais e/ou coletivas das experiências significativas dos sujeitos em suas trajetórias de vida. Permitindo, assim, a reflexão da minha formação e a elaboração de um texto teórico (dissertação) que servirá como fonte de estudos para outros professores de Geografia, focando e demonstrando processos de formação e aprendizagem no âmbito do desenvolvimento das capacidades e dos conhecimentos a serem trabalhados com os sujeitos da EJA, com o intuito de significá-los.

3.2 NARRATIVAS (AUTO)BIOGRÁFICAS E A CONSTRUÇÃO DE SI NA EJA

A pesquisa (auto)biográfica requer uma reconstrução da experiência de uma pessoa em relação aos outros e ao ambiente social. Para que isso ocorra, é necessário que o tempo, o espaço e outras pessoas apareçam dentro de um contexto. Dessa forma, devemos conceber as pessoas como elas são vistas, materializando suas histórias vividas. Precisamos estar atentos para possíveis tensões que venham a ocorrer entre as histórias narradas e os nossos objetos de pesquisa, mas sempre considerando que o trabalho junto aos participantes pode contribuir para a construção de caminhos interessantes e possíveis de serem percorridos ao longo deste estudo.

É relevante salientar que as narrativas se destinam ao entendimento e à compreensão de sentidos educativos de crítica e crescimento sobre sua experiência por refletir-se sobre ela. Macedo (2015, p. 39) coloca que

a experiência não pode ser considerada um adorno em relação à formação, uma ponte que facilita o caminhar da aprendizagem, mas um verdadeiro referencial que nos serve para avaliar uma situação, uma atividade, um conhecimento novo, um ser em transformação.

As experiências formativas são resultantes de vivências dialógicas em que o sujeito se insere na sociedade. Para termos compreensão sobre essas informações, as narrativas se revelam como uma excelente chave de acesso. Para Delory-Momberger (2008, p. 37), “é a narrativa que confere papéis aos personagens da nossa vida, que define posições e valores entre eles; [...] que constrói, entre as circunstâncias, os acontecimentos, as ações, as relações de causa”. Sendo a sua importância advinda do entendimento de que as pessoas constroem e dão sentido a sua vida através dos que elas criam.

A narrativa é uma possibilidade de escuta do outro, mas, sobretudo, da escuta de si, porque ao ouvir e falar do outro, falamos e ouvimos sempre um pouco de nós mesmos. A experiência do outro é algo que pode nos acontecer. Assim, as

narrativas dos sujeitos e professores que já trabalham na EJA são uma possibilidade de aquisição de conhecimentos no processo formativo de outros sujeitos e professores que estão ou irão se inserir nessa modalidade de ensino, revelando novos saberes dos sujeitos estigmatizados e excluídos da sociedade (FREIRE, 1998).

Os pesquisadores Jovchelovitch e Bauer (2002, p. 91) nos lembram que:

as narrativas são infinitas em sua variedade e nós as encontramos em todo lugar. Parece existir em todas as formas de vida humana uma necessidade de contar; contar histórias é uma forma elementar de comunicação humana e, independentemente do desempenho da linguagem estratificada, é uma capacidade universal. Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social.

Nesse sentido, Kleyne Cristina Dornelas Souza (2020, p. 84) corrobora ao dizer que a experiência narrada “resgata um momento vivido e se transforma em uma nova experiência para quem narra e para quem ouve. No momento em que é transmitida a outras pessoas, ela ganha vida e significado”. Assim, as narrativas fundam a experiência humana e constituem uma forma de transmissão de informações, contribuindo para o reavivamento de memórias, para o sentimento de pertença e para dar voz e visibilidade aos sujeitos que historicamente foram excluídos do processo de ensino-aprendizagem. De modo evidente, essa dinâmica se deve ao fato de que vidas humanas estão constantemente se deslocando em direção ao novo. As palavras surgem, então, como uma erupção no ato da subjetivação. As narrativas inserem-se nessa propositividade, “expressa tanto os pensamentos e sentimentos singulares, assim como os significados sociais embutidos nos sistemas culturais e, em seu caráter conotativo”. (OLIVEIRA; SATRIANO, 2014, p. 59). Dessa forma, estimulando o processo de interação entre o homem e o ambiente e a sua própria constituição como sujeito.

As narrativas, portanto, convocam o sujeito à reconstrução de seus trajetos e repertórios, exercitam um trabalho de construção da memória que acarreta a reconstrução do pensar sobre si. Uma memória que lembra, que reconstrói, que esquece e que inventa, torna-se potente de uma imaginação criadora (CASTORIADIS, 2004).

A inspiração me propõe a considerar que os estudos e pesquisas sobre as narrativas (auto)biográficas acenam para a possibilidade de uma ratificação dos saberes a partir de um reconhecimento identitário. Lyotard (2002, p. 38) afirma que “[...] a forma narrativa, diferentemente das formas desenvolvidas dos discursos de saber, admitem nela mesma uma pluralidade de jogos de linguagem: encontram facilmente lugar no relato dos enunciados denotativos”.

Já para Schütze (1992, p. 8-9), é por meio da:

[...] narração [...] de certas fases e episódios da vida [...], o narrador exprime uma ordem e estrutura de identidade básica para a sua vida que é vivida e experienciada até o momento e que se expande em direção ao futuro que está por vir. A expressão narrativa da própria vida lida não apenas com eventos externos que ocorrem com o indivíduo, mas também com as mudanças internas que a pessoa deve enfrentar ao experienciar, reagir a, moldar (e até parcialmente produzir) esses eventos externos. E reconhecendo, através da narração [...] como alguém se sentiu ao experienciar os eventos externos é um primeiro passo para o indivíduo equacionar a contínua construção e transformação de seus estados internos e sua importância, para a estrutura da identidade da história de vida em desenvolvimento.

As memórias evocadas a partir das narrações desses sujeitos vão constituir um papel essencial no fortalecimento do eu individual-profissional-coletivo, mas, especialmente, para o entendimento e confronto dos acontecimentos diários na sociedade contemporânea globalizada. Pineau (2006, p. 240) caracteriza a narrativa autobiográfica “como um meio pessoal maior, e talvez incontornável, do exercício em um círculo diferente do ‘curvar-se (fechar) reflexivo e desdobrar-se (abrir) narrativo’”. A riqueza dessa forma de abordagem reside, dentre outros aspectos, no fato de que as narrativas (auto)biográficas fazem emergir momentos da história dos sujeitos, que evidenciam elementos de sua cultura e formação que podem ser examinados pelo pesquisador (GALVÃO, 2005).

Em relação à Educação de Jovens e Adultos, torna-se interessante destacar quais sujeitos envolvidos nessa modalidade de ensino estamos nos referindo quanto às suas narrativas: alunos estigmatizados, tratados *a priori*, como repetentes, evadidos, defasados conforme nos lembra Arroyo (2001). Nesse âmbito, entendemos que as narrativas são um meio de evidenciar e garantir a aprendizagem dos mesmos, no momento em que se há uma exposição das suas lutas ao longo da

vida. Permitindo, dessa forma, que haja uma integração entre o Estado, as organizações da sociedade, o setor privado, a escola e os professores, para tentar corrigir as mazelas constituídas no mundo contemporâneo desses sujeitos pelos ideais capitalistas e pela divisão de classes – proprietários e proletários – que nos regem. Visando quebrar também com a lógica demonstrada por Marx e Engels (2001, p. 41), “[...] a exploração de uma parte da sociedade por outra é um fato comum a todos os séculos anteriores”.

A narrativa, nesse contexto, não é apenas o produto de um “ato de narrar”, ela tem também um poder de efetivação sobre quem a narra. “Cada situação e cada experiência é singular, cada um de nós tem o seu modo particular de vivê-la, de lhe dar sua forma e sua significação”. (DELORY-MOMBERGER, 2016, p. 140).

As narrativas (auto)biográficas centram-se então nas trajetórias, percursos e experiências dos sujeitos, que são marcadas por aspectos históricos e subjetivos frente às reflexões e análises construídas por cada um sobre o ato de lembrar, narrar e escrever sobre si (SOUZA, E. C., 2014). Por essa lógica, as experiências que são evocadas pelas narrativas são de um valor singular na constituição dos sujeitos frente às adversidades, ao “[...] desenvolvimento explorador e espoliativo do capitalismo, a massificação das relações sociais, o descompasso entre o alto desenvolvimento tecnológico e a miséria social de milhões de pessoas” (GOHN, 2009, p. 20), pois elas vão indicar proposições que reconheçam as múltiplas identidades e respeitem as diferenças.

Dentro da perspectiva da contemporaneidade, há uma experiência dentro do tempo-espaço de si e dos outros, desvelando ameaças e possibilidades da vida. Os professores da EJA precisam considerar as questões voltadas ao lugar onde os sujeitos vivem e ao direito a não exclusão aos bens e serviços a que eles têm direito na cidade e no mundo. Garantindo também, a oportunidade de enxergar processos que estão sendo construídos por/para ele na condução do seu crescimento intelectual, moral e ético do indivíduo em comunidade, propiciando que cada um se conscientize e se responsabilize pelo destino de sua própria vida.

3.3 PROFESSORES DE GEOGRAFIA: OS SUJEITOS DA PESQUISA

Na tentativa de melhor conhecer os sujeitos de investigação, faz-se oportuno caracterizá-los e identificá-los em sua atuação profissional, com vistas a possibilitar a posterior apreensão do processo de formação experiencial desenvolvido nas suas trajetórias pessoais, profissionais e/ou acadêmicas em que estão envolvidos.

Primeiramente, para refletirmos sobre quem são os professores em análise e como eles(as) atuam no panorama atual, precisamos pensar no contexto, ao qual estamos inseridos, pois devemos considerar que o ato de ensinar Geografia nos coloca em contato imediato com a realidade. Espaço que é dinâmico e mutável e, por essa razão, sofre alterações cotidianamente em função das ações humanas, sendo os próprios sujeitos da sala de aula, agentes de transformação. Para além disso, o ensino de Geografia tem por objetivo destacar para os alunos que a formação para a cidadania é parte inerente da ciência geográfica mostrando também que é de suma importância relacionar a sociedade e a natureza, embora ambas estejam num movimento dialético.

Em Tardif (2014), encontramos a noção de que a profissionalização do ensino está relacionada à tentativa de renovar os fundamentos epistemológicos do ofício do professor. O estudo dos conhecimentos não pode indubitavelmente, ser desvinculado das situações reais de ensino, desconsiderando as condições concretas em que o trabalho é realizado. Por essa perspectiva, Cavalcanti (2008, p. 97) coloca que “a atuação profissional exige uma formação que dê conta da construção e reconstrução dos conhecimentos geográficos fundamentais e de seu significado social”. A formação profissional está inserida, portanto, em um projeto mais amplo, o qual compreende a formação do sujeito como pessoa, como cidadão. Desse modo, o projeto de formação do profissional de Geografia deve estar alinhado a um projeto de sociedade.

Entretanto, uma questão aparece quando pensamos em sociedade: como ela se organiza na contemporaneidade? Alterações constantes na sociedade, mediante a destruição das fronteiras nacionais para a liberação na movimentação de pessoas, mercadorias e capitais por todo o globo terrestre são percebidas. Essas alterações, possibilitaram o avanço da globalização, um crescimento gigantesco dos ideais capitalistas, que, com seu projeto neoliberal impôs à população com baixa

escolarização e poder econômico, uma vida de restrições e servidão. Ramon de Oliveira (2003, p. 115) nos chama a atenção que:

o efeito mais perverso destas transformações tem sido o desemprego e a exclusão social, já que os benefícios provenientes dessas transformações são usufruídos por apenas uma pequena parte da sociedade. Ao lado dos avanços científicos e tecnológicos com o aumento dos bens de consumo, do bem-estar, da difusão social, há fome, desemprego, doença, falta de moradia, analfabetismo das letras e das tecnologias.

A partir desse cenário estabelecido, não podemos deixar de fazer uma avaliação mais aprofundada sobre as obras de Paulo Freire que nos fazem refletir sobre as dimensões políticas, culturais e ideológicas das teorias e das práticas (FREIRE; MACEDO, 2011). Essas dimensões nos convocam a pensar numa educação a qual é imprescindível a constante luta pela justiça social e econômica, pela dignidade humana e por uma sociedade democrática. Nesse sentido, as políticas educacionais da EJA devem ter o objetivo de promover transformações sociais e romper com a cultura de dominação, assim como a lógica de sobreposição da cultura tida como valorizada sobre a cultura dos educandos e de silenciamento de suas vozes. Leonço (2007, p.108) percebe que a EJA:

trata de responder culturalmente a uma lacuna que geralmente envolve sujeitos que hoje, [...] buscam sua escolarização. Educar jovens e adultos significa compreender o conceito de aprendizagem em uma perspectiva atual, de que aprendemos e ensinamos para a vida.

Ainda sobre esses processos de transformação social, há de se destacar o papel e a complexidade do professor, sujeito de experiência, sob um ponto de vista subjetivo, pois o mesmo é um sujeito sofredor, padecente, receptivo, alienado, interpelado, submetido e, ao mesmo tempo, um sujeito firme, forte, impávido, inatingível, erguido, autodeterminado, definido por seu saber, por seu poder e por sua vontade. Essa dicotomia do professor e de suas práticas pedagógicas são um reflexo das críticas feitas por Marx e Engels (2001) ao questionarem as forças produtivas da modernidade contra as relações de produção e de propriedade que condicionam a existência da burguesia e do seu proletariado.

Ao contrário de outros sistemas de produção, o capitalismo é inerentemente expansivo, sobretudo por causa das ações das corporações transnacionais que

buscam áreas mais propícias para a produção e realização da mais-valia. Dessa maneira, torna-se indispensável não apenas conhecer os condicionantes históricos desse modo de produção que predomina no Ocidente, mas analisá-lo também sob o ponto de vista espacial. Por conseguinte, a Geografia Escolar assume a importante função social de contribuir para o desenvolvimento da criticidade, autonomia intelectual e criatividade dos sujeitos.

É nesse contexto estabelecido que aparece as motivações para que o professor de Geografia da EJA desenvolva as suas ações pedagógicas pautadas em “[...] um perfil mais articulador e de viabilização dos contatos dos alunos, e de suas comunidades, com o conhecimento, num processo participativo, crítico, fundado nas aspirações e impasses cotidianos” (RICCI, 1999, p. 170). É relevante salientar que a EJA não se refere apenas ao ato de inserir o aluno no ambiente escolar, mas garantir efetivamente a escolarização do sujeito. É promover uma política da vida no que se refere a engajamentos radicais que procuram incrementar as possibilidades de uma vida realizada e satisfatória para todos, e para a qual não existem “outros” (GIDDENS, 1991). Todavia, para que essa inserção tenha êxito, é necessária uma melhor formação dos profissionais da educação, considerando-se que os cursos de licenciatura durante muitos anos não ofereceram disciplinas e nem formações que contemplassem essa nova realidade educacional.

Relacionando o processo de formação do professor de jovens e adultos com as especificidades do componente curricular Geografia, Maia e Maia (2020, p. 6) colocam como importante mediar os conteúdos geográficos dando ênfase à construção de “conhecimentos específicos na formação do aluno, promovendo a compreensão sobre a cidadania, o desenvolvimento de suas capacidades e despertando percepções em torno do espaço geográfico e suas respectivas relações”.

Essas reflexões sobre as práticas de ensino da Geografia e o contexto contemporâneo ao qual estamos inseridos me fazem entender um pouco o perfil dos sujeitos a serem pesquisados e a importância desses professores para a EJA, compreendendo formas outras de ensino, nas quais se criam ambientes e momentos significativos para os sujeitos estudantes da EJA e percebendo o quanto cada experiência é de grande valia para a construção do desenvolvimento pessoal e

profissional dos professores de Geografia que trabalham nessa modalidade de ensino.

4 NARRATIVAS DE PROFESSORES: GEOGRAFIA, FORMAÇÃO E SABERES DO ESPAÇO VIVIDO

[...] a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação- formação ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício da tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida.
(SOUZA, E. C., 2006, p. 47-48).

Começo este capítulo com uma epígrafe de um livro escrito pelo professor Elizeu Souza (2006), por acreditar que as narrativas se constituem numa expressão fluída entre as dimensões prática e teórica dos conhecimentos e experiências construídos pelos(as) professores(as) ao longo da sua trajetória pessoal e profissional.

Cunha (1994, p. 35) corrobora com a discussão ao nos lembrar que:

A vida cotidiana é a objetivação dos valores e conhecimentos do sujeito dentro de uma circunstância. E através dela que se faz concreta a prática pedagógica, no caso do professor. E tentar descobrir como ele vive e percebe as regras do jogo escolar, que ideias vivencia na sua prática e verbaliza no seu discurso e que relações estabelece com os alunos e com a sociedade em que vive.

O cotidiano produz, então, através da experiência, formas diversas de perceber a realidade, que passam pelos sentidos, lembranças e emoções. É importante lembrarmos que o conhecimento não é decorrente somente de uma formação acadêmica, mas também da participação em movimentos religiosos, sociais, sindicais, comunitários. Dessa forma, entendo que a história de cada professor é singular e própria não obtendo informações que tragam para uma generalização totalitária, o que se pretende é o encaminhamento de professores que ao lerem esse texto, compreendam a experiência da vida como fundamental para o desenvolvimento de suas práticas de ensino.

Em relação às propostas de ensino da Geografia, Vesentini (1987, p. 78) considera que:

um ensino crítico de Geografia não consiste pura e simplesmente em reproduzir num outro nível o conteúdo da(s) geografia(s) crítica(s) acadêmica(s); pelo contrário, o conhecimento acadêmico (ou científico) deve ser reatualizado, reelaborado em função da realidade do aluno e do seu meio [...] não se trata nem de partir do nada e nem de simplesmente aplicar no

ensino o saber científico; deve haver uma relação dialética entre saber e a realidade do aluno – daí o professor não ser um mero reprodutor mas um criador.

Nessa conjuntura, precisamos pensar a Geografia não como uma descrição sumária de dados, conceitos e problemas, sem uma análise e interpretação dos fenômenos globais. Precisamos pensar a partir do espaço geográfico e a sociedade, o global e o local, o moderno e o tradicional, o território que é a base da vida material e o conteúdo das relações sociais de todo o tipo.

Considerando todo esse contexto que envolve a formação dos professores de Geografia e o seu ensino, mas especificamente na EJA, é que ocorreram as entrevistas narrativas *on-line* entre os meses de abril e agosto de 2021 pela plataforma Google Meet, com duração de 1h cada, com histórias belíssimas e que me fizeram refletir muito sobre a minha *práxis* e os contextos sociais e econômicos que envolvem a EJA e os sujeitos pertencentes a essa modalidade.

Aqui, retomo mais uma vez reflexões sobre o tipo de análise realizado para justificar os eixos temáticos a serem trabalhados e os excertos recolhidos para serem apresentados como *corpus* de discussão dos resultados dos sentidos, significados e representações que são estabelecidos a partir da experiência e da construção de si. A análise interpretativa-compreensiva, baseada em três tempos, é com base nas proposições de Souza (2006), na qual se evidencia a relação entre o objeto de estudo, seus objetivos e o processo de investigação-formação, tendo em vista as regularidades e irregularidades dos conjuntos das narrativas.

Souza (2006, p. 81) continua a contribuir na minha análise das entrevistas, ao refletir que:

A leitura analítica e a interpretação temática tem o objetivo de reconstituir coerentemente o conjunto das narrativas, no que se refere à representação e agrupamento, através das unidades temáticas de análise, percebendo as sutilezas, o indizível, as subjetividades, as diferenças e as regularidades históricas que comportam e contêm as fontes.

Uma análise em três tempos – pré-análise e leitura cruzada, leitura temática e leitura interpretativa-compreensiva – me permitiu entender e sistematizar os significados nas trajetórias de vida-formação, os saberes aplicados e adquiridos em sala de aula e as perspectivas sobre a EJA. Admitindo, assim, que eu

instrumentalizasse subsídios teóricos de investigação-formação no projeto específico a que se refere esta pesquisa.

Com base nesse movimento de análise a partir das entrevistas narrativas *on-line* apareceram cinco eixos temáticos de grande relevância que cabem aqui serem discutidos: 1) motivos pela escolha da licenciatura em Geografia; 2) as práticas pedagógicas que geram experiência aos professores da EJA; 3) os sujeitos estudantes da EJA e a sua realidade; 4) a Geografia na sala de aula da EJA; e 5) contribuição dos sujeitos estudantes da EJA na formação dos professores. Esses eixos serão analisados nos tópicos a seguir.

4.1 FORMAÇÃO INICIAL DOCENTE EM GEOGRAFIA: OS MOTIVOS DE UMA ESCOLHA

Ao tratar de formação, remeto-me ao ideal de criação, de (re)construção e novas adaptações. Os sujeitos, tanto na vida pessoal quanto na vida profissional, se formam e se constituem de forma entrelaçada com outros sujeitos e o próprio mundo. Dessa maneira, estamos inseridos em um contexto de múltiplas subjetividades.

Nessa perspectiva, a formação se dá por meio das relações sociais, do contato com o(s) outro(s), das trocas, dos diálogos, das reflexões, dos avanços, das pausas e também das retomadas dos caminhos.

Pensar formação inicial docente, é refletir sobre um espaço-tempo de potencialização do protagonismo dos sujeitos que se propuseram a trabalhar como professores. Todavia, constata-se que o processo formativo do professor não se restringe somente a essa formação inicial. A formação se dá por todo um trajeto pessoal imbricado a um trajeto profissional, mediante a uma relação dialética e reflexiva.

Quanto aos cursos de licenciatura em Geografia, vimos já nos capítulos anteriores que estes necessitam estabelecer constantes (re)dimensionamentos, na expectativa de que possam contribuir de forma mais significativa no processo de ensino e aprendizagem dessa ciência. “O conhecimento geográfico é, pois, indispensável à formação de indivíduos participantes da vida social à medida que

propicia o entendimento do espaço geográfico e do papel desse espaço nas práticas sociais”. (CAVALCANTI, 2013, p.11).

Na imersão do processo investigativo, as narrativas evocadas pelos(as) professores(as) entrevistados(as) foram de grande valia para se construir um conhecimento de si, em que a existência plural dos sujeitos me permitiu avaliar os percursos de vida e formação de pessoas que buscaram desenvolver a mesma profissão que a minha: ser professor de Geografia.

Os excertos abaixo irão evidenciar o que aqui foi discutido, trazendo marcas da memória e da história sobre o sentido da vida e profissão.

Eu comecei a minha caminhada como professora, ao fazer o Magistério, já tem um pouquinho de tempo, eu terminei o Magistério em 1990. Eu venho de um distritozinho, numa cidade próxima de Cachoeira e lá na época da década de 90 a maioria das pessoas faziam os cursos que antes era técnico, que eram os cursos técnicos voltados para o Ensino Médio e eu fiz o Magistério. E aí, quando a gente sai do Magistério, logicamente, naquela transição já, de quase professora primária que a antiga professora do Fundamental I terminava e depois a gente quer o grande sonho da universidade, a gente quer ir para universidade. Então, eu terminei o curso técnico de Magistério e automaticamente eu fiz o concurso público e esse concurso público eu ingressei em 1992 como professora, na época primária, que agora é Fundamental I e logo depois do concurso eu já tentava vestibular, só que era bastante concorrido porque era aquela coisa, só tinha a Federal, Católica e UNEB. Na UNEB, tinha o curso de Geografia, mas era bem pouco falado e aí eu queria fazer uma licenciatura. Porque já que eu era uma professora do Magistério, eu fui vasculhando, fiz na UNEB Geografia, na época, aquele vestibular mesmo e depois eu fiz na Católica, na Universidade Católica. Fui aprovada na Católica e aí cursei a licenciatura plena em Geografia na Católica. Eu iniciei em 1993 e terminei em 1997, foi quando ocorreu a minha formação inicial e eu terminei a graduação completa (Glória).

Eu sou professor de Geografia do estado e a minha relação profissional voltada para essa área, primeiro porque apareceu e abriu essa oportunidade de fato para que eu pudesse realizar um sonho meu de ser professor. Eu sempre tive o sonho de ser professor desde criança e basicamente eu venho de uma família de professores, porém a Geografia apareceu para mim porque eu trabalhava na Secretaria de Meio Ambiente e foi um trabalho lindo. Aconteceu alguns eventos que eu saí e voltei e saí de novo para a Educação e quando eu retorno para o Meio Ambiente eu decidi fazer vestibular lá no final de 2002 e a Geografia aparece assim como por acaso, mas também foi um tanto proposital, porque a condição da Secretaria também era muito boa para essa área. E me formei em 2007 pela Universidade do Estado da Bahia, fica no campus V, em Santo Antônio de Jesus, e comecei a trabalhar efetivamente como professor de Geografia em 2005, mas entrei naquele sistema de aceleração como professor de Matemática (Márcio).

Quero começar refletindo como eu me tornei professora, foi como aluna aqui da Escola Alaor Coutinho, aquele lá na Praia do Forte, boa parte dos meus professores eles vinham ou da sede de Mata de São João ou de Salvador e havia uma grande falta de professores na região e começamos enquanto estudantes, no Ensino

Fundamental, ao fazer o movimento estudantil na escola, formação de Grêmio Estudantil, formação do Colegiado Escolar, a todas as discussões políticas em torno dessa formação de jovens. Isso lá para os anos 2000/2001, acho que foi junto com o movimento que existia no Brasil ou daquela época, na qual a juventude lutava muito para chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder. Eu acho que isso acabou respingando um pouco na gente aqui da região. E aí, incomodados com essa situação de que os profissionais eles vinham de fora, não só os professores, mas todos os profissionais da região vinham de outros lugares, começamos a falar sempre: 'oh, vamos estudar, iremos voltar para atuar na nossa comunidade', mas esse sonho ele não foi só meu, eu sonhava em ser professora e retornar para escola onde estudei e hoje estou, que é o Alaor Coutinho. Então, eu estudei no Alaor Coutinho desde a quinta série, atual sexto ano até o terceiro ano do Ensino Médio e, diante dessa luta de Grêmio, eu fiz vestibular e aí entrei, passei no vestibular da Universidade Federal da Bahia e fui estudar Geografia; primeiro, passei para História no vestibular de 2005, mas eu não tive a possibilidade de cursar na época por conta de uma questão de desorganização familiar. E aí, em 2006, fui e entrei para cursar a Geografia. E por que Geografia? Eu tive uma professora de Salvador e veio morar na região, mais precisamente na comunidade de Pau Grande, e essa professora junto com o esposo dela que era professor de Física, eles eram pessoas que estimulavam e começaram a contar histórias do que era a universidade que era algo tão distante da gente (Lidijovânia).

O meu despertar para ser professor foi desde criança que eu sempre tive vontade, então, eu tinha, como qualquer criança ou qualquer pessoa com a vontade de ser, de atuar em várias áreas ou profissões, mas com o tempo eu fui, de certa forma, me voltando para a área de professor. Eu gostava, sempre gostei e gosto e também por questão de opção, porque onde eu morava no interior, na cidade chamada Várzedo, fica próximo a Santo Antônio de Jesus e de Amargosa, a região em si naquele período não oferecia grandes possibilidades de você continuar a sua vida, a minha vida acadêmica a partir de outra profissão que não fosse professor (Elmo).

Desse ponto de vista da trajetória pessoal, a Geografia, como eu virei professora, ela apareceu na verdade por conta do meu pai. Eu não gosto de colocar muito esse título para ele não, mas acabou sendo, pois ele foi professor de Geografia, hoje ele já se aposentou, mas ele foi professor durante mais de 30 anos da rede estadual de educação, formado na UEFS em Estudos Sociais, mas com habilitação para Geografia e desde muito criança eu tinha mapas em casa, tinha globo terrestre, tinha uns livros de Geografia desde Jurandyr Ross, Melhem Adas, Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos, então eu tinha muitos autores em casa, nessa convivência desde a infância com meu pai. Meu pai era professor de Geografia da escola onde eu era criança, então, assim quando eu estudava na mesma escola em que ele era professor, eu ficava habituada com a ideia de ser professora, de ter um pai chamado de professor por muitas pessoas. Ele era uma pessoa muito querida na escola com os alunos, ele tinha uma relação muito bacana com os alunos, principalmente com os alunos muito mais do que com os colegas professores dele. Então, todo aquele universo que envolvia afetividade, relação com os alunos, aquilo ali me encantava muito. Então, as pessoas que me envolveram dentro da Geografia começaram dentro da minha casa e preciso pontuar que meu pai me influenciou bastante em relação a isso, minha mãe também foi do Magistério. Então, minha mãe trabalhou com educação durante um tempo mas depois mudou de rumo, foi ser bancária, aí mudou completamente de profissão e posso dizer que começou mais ou menos por aí (Lívia).

Os(as) professores(as) ao narrarem sobre as suas histórias de vida-formação nos revelam pistas sobre a construção de si na Geografia. A docência acaba sendo atrelada pela trajetória de escolarização, na qual se tem a presença de um familiar que trabalhe como professor(a) ou até mesmo a figura de algum docente que marcou suas vidas. O ato de lembrar e narrar possibilitou a esses atores e autores uma reconstrução de suas experiências, refletindo sobre os seus dispositivos formativos. Tais proposições coadunam com a argumentação de Dantas (2015, p. 81) ao falar que “a formação como um processo contextualizado que se constrói nas trajetórias de escolarização, nas vivências, nas trocas de experiências ao longo da vida que nos torna um constante aprendiz”. Macedo (2010) ainda pontua a formação como um produto “exterodeterminado”, no qual o sujeito em processo de formação ou como formador produz a sua formação em processo dinâmico, diverso, numa relação com outros, com o mundo e no mundo.

4.2 PROFESSOR(A) DE GEOGRAFIA NA EJA: A EXPERIÊNCIA QUE FORMA

A EJA, modalidade da educação básica, com funções específicas de reparação, equalização e qualificação (BRASIL, 2000), ofertada a todos aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade regular, tem em seu público parte da população brasileira historicamente abalizada pelas desigualdades sociais, econômicas e culturais, e apresenta demandas políticas e pedagógicas específicas, necessitando de inovações, políticas educacionais mais consistentes que possam atender às suas necessidades, especificidades. É nesse contexto que podemos pensar qual a formação que esse(a) professor(a) teve para estar num espaço tão plural e de grande diversidade. Zabalza (2014, p. 77) traz que “a formação é uma construção complexa que se plenifica de sentido e conteúdos diversos, conforme o cenário e propósito em que a situarmos”. Ser um(a) professor(a) de Geografia na EJA, com uma formação inicial que não atende às necessidades colocadas por um público tão plural e diverso, por vezes, se mostra bastante complicado e angustiante. A experiência de outros colegas de profissão e a adquirida na sala de aula acabam sendo o rumo a ser seguido. Podemos observar esse cenário em comum na fala dos cinco entrevistados.

Para alcançar a Geografia mesmo, em sala de aula foi realmente em 2007 já para 2008, aí já trabalhei com turmas realmente de EJA, Educação de Jovens e Adultos. E assim, inicialmente, para mim foi complicado como até hoje é um pouco complicado, porque na EJA, na escola que eu trabalhava, nós não tínhamos nenhum conteúdo programático, nenhuma diretriz voltada para a EJA, tipo os assuntos que serão abordados durante o ano todo, conforme acontecera na reunião de professores, na Jornada Pedagógica serão esses assuntos aqui que estão elencados, isso nunca existiu. [...] Simplesmente, o que eu ouvia dos professores mais experientes da área de Ciências, da área de Linguagem, da área de Matemática era você escolher o assunto que você quer trabalhar e vai trabalhando (Márcio).

[...] no ano de 2013, houve um curso, um treinamento em Feira de Santana, sobre a questão da EJA, mas eu não participei, porque na época eu estava em período probatório e essa foi uma qualificação que o Estado deu para os professores que já tinham passado por essa fase. E aí eles trouxeram essas novidades de como trabalhar a EJA, a questão dos projetos, mas no início, pra gente que pelo que eu percebi, no Almor como eu assumi como PST e em Itanagra, era tudo vamos dizer assim, a partir das experiências de outros professores que tinham trabalhado em outras escolas (Lidijovânia).

[...] eu posso dizer que a minha experiência nesse um ano trabalhando como professora de Educação de Jovens e Adultos foi uma experiência que eu tive... uma experiência muito solitária, experiência que eu tive que me desdobrar para poder entender o que que é Educação de Jovens e Adultos. Então, eu fui aprendendo no diálogo com eles, então, já que eu estava sozinha, eu tive que criar algumas estratégias e alguma dessas estratégias eu vou falar agora. Bom, a primeira delas foi tentar manter o meu desespero no lugar que eu pudesse controlar. Então assim, a primeira semana, segunda semana, eu senti muito desespero porque eu não tinha livro didático, então não sabia nem por onde começar. Que foi que eu fiz? Já que não tinha apostila, eu comecei a criar todo o material sozinha (Lívia).

[...] em relação à formação da EJA, eu fui aprendendo mesmo a partir das práticas, das experiências e também de leituras minhas individuais e alguns cursos, mas muito poucos, que foram proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação de Várzedo. Ensinar enquanto me formava na universidade me permitiu unir a teoria com a prática e, de certa forma, fazer o que chamamos de 'transposição didática'. Fazia por mim mesmo, todo aquele conteúdo que aprendia lá na academia, eu conseguia fazer essa transposição (Elmo).

[...] eu já dava aula porque eu era professora do Fund. I, mas eu alfabetizava naquela época, era assim, para a prática do Fundamental II e até chegar na EJA, eu acho que muita coisa foi o caminhar do aprender, não desprezando de forma alguma a formação que a universidade nos dá, temos um conhecimento que a gente busca lá que é específico, mas a gente tem também que está buscando o tempo todo, mas eu acho que a prática me favoreceu mais para que nessa trajetória eu pudesse me sair melhor, principalmente na EJA, a prática do fazer e acontecer, do buscar mesmo até fora da formação (Glória).

Os excertos das cinco narrativas revelam dimensões sobre a experiência que forma e (re)cria novas formas de pensar e agir na trajetória pessoal e profissional

dos(as) professores(as). As falas de Márcio e Lidijovânia apontam sobre o quanto é complicado trabalhar nessa modalidade por não se ter uma diretriz curricular pensada para a Geografia na EJA, sendo, portanto, a experiência de colegas mais antigos utilizada para a escolha dos assuntos a serem trabalhados em sala de aula. Já Lívia, Elmo e Glória destacam a aquisição da experiência de um ponto mais solitário em relação aos colegas de classe, a experiência se deu pela troca de diálogos com os estudantes e/ou leituras sobre a EJA.

Nesse ínterim, Josso (2004, p. 35) traz um conceito muito fortuito para o que foi apresentado até aqui, a experiência formadora, esta “implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afectividade e ideação, articulação que se objectiva numa representação e numa competência”. Nesse sentido, Dantas e Cardoso (2019, p. 24) corroboram ao dizer que “nós, seres humanos, estamos, a todo momento, reconfigurando, repensando conceitos, concepções, comportamentos, atitudes e práticas as quais nos transformam e nos constituem como pessoa”. A experiência nos transporta para caminhos de formação que, muitas vezes, nem são percebidos por nós, apenas percorremos. Os momentos e os encontros experienciais vão ocorrendo, a vida sendo vivida e, assim, vamos nos formando e completando lacunas enquanto seres inconclusos.

4.3 OS SUJEITOS ESTUDANTES DA EJA: A REALIDADE DE UMA MODALIDADE

Buscar compreender os sujeitos estudantes da EJA é compreender a pluralidade, especificidades e particularidades que essa modalidade de ensino possui. Arroyo (2005, p. 22), ao pensar sobre essas especificidades dos jovens e adultos, aponta que a “Educação de Jovens e Adultos tem de partir, para sua configuração como campo específico, da especificidade desses tempos da vida-juventude e vida-adulta e da especificidade dos sujeitos concretos, históricos que vivenciam esses tempos”. Nesse sentido, faz-se oportuno pensar que o(a) professor(a) esteja disposto(a) a potencializar reflexões em que todos esses sujeitos possam se sentir e serem efetivamente considerados parte dos espaços que ocupam e da formação histórica, cultural e étnica do território brasileiro e da localidade onde vivem.

Outro ponto de destaque a ser feito quando tratamos sobre os sujeitos da EJA é a questão da “juvenilização”. Haddad e Siqueira (2015, p. 99-100) apontam que essa situação está cada vez mais desafiando as políticas de EJA “[...] em função do crescente envio de jovens, muitos deles analfabetos funcionais, que recém fizeram 15 anos, a essa modalidade por não estarem sendo atendidos no ensino fundamental de forma adequada”.

Nesse panorama, é importante considerar as histórias de vida e os motivos pelos quais os sujeitos chegaram nessa modalidade de ensino, mudando nosso modo de avaliação que por muitas vezes os reprovam e os fazem evadir novamente da sala de aula. Vejamos o que os cinco entrevistados trazem como reflexão.

[...] a média de idade daquele pessoal naquele tempo, o mais novo se muito tivesse era algo em torno de 18 anos e o mais velho da turma se não me falha a memória em torno de 65 anos, era uma senhora de idade que inclusive na relação interpessoal me chamava de ‘senhor professor’ e quanto que os mais jovens me chamavam ou pelo meu nome ou simplesmente de professor (Márcio).

Na EJA, não é assim, os alunos não vão para escola com raiva, ele vai para escola para tentar recuperar o tempo perdido, para pegar o diploma, que tem que estudar para melhorar a vida social, tem que estudar porque eu não quero ficar sozinho. Então, ele resolve, ninguém obriga. Então, isso aí já é meio caminho andado (Lidijovânia).

[...] o meu aluno da EJA trabalha durante o dia, que o perfil é esse, ele trabalha durante o dia, seja dona de casa, seja motorista de caminhão, seja uma realidade diversa de trabalhadores e trabalhadoras e, à noite, eles vão para escola para tentar concluir os seus estudos (Lívia).

O público mudou na EJA, aquele aluno trabalhador, que realmente volta para escola para tentar, para recuperar, para dar continuidade aos seus estudos, infelizmente, está dividindo os espaços com alguns jovens e adolescentes, na verdade têm 18, 19, 20 anos, mas tem um comportamento muito adolescente e estão levando para o ensino no noturno, um comportamento juvenil que a gente via muito nos turnos matutino e vespertino e se tem comprometido muito a nossa prática como professor (Elmo).

Muitos estão ali sem trabalhar, outros vêm do trabalho, muitos feirantes, gente que passa o dia todo na barraca de feira, aqui é o grande potencial do comércio aqui de Candeias, o comércio local e ele pulsa muito. Então, a gente tem muito feirante, tem muita senhorinha que passa o dia todo vendendo chuchu, que passa na feira vendendo a sua toalhinha e de noite está lá com toda a dificuldade, garis [...] (Glória).

Ao lermos as reflexões trazidas pelos entrevistados, vemos a riqueza de conhecimentos e saberes populares que estudantes jovens, adultos, idosos e trabalhadores trazem das atividades do seu cotidiano para a escola, o esforço, a

perseverança, a persistência de buscar o direito ao estudo. Notamos, assim, que a sociedade brasileira é marcada por uma teia de desigualdades, e os sujeitos da EJA representam bem essa questão. Pelas falas dos entrevistados, percebemos, também, que em sua grande maioria, a sala é composta por alunos(as) trabalhadores que buscam aprendizado, que buscam melhorias numa condição de trabalho mais digno, que buscam se (re)inserir dentro dos padrões de série-idade (no caso do fenômeno da juvenilização).

Para Maia, Paz e Dantas (2016, p. 33), “o processo de implementação da Educação de Jovens e Adultos, no Brasil, foi bastante complexo, haja vista que envolveu intensos interesses políticos, econômicos e sociais”. Dessa forma, precisamos pensar que, se historicamente houve embates sociais, políticos e educacionais, para que a EJA fosse implementada, formar profissionais para atuar com essa modalidade de ensino também não foi algo simples. São estudantes, que pelo fato de terem sido, de certa forma, violentados(as) em seus processos de aprendizagem, desassistidos(as) pelo sistema educacional brasileiro no tempo regular, rotulados(as) de fracassados(as), de derrotados(as) e com uma autoestima baixa, necessitam de profissionais da educação que saibam dialogar com essa realidade.

4.4 A GEOGRAFIA DA SALA DE AULA NA EJA: SEUS CONTEÚDOS E POSSIBILIDADES

O ensino de Geografia não é uma tarefa fácil, pois envolve a reflexão de conteúdos e conceitos presentes na proposta curricular e didática dessa ciência de um modo que os alunos consigam desenvolver de maneira crítica o pensamento e amplie seus conhecimentos.

É importante que os professores de Geografia que atuam na EJA tragam práticas socioespaciais para o universo da sala de aula, possibilitando aos sujeitos discussões acerca de problemáticas enfrentadas em seu cotidiano, que até então não eram entendidas como parte do conhecimento geográfico.

O conteúdo da disciplina de Geografia deve abarcar temáticas que valorizem o saber da experiência e o espaço vivido, pois essas categorias são importantes pontos de partida para a construção do ser mais dos sujeitos. Para Enio José Serra dos Santos (2008, p. 146),

[...] a escolha e o desenvolvimento do tema gerador a partir do universo temático dos alunos exigem conhecimentos espaciais que relacionem o local e o global, ou seja, impõem uma perspectiva que vê o mundo através da articulação das escalas de análise.

Por essa perspectiva, é relevante e necessária uma aproximação entre os professores e alunos, em que os conteúdos sejam trazidos e apresentados de forma mais lúdica e dinâmica, com imagens do cotidiano, com debates e discussões da realidade vivenciada pelos alunos, além de trabalhar o processo social do espaço, cujas raízes estão deitadas na divisão social do trabalho e, conseqüentemente, nas relações sociais de produção.

Resende (1986, p.132) ressalta que é fazendo a sua “história, vale dizer, inserindo-se nas relações de trabalho e produzindo, em condições sociais dadas, a sua própria vida, que [os sujeitos] vão construindo esta consciência. Os conceitos brotam da prática”. A Geografia, portanto, se pretende ensinar não o que mascara a realidade, mas trata de tentar desvendá-la a partir da experiência social concreta do sujeito/aluno. Observemos o que as narrativas dos entrevistados trazem de reflexão sobre a Geografia escolar nas turmas da EJA.

Eu me lembro muito bem, foi uma segunda-feira, não me lembro a data exata específica que cheguei no quadro, escrevi no giz, porque ainda era quadro de giz, comecei a desenhar umas linhas paralelas e de repente começo a colocar casas, e aí eu fui explicando a eles, o processo de construção de uma cidade ou uma possível construção de uma cidade e aí foi como eles começaram a associar as imagens com a informação que eu estava passando; e o segundo momento foi realmente a parte teórica e eu percebi também que muitos deles só conheciam letras caixa alta, letra maiúscula [...] Eu falo para eles: ‘Gente, nós vivemos nesse espaço que é a ilha e como é que vamos compreender a globalização a partir desse espaço integrado? Vamos olhar a tecnologia, o que é que vocês entendem? Qual a relação de vocês com os turistas? Quem sabe falar uma língua diferente? Quem sabe falar uma língua estrangeira? Mesmo que chegue lá e fique só no how are you’. Enfim, trazer visões do cotidiano, do dia a dia para sala de aula, para que a gente possa desenvolver o nosso trabalho, porque aula para mim é assim: temos o conteúdo, temos! Vamos ministrar, vamos! Sem sombra de dúvida, temos que ter o nosso planejamento porque nós temos que seguir aquele ritual, só que, no meio do caminho, os alunos começam a perguntar e fogem do conteúdo (Márcio, grifo nosso)

[...] a EJA não, quando você chega, você vai falar de trabalho, vamos, por exemplo, falar das relações de trabalho, vamos falar dos espaços, eu, por exemplo, que dou aula aqui na região, aí eu falo do lado direito da Linha Verde e do lado esquerdo, aí já vai começar a falar monte de coisa de quem mora do lado direito, vai dizer quais são as situações de segurança pública, de calçamento e quem mora do lado esquerdo da Linha Verde vai colocar o seu ponto de vista. Se você trouxer para a

realidade deles, eles participam, mas se você for dar uma aula conceitual, por exemplo, se eu chegar lá no quadro e, dentro da Geografia, eu colocar 'o espaço geográfico é', 'a paisagem é', trabalhar a escala do mapa se ele não vai fazer o desenho da rua dele, se ele não vai fazer o desenho da cidade dele, se você não trouxer para a realidade dele, ele não vai participar. Aí ele vai chegar, ele vai cochilar, ele não vai querer ir no dia seguinte (Lidijovânia).

[...] as questões que envolvem muitas atividades objetivas, eu pegava atividades toda semana, das quatro aulas que nós tínhamos para cada uma das turmas, eu fazia mais ou menos assim, intercalava uma aula expositiva que era mais ou menos 40 minutos de aula, na aula seguinte, eu fazia uma atividade mais lúdica, alguma coisa assim, depois eu fazia uma atividade que envolvia perguntas e respostas, uma outra atividade eu tentava encaixar alguma outra coisa que minha criatividade percebesse que pudesse ser feito. Então assim, ou leitura de texto ou então alguma discussão, porque eu tentava exercitar essa questão das discussões com eles. [...] eu trabalhava algumas questões que envolve paisagem, questões que envolve o clima, as questões de geografia física como a gente costuma pontuar, mas eu trabalhava principalmente as questões que envolviam desigualdades sociais, as questões que envolviam o mundo do trabalho, capitalismo, eu tentava discutir, por exemplo, essas questões éticas que envolvem a indústria, as questões que envolvem a agropecuária, também é uma realidade local, as pessoas que envolve o turismo. Porque como eles trabalham nessa área, eu tentava fazer com que eles tentassem de fato enxergar a Geografia no cotidiano deles (Lívia).

[...]a gente fala, por exemplo, de capitalismo, de sistema capitalista, de relações de trabalho, eles já vivem isso, mas de que maneira eles podem rever, de que maneira eles podem analisar essa realidade vivida por eles de uma outra maneira, de que maneira eles podem fazer uma interpretação outra dessa realidade. Então, é mais ou menos colocando o aluno como protagonista mesmo, de certa maneira para que ele possa rever e reconstruir essa realidade nessa perspectiva mais crítica, mais politizado (Elmo).

[...] trabalho muitas imagens, muitas imagens, eu trabalho o tempo todo com localização espacial, com buscar, com colagem, embora pareça um pouco infantil, a gente trabalhar com essas questões, mas eu não posso ficar falando de um mundo para um aluno que ele não sabe nem do que se trata, ele sabem sobre o cotidiano. Eu acho que o mais difícil de Geografia é a gente trazer essas duas escalas, a escala local com a escala global com esse, com esse mundo lá fora, todo geopolítico. [...]essa forma de fazer o aluno entender esse mundo cotidiano, ele precisa ser prático e quando você não traz a prática disso, você fica muito na oratória, na falácia. É bom a gente ter conhecimento, mas o aluno às vezes está ali, coitado, cansado de varrer a rua o dia todo, como eu tinha uma aluna, varria o dia todo, ela dizia: 'pró, eu estou com as pernas tão inchadas', que eu dizia: 'bote a perna para cima minha filha e vamos aqui ouvir também, porque isso aqui também é importante para você, para quê quem sabe lá no futuro você deixe de ser Gari, seja uma supervisora' (Glória).

Nas falas de Márcio, Lívia e Glória, algo que chama a atenção é o destaque para a discussão do cotidiano dos estudantes, é fazer com que eles associem as imagens das paisagens que os cercam com a teoria trabalhada em sala de aula.

Elmo e Lidijovânia avançam nessa discussão ao lembrar que as aulas devem ser pensadas na premissa de que os alunos devem ser protagonistas deles mesmo, construindo sua realidade pessoal e profissional dentro de uma perspectiva mais crítica. Nesse sentido, ao que me parece, a construção dos professores de Geografia nas suas *práxis* da sala de aula na EJA vai de encontro com a pedagogia freiriana que objetivava alfabetizar a população brasileira fundamentada em uma concepção libertadora. Uma proposta de educação que não era baseada apenas em grafar símbolos gráficos e copiar nomes, mas que também possibilitasse a construção do pensamento crítico e uma identificação direta com a cidadania, de forma que aqueles alfabetizados pudessem lutar por uma nova sociedade que, sendo sujeito de si mesmo, tivesse nos próprios sujeitos a construção de sua história. (FREIRE, 2014).

Couto (2015, s.p.) pontua que:

[...] esta transformação das práticas em saberes e em ciência tem o mesmo significado da passagem da percepção e do saber do espaço vivido, ao discurso teórico do conceito. Neste processo, a percepção expressa diferentes escalas geográficas, na medida em que o espaço vivido é percebido com uma combinação de lugares (residência, escola, local de trabalho etc.) que são articulados em redes; cuja consequência pode ser a transformação da percepção das coisas singulares em explicação das estruturas de suas relações universais (e vice-versa).

O ensino da Geografia não deve pautar pela descrição e nem pela enumeração de dados e acontecimentos, mas elucidar e valorizar os fatos visíveis e observáveis em sua aparência e avaliar, criticar e refletir possíveis soluções para as contradições presentes no espaço geográfico. Os processos educativos devem ser (re)dimensionados para atender a novas demandas e especificidades.

4.5 OS SUJEITOS DA EJA E SUAS SINGULARIDADES: CONTRIBUIÇÕES NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES(AS)

O contexto da EJA, diferentemente, de outros segmentos e modalidades, se efetiva em diferentes espaços/tempos. Os cenários são múltiplos e, por vezes, precários, sejam eles escolas, templos religiosos, penitenciárias, unidades socioeducativas, hospitais etc. Nesse sentido, observamos que a conjuntura dessa

modalidade se desenvolve com base na busca do aprender a aprender, do fazer, das convivências e, principalmente, do ser mais.

Essa formação compartilhada entre professores(as) e os sujeitos estudantes centra-se nas experiências e dilemas enfrentados no cotidiano diário, no momento reflexivo sobre o modo de fazer e agir diante das práticas pedagógicas no processo de ação-reflexão-ação. Benjamin (1987, p. 212) coloca que “o sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e exterioridade quando percebe a unidade de toda a sua vida”.

Podemos aprender com as narrativas e as histórias de vida que os sujeitos da EJA trazem, pois a realidade em que eles se encontram é a de um espaço vivido que, por muitas vezes, não é a realidade dos(as) professores(as).

Souza (2006, p.15) sinaliza que

A dimensão formadora das experiências deixa marcas e imprime reflexões sobre o vivido. O diálogo intertextual construído através do acolhimento e da polifonia das vozes das pessoas com quem aprendo na minha itinerâncias, faz-me cotidianamente aprender e potencializar sentidos autoformativos sobre a vida, a formação docente e a profissão.

A formação de professores é marcada pela formação inicial, pelo percurso de atuação docente, alicerçado nas experiências profissionais e pessoais, em que o conhecimento vai se construindo diariamente no dia a dia da sala de aula e/ou em outros espaços não formais, diante das trocas estabelecidas entre todos e todas, que experimentam uma ressignificação da prática para uma melhoria do ensino-aprendizagem. Soligo (2007, p. 13) nos diz que “[...] o sujeito se forma a partir das oportunidades que tem, aquelas que se convertem em experiências de aprendizagem de fato, a partir de sua história anterior, do que valoriza e deseja, das relações que estabelece com o outro”. A formação, portanto, é decorrente também, do ato reflexivo e as experiências de vida-formação dos estudantes da EJA. Atentemos para as narrativas dos entrevistados.

Isso é que eu levo para sala de aula, eles dizem que eu sei muito, mas eu também falo que aprendo com eles, por exemplo, perguntei a um aluno o que ele fazia e ele me disse que era pedreiro e eu disse a ele que se tinha uma coisa na vida que eu já trabalhei, mas que eu não gosto é de levantar bloco, rebocar, me chame porque é um negócio chato, eu posso até ajudar, mas não vai sair direito, o bloco vai cair (risos). Eu não sei, eu não domino, eu posso dominar a carregar o bloco, mas colar um no outro, não me chame (risos). Falei isso para eles, para poder mostrar que o

professor não é um ser de outro mundo, que é um ser imortal. Então, vai nesse sentido também [...] A relação de professor e aluno é da mesma forma, então, nós temos que dar respeito, mas temos que conversar, nós temos que trazer o aluno para gente, para que a gente possa fazer nosso trabalho e, em contrapartida, eles devolvem respeito, eles estão ali presentes, eles estão aprendendo e tem prazer de estar na presença do professor fazendo atividade, trazendo curiosidade (Márcio).

A EJA eu aprendi isso, a ver que existem realidades bem distintas. Coisa que no nosso dia a dia, a gente, infelizmente, acaba se fechando por conta da nossa rotina de trabalho, é muito cansativo! A gente está começando, mas tem professores que já estão aí no piloto automático de três escolas, de duas escolas. Então, a EJA, pelo menos para mim, me dá esse feedback de perceber a existência de outras realidades e também de fazer amizade, porque a gente acaba fazendo. [...] quando você percebe que as pessoas te olham com determinado carinho, atenção e você acredita que realmente pode mudar o mundo. Aquela coisa que todo professor, que toda pessoa que diz que vai virar professor porque acredita que a educação pode mudar o mundo, a gente acredita quando a criança ela desenvolve essa simpatia, essa valorização pela gente e eu sinto muito isso em Itanagra na EJA (Lidijovânia).

Eu percebo que as minhas aulas de Geografia, muitas vezes, são mais produtivas e eu troco mais com os meus alunos da EJA do que com os meus alunos do ensino 'regular', por conta da possibilidade de troca que eu tento estabelecer com os alunos mediante as experiências da vida deles que eu quero que eles tragam para sala de aula (Lívia).

Eles trazem outras percepções de realidade que muitas vezes não tem, porque eles têm vivências que muitas vezes nós não temos, a partir do lugar que mora, a partir das relações que estabelecem[...]a EJA me trouxe isso, eu tive que ter mais calma, desacelerar, tentar perceber aquilo que era mais importante para a formação do aluno, formação dele ali, a formação da cultura (Elmo).

Às vezes, eu estou desgastada durante o dia todo, é dirigir, eu tive um dia difícil, eu dei aula numa turma de Fund. II que levou todas as energias, mas quando chega à noite que eles passam aqui ali, aquela trajetória de vida, aquela vida difícil que teve, o que varreu uma rua, o que passou o dia todo vendendo, que passou o dia todo no sol para vender verduras ou empurrou um carrinho de mão ou trabalhou fora, porque aqui tem muita indústria também, tem muita gente que trabalha de fora ou conta das dificuldades da vida mesmo assim, é uma troca! Aprendo muito com eles também, o cotidiano da vida. [...]a experiência que eu tenho com EJA, é essa coisa do ouvir, do saber lidar, eu prefiro o público por conta disso, é um público que tanto o professor é cansado, como o aluno é cansado, mas o prazer de estar no exercício da sala de aula, do ofício da sala de aula, na troca de experiência, nessa troca de conhecimento, ela é muito maior do que quando você tá no público até de Ensino Médio ou até do Fund. II, como eu tenho experiência também de duas turmas no Ensino Médio (Glória).

Márcio, Lidijovânia e Glória chamam a atenção para o desenvolvimento de valores, como o respeito, a amizade, a valorização do professor, que os sujeitos da EJA desenvolvem em sala de aula com eles. Elmo e Lívia colocam ainda sobre a apreensão de outras realidades possíveis. Dessa forma, podemos perceber que

os(as) professores(as), de uma maneira geral, sinalizaram que a formação ocorre também diante das experiências e histórias de vida que os sujeitos estudantes da EJA trazem. Essas vivências assumem um lugar de grande importância na formação e na *práxis* desses docentes. E, devido aos desafios vivenciados no cotidiano escolar, a falta de formação específica para atuar na EJA, os professores adotam uma postura de resistência e inacabamento, buscando novos conhecimentos, autoformação e aprendizagem ao longo de sua trajetória, com a trajetória do outro, com as experiências da vida e o experienciado em sala de aula.

O mergulho na interioridade de si e do outro a partir das relações contextuais de desenvolvimento e formação, através das narrativas do cotidiano e do espaço vivido dos sujeitos da EJA, permite a construção de um conhecimento e de saberes singulares através das particularidades de cada ator e autor no seu percurso formativo, revelando dimensões históricas, culturais, sociais, identitárias que marcam a experiência concreta dos sujeitos. Dominicé (2012, p. 13) corrobora ao falar que “a formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento que se encontra no cerne da identidade pessoal”.

As trocas de saberes e conhecimento entre os sujeitos estudantes e os(as) professores(as) da EJA geram um movimento de construção-desconstrução-reconstrução da identidade docente e potencializa as transformações da prática sobre a prática, como também descristalizam modelos pedagógicos e didáticos arraigados da cultura escolar. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (FREIRE, 2003, p. 23).

5 (IN)CONCLUSÕES: NARRATIVA VIDA-FORMAÇÃO, A EJA EM MOVIMENTO

O trabalho aqui apresentado inscreve-se na minha história de vida pessoal e profissional, evocando marcas daquilo que sou, daquilo que pretendo ser e do que não pretendo ser um dia. A implicação com essa pesquisa me remete a meu dia a dia, a refletir sobre meus percursos de formação e de desenvolvimento profissional, tanto na universidade quanto pelos locais em que trabalhei e trabalho, demarcando outras possibilidades de compreender e viver os processos de formação através da particularidade em que cada história de vida possui e a singularidade das experiências que cada professor(a) traz consigo.

Neste último capítulo da dissertação, encerro formalmente esta pesquisa de mestrado que durou exatos dois anos, colocando que o texto aqui escrito por mim, sob supervisão da minha orientadora, responde ao questionamento sobre como se dá a construção/formação dos professores de Geografia na EJA. Sendo esta, pelo desenvolvimento da formação experiencial, do contato com os sujeitos estudantes no dia a dia da sala de aula, dos encontros formativos que se propõem a discutir sobre a temática aqui estabelecida. Fica claro para mim também que as inquietações e a busca pelo conhecimento sobre a EJA, formação de professores, ensino de Geografia e o método (auto)biográfico continuarão fazendo parte da minha vida enquanto professor pesquisador e que anseia por uma educação pública e de qualidade, oportunizando aos sujeitos das classes populares uma consciência crítica e cidadã, para que possam buscar melhores condições de vida. É necessário que nós, professores, sejamos conscientes das questões sociais e vigorosos na luta da melhoria das condições de vida do povo brasileiro.

Sei que é um fim transitório para o início de uma nova caminhada nas minhas práticas pedagógicas, no meu ouvir mais sensível e atento para com os meus alunos e alunas, no meu ir e vir dentro da unidade escolar e na minha sala de aula da EJA, lecionando o componente curricular de Geografia. Apresento um esforço de sistematizar as minhas compreensões a partir do entrelaçamento entre o referencial teórico e as narrativas dos(as) cinco professores(as) entrevistados(as).

As narrativas dos(as) professores(as) de Geografia expressaram saberes dos sujeitos, suas experiências, suas subjetividades e singularidades como princípio fundamental para a construção do conhecimento de si e da/para EJA, tanto do ponto

de vista pessoal quanto do ponto de vista profissional e acadêmico. O que se apresenta e me representa sobre as narrativas (auto)biográficas são as possibilidades da evocação de memórias, lembranças, que desabrocham como flores na primavera. Imprimindo as vidas em formação, um sentido existencial e uma quase certeza que nada está pronto, tudo ainda é um inacabamento, uma formação da formação.

Por essa perspectiva, a formação dos professores de Geografia e de outros componentes curriculares para atuar na EJA me parece ser um campo em aberto para discussão e novos trabalhos, uma vez que a formação do educador é um processo que acontece no interior das condições históricas em que ele mesmo vive. Devemos, portanto, considerar que em pleno século XXI, a sociedade brasileira vem sofrendo com a pandemia de *covid-19* e com o desmanche do ensino público, as universidades vêm sendo atacadas e a ciência negada pelo atual governo brasileiro.

É necessário sim se pensar em políticas públicas para uma formação de professores mais assertiva e que valorize a pluralidade e diversidade que o público da EJA apresenta. Essa modalidade de ensino possui uma responsabilidade grande: escolarizar e conscientizar homens e mulheres, jovens, adultos e idosos que pararam seus estudos por motivos diversos da vida.

Ratifico a necessidade e a importância da criação de disciplinas prático – metodológicas sobre ensino de Geografia na EJA nos cursos iniciais de formação, da valorização da formação experiencial, e trago como principais resultados a necessidade de se considerar a dimensão participativa e investigativa que os(as) professores(as) desenvolvem ao ouvir os sujeitos estudantes da EJA e com eles a aprendizagem sobre o espaço vivido e o cotidiano de locais ainda desconhecidos. Em contrapartida, os professores de Geografia que trabalham com a EJA devem levar os sujeitos estudantes a pensarem sobre o mundo em que vivem a partir de sua condição real de existência. O ato de reconhecimento desse movimento permite aos sujeitos estudantes e aos professores(as) a formação, transformação e aquisição de um conhecimento sobre novos modos de ver o mundo.

Ainda sobre o ensino de Geografia na EJA, vejo-o como instrumento de libertação, pois há uma contribuição, em maior ou menor escala, para aprimorar ou expandir a cidadania, desenvolver o raciocínio e o pensamento crítico das pessoas,

sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, seja individual ou coletivo.

O(a) professor(a) ao se propor desenvolver a sua prática pedagógica, num pensamento de que educar para a liberdade não é apenas educar os outros, mas também a si mesmo, de forma permanente, aprendendo ao mesmo tempo que ensina, propicia aos sujeitos da EJA que se tornem cidadãos plenos, agentes da história, sujeitos autônomos, críticos e criativos. Nessa prerrogativa, podemos pensar sobre as relações entre o espaço geográfico e a sociedade, o global e o local, o moderno e o tradicional. Refletindo também, sobre o espaço geográfico e os diversos sistemas que o compõe, apostando no potencial explicativo da realidade, que levam a um reconhecimento do valor educacional da Geografia.

Saliento ainda que ao pesquisar sobre a formação de professores(as) de Geografia que atuam na EJA, ancorado no método (auto)biográfico, consegui vivenciar incômodos coletivos como a questão da falta de condições de trabalho, a jornada excessiva, a baixa remuneração salarial, a evasão dos(as) alunos(as) e, também, a felicidade coletiva ao ouvir falar de projetos geográficos que mantenham as aulas mais atrativas e com menor evasão dos sujeitos estudantes ao longo do ano.

Essas são possibilidades de temas para pesquisas que poderão ser feitas posteriormente, por mim e/ou outros professores que se interessem em discutir sobre a EJA. Continuar lutando pelas melhorias no percurso formativo docente na EJA, valorizando e evidenciando as experiências formativas é imperativo, pois o sujeito se forma a partir das experiências que viveu e das aprendizagens que construiu ao longo da vida. Ter em mente, também, que a educação possui um valor inestimável, pois, ela nos permite entender que somos autores e atores do nosso passado, presente e futuro.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó: Argos, 2009.
- ANDRÉ, M. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília, DF: Liberlivros, 2005.
- ARROYO, M. A educação de Jovens e Adultos em tempos de exclusão. **Alfabetização e Cidadania**, São Paulo, n. 11, p. 9-20, 2001.
- ARROYO, M. Balanço da EJA: o que mudou nos modos de vida dos jovens – adultos populares?. **Revista de Educação de Jovens e Adultos**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-108, 2007.
- ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. *In*: UNESCO; BRASIL. Ministério da Educação; REDE DE APOIO À AÇÃO ALFABETIZADORA DO BRASIL. **Construção coletiva**: contribuições à educação de jovens e adultos. Brasília, DF: Unesco: MEC: RAAAB, 2005. p. 221-230. (Coleção Educação para Todos).
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política** – Ensaio sobre literatura e história da cultura. 3. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.
- BERTIN, M. A formação de professores dos anos iniciais da Educação Básica: contribuições para o ensino de Geografia. *In*: PAULO, J. R. (org.). **A formação de Professores de Geografia**: contribuições para mudança de concepção de ensino. Jundiaí, Paco Editorial, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB nº 11, de 10 de maio de 2000**. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos. Brasília, DF: MEC, 2000.
- CANDAU, V. M. Universidade e formação de professores: que rumos tomar?. *In*: CANDAU, V. M. (org.). **Magistério**: construção cotidiana. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 30-50.
- CASTORIADIS, C. **As encruzilhadas do labirinto VI** – figuras do pensável. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- CAVALCANTI, L. S. Formação inicial e continuada em geografia: Trabalho Pedagógico, metodologias e (re) construção do conhecimento. *In*: ZANATTA, B. A. A.; SOUZA, V. C. (org.). **Formação de professor-es**: reflexões do atual cenário sobre o ensino da geografia. Goiânia: NEPEG, 2008. p. 85-102.
- CAVALCANTI, L. S. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2013. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

COUTO, M. A. C. A Geografia como ciência das práticas e dos saberes espaciais: por um novo modelo clássico de organização curricular. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE EDUCAÇÃO NO CAMPO, 2015, Campinas. **Anais** [...]. Campinas: UFScar, 2015. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminario-de-2015/11-pedagogia-historico-critica/e11t100-a-geografia-como-ciencia-das-praticas-e.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2021.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1994. (Coleção Magistério, Formação e Trabalho Pedagógico).

DANTAS, T. R. A formação de professores de EJA na perspectiva de inclusão social. **Revista de Educação, Ciência e Cultura**, Canoas, v. 24, n. 1, p. 29-39, 2019. Disponível em: <https://revistas.unilasalle.edu.br/index.php/Educacao/article/view/4570#:~:text=Desta%20a%20cria%C3%A7%C3%A3o%20de%20uma,educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20jovens%20e%20adultos>. Acesso em: 8 jul. 2021.

DANTAS, T. R. Experiências formativas de educadores em EJA: memória e narrativas autobiográficas. *In*: BARCELOS, V.; DANTAS, T. R. **Políticas e práticas na Educação de Jovens e Adultos**. Petrópolis: Vozes, 2015.

DANTAS, T. R. **Professores de adultos**: formação, narrativas autobiográficas e identidade profissional. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Ciências da Educação, Universidade Autônoma de Barcelona, Salvador, 2009.

DANTAS, T. R.; CARDOSO, J. S. Tecendo saberes e a formação de professores(as): reflexões com a Educação de Jovens e Adultos. *In*: DANTAS, T. R.; DIONÍSIO, M. L. T.; LAFFIN, M. H. L. F. (org.). **Educação de Jovens e Adultos**: políticas, direitos, formação e emancipação social. Salvador: Edufba, 2019.

DAVIDSON, C. Transcription: Imperatives for qualitative research. **International Journal of Qualitative Methods**, London, v. 8, n. 2, p. 36-52, 2009. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/160940690900800206>. Acesso em: 14 out. 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. A pesquisa biográfica ou a construção compartilhada de um saber do singular. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 133-147, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/2526#:~:text=A%20segunda%20quest%C3%A3o%20levar%C3%A1%20%C3%A0,pesquisa%20colaborativa%20na%20qual%20est%C3%A3o>. Acesso em: 14 out. 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagem metodológica na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, p. 523-740, 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5JPSdp5W75LB3cZW9C3Bk9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 out. 2021.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação**: figuras do indivíduo-projeto. Natal: EdUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

DINIZ-PEREIRA, J. E. A construção do campo da pesquisa sobre formação de professores. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 145-154, 2013. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/download/7445/4808/>. Acesso em: 7 ago. 2021.

DOMINICÉ, P. A epistemologia da formação ou como pensar a formação. *In*: MACÊDO, S. *et al* (org.). **Currículo e processos formativos**: experiências, saberes e culturas. Salvador: Edufba, 2012. p. 19-38.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 36. ed. rev. atual. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Tradução: Moacir Gadotti e Lilian Lopes Martin. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 28. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 58. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

FREIRE, P.; MACEDO, D. **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FRESU, G. Entre pandemia e crise orgânica: contradições e narrativas hegemônicas do capitalismo em colapso. *In*: LOLE, A.; STAMPA, I.; GOMES, R. L. R. (org.). **Para além da quarentena**: reflexões sobre crise e pandemia. Mórula Editorial, 2020.

GALVÃO, C. Narrativas em educação. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v11n2/12.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

GAMBOA, S. S. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. *In*: SANTOS FILHO, J.; GAMBOA, S. S. (org.). **Pesquisa educacional**: quantidade – qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-81.

GATTI, B. A. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília, DF: Liber Livro, 2012.

GOHN, M. G. **Movimentos Sociais e Educação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GOODSON, I. Currículo, narrativa e o futuro social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35. p.241-252, 2007. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/FgNMHdw8NpyrqLPpD4Sjmkq/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 3 set. 2020.

HADDAD, S.; SIQUEIRA, F. Analfabetismo entre jovens e adultos no Brasil. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Vitória, v. 1, n. 2, p. 88-110, 2015. Disponível em: <https://revistaabalf.com.br/index.html/index.php/rabalf/article/view/81/64>. Acesso em: 3 set. 2020.

HEIDEGGER, M. La esencia del habla. *In*: HEIDEGGER, M. **De camino al habla**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 1987.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DA BAHIA. **Projeto Político-Pedagógico do curso de Licenciatura em Geografia**. Salvador: IFBA, 2015. Disponível em: <https://portal.ifba.edu.br/salvador/documentos/processos-seletivos/alunos/graduacao/vagas-residuais-2018/ppc-licenciatura-em-geografia>. Acesso em: 29 jan. 2021.

IVENICKI, A.; CANEN, A. G. **Metodologia da Pesquisa**: rompendo fronteiras curriculares. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2016.

JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo. Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, J. **Nietzsche & a educação**. Tradução: Semíramis G. da Veiga. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LEONÇO, V. C. de. A escola e o mundo adulto: questão de conhecimento. *In*: MORAES, S. C. (org.). **Educação Especial na EJA**: contemplando a diversidade. p. 105-114. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre, Educação, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

LYOTARD, J. F. **A Condição Pós-Moderna**. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Ed., 2002.

MACEDO, R. S. **Compreender/mediar a formação**: o fundante da educação. Brasília, DF: Liber Livro, 2010.

MACEDO, R. S. **Pesquisar a experiência**: compreender/mediar saberes experienciais. Curitiba: CRV, 2015.

MAIA, H. C. A.; PAZ, J. S.; DANTAS, T. R. Quem e o que faz o estudante da educação de jovens e adultos?. *In*: AMORIM, A.; DANTAS, T. R.; FARIA, E. M. S. **Identidade, cultura, formação, gestão e tecnologia na Educação de Jovens e Adultos**. Salvador: Edufba, 2016.

MAIA, H. C. A.; MAIA, D. C. Formação de professores de geografia para a EJA: cenários e desafios à prática pedagógica. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, SP, v.30, n. 63, p. 1-17, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/educacao/article/view/13880>. Acesso em: 4 fev. 2021.

MARCONDES, M. I.; TURA, M. L. Prática reflexiva: ponto de chegada ou ponto de partida na formação do professor?. *In*: BARBOSA, R. L. L. (org.). **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004. p. 197-209.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Marin Claret, 2001.

MAZZOTTI, A. J. A. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, p. 53-61, 1991.

MEYER, J.W.; KAMENS, D.H. Conclusion: accounting for a world curriculum. *In*: MEYER, J. W.; KAMENS, D. H.; BENAVIDES, A. (org.). **School knowledge for the masses: world models curricular categories in the twentieth century**. Londres: Falmer, 1992. p. 165-179.

MORAES, M. C. **O paradigma educacional emergente**. 9. ed. Campinas: Papirus, 1997.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Os professores e sua formação. Lisboa: Publicação Dom Quixote, 1995.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. rev. e atual. Petrópolis: Vozes, 2016.

OLIVEIRA, R. **A (Des)qualificação da educação profissional brasileira**. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, V. M.; SATRIANO, C. R. Narrativa, subjetivação e enunciação: reflexões teórico – metodológicas emancipatórias. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 20, n. 42, p. 257-282, 2014. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4275>. Acesso em: 4 fev. 2021.

PÁDUA, E. M. M. **Metodologia da Pesquisa** – abordagem teórico-prática. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C.; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 369-386, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/4275>. Acesso em: 15 fev. 2021.

PEREIRA, M. V. **A estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Ed. UFSM, 2016.

PERRENOUD, P. *et al.* **Ensinar**: agir na urgência, decidir na incerteza. Saberes e competências em uma profissão complexa. São Paulo: Artimed, 2001.

PIMENTA, S. G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. *In*: SELMA, G. P. (org.). **Saberes pedagógicos**. São Paulo. Cortez, 2012. p. 15-34.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-formação existencial. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 329-343, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/vBbLxwHQHLFnrS48HYbhxw/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 15 fev. 2021.

RESENDE, M. S. **A geografia do aluno trabalhador caminhos para uma prática de ensino**. São Paulo: Loyola, 1986.

RICCI, R. O perfil do educador para o século XXI: de boi de coice a boi de cambão. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano 20, n. 60, p. 143-178, 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/yyTyZ7G6RQ6bPcXsg9jqhcB/?lang=pt>. Acesso em: 15 dez. 2021.

SANTOS, B. S. **A Cruel Pedagogia do Vírus**. Coimbra: Edições Almedina, 2020.

SANTOS, B. S. Um discurso sobre as ciências. **Estudos Avançados**, São Paulo, p. 46-71, 1986. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v2n2/v2n2a07.pdf>. Acesso em: 1 set. 2020.

SANTOS, E. J. S. **Educação geográfica de jovens e adultos trabalhadores**: concepções, políticas e propostas curriculares. 2008. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.

SANTOS, M. **Por uma Outra Globalização**: do Pensamento Único à Consciência Universal. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2000.

SCHÜTZE, F. Biography analysis on the empirical base of autobiographical narratives: how to analyse autobiographical narrative interviews – part1. **Verlag**

Barbara Budrich, [s. l.], 1992. Disponível em: <http://www.uni-magdeburg.de/zsm/projekt/biographical/1/B2.1pdf>. Acesso em: 17 set. 2020.

SESI; UNESCO. **CONFITEA**: Declaração de Hamburgo: agenda para o futuro. Brasília, DF: Sesi/UNESCO, 1999. (Serie Sesi/UNESCO – Educação do Trabalhador, v. 1). 5ª Conferência Internacional de Jovens e Adultos realizada em 1997. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001297/129773porb.pdf>. Acesso em: 3 set. 2020.

SITJA, L. M. Q.; REIS, L. R. Pedagogias dos des-caminhos: educação, humanismos e maneiras de dizer. **Revista EntreLinhas**, Salvador, 2009.

SOLIGO, R. **Quem forma quem?**. Instituição dos sujeitos. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

SOUZA, E. C. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. **Revista Educação UFSM**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 85-104, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/11344>. Acesso em: 1 set. 2020.

SOUZA, E. C. **O Conhecimento de si**: estágio e narrativa de formação e professores. Rio de Janeiro: DP&A; Salvador: UNEB, 2006.

SOUZA, K. C. D. Narrativas, rua e construção de laços: histórias que se encontram na EJA. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 5, n. 14, p. 841-858, 2020. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/rbpab/article/view/7321>. Acesso em: 1 set. 2020.

SPOSITO, E. S. **Geografia e Filosofia**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

STUCKEY, H. L. The first step in data analysis: transcribing and managing qualitative research data. **Journal of Social Health and Diabetes**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 6-8, 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/273813498_The_first_step_in_Data_Analysis_Transcribing_and_managing_qualitative_research_data. Acesso em: 1 set. 2020.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Departamento de Ciências Humanas. Colegiado do Curso de Geografia. Campus IV – Jacobina. **Projeto de Renovação de Reconhecimento do Curso de Licenciatura em Geografia**. Jacobina: UNEB, 2012. Disponível em: <https://portal.uneb.br/jacobina/wp-content/uploads/sites/22/2017/01/PROJETO-PEDAG%93GICO-1.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Instituto de Geociências. Colegiado dos Cursos de Graduação em Geografia. **Projeto Político Pedagógico dos cursos de graduação em Geografia** – Licenciatura (diurno e noturno) – Bacharelado (diurno). Salvador: UFBA, 2015. Disponível em: <http://www.geografia.ufba.br/Projeto%20Pedagogico%20Geografia%202015.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2021.

VESENTINI, J. W. **O método e a práxis (Notas polêmicas sobre geografia tradicional e geografia crítica)**. Terra Livre. São Paulo: AGB, 1987. n. 2.

ZABALZA, M. A. **O estágio e as práticas em contextos profissionais na formação universitária**. São Paulo: Cortez, 2014. (Coleção docência em formação: saberes pedagógicos).

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTA/NARRATIVAS ON-LINE

Márcio

Eu sou professor de Geografia do estado e a minha relação profissional voltada para essa área, primeiro porque apareceu e abriu essa oportunidade de fato para que eu pudesse realizar um sonho meu de ser professor. Eu sempre tive o sonho de ser professor desde criança e basicamente eu venho de uma família de professores, porém a Geografia apareceu para mim porque eu trabalhava na Secretaria de Meio Ambiente e foi um trabalho lindo. Aconteceu alguns eventos que eu saí e voltei e saí de novo para a Educação e quando eu retorno para o Meio Ambiente eu decidi fazer vestibular lá no final de 2002 e a Geografia aparece assim como por acaso, mas também foi um tanto proposital, porque a condição da Secretaria também era muito boa para essa área. E me formei em 2007 pela Universidade do Estado da Bahia, fica no *campus V*, em Santo Antônio de Jesus, e comecei a trabalhar efetivamente como professor de Geografia em 2005, mas entrei naquele sistema de aceleração como professor de Matemática.

Para alcançar a Geografia mesmo, em sala de aula foi realmente em 2007 já para 2008, aí já trabalhei com turmas realmente de EJA, Educação de Jovens e Adultos. E assim, inicialmente, para mim foi complicado como até hoje é um pouco complicado, porque na EJA, na escola que eu trabalhava, nós não tínhamos nenhum conteúdo programático, nenhuma diretriz voltada para a EJA, tipo os assuntos que serão abordados durante o ano todo, conforme acontecera na reunião de professores, na Jornada Pedagógica serão esses assuntos aqui que estão elencados, isso nunca existiu. O que existia era que os assuntos eram trabalhados com assuntos do nível “regular” e o que tivesse disponível, o que tivesse a mão e foi assim que eu procurei saber de alguns professores que tinham algum conteúdo para eu poder prosseguir, ter alguma diretriz voltada para aquele tipo de público, porque é um tipo de curso que é diferenciado. O “regular” é uma coisa, segue uma normativa, segue uma ordem direitinho, bonitinho, todo paramentado. A EJA também segue, mas naquele momento, ninguém tinha me dito nada daquilo. Simplesmente, o que eu ouvia dos professores mais experientes da área de Ciências, da área de Linguagem, da área de Matemática era você escolher o assunto que você quer

trabalhar e vai trabalhando, porque os meninos têm muitas dificuldades, eles são semianalfabetos, era turma do noturno, a média de idade daquele pessoal naquele tempo, o mais novo se muito tivesse era algo em torno de 18 anos e o mais velho da turma se não me falha a memória em torno de 65 anos, era uma senhora de idade que inclusive na relação interpessoal me chamava de “senhor professor” e quanto que os mais jovens me chamavam ou pelo meu nome ou simplesmente de professor.

Então assim, inicialmente, para mim, foi um choque, porque eu imaginava encontrar alguma coisa, algo já pelo menos preestabelecido e, no entanto, eu tive que está construindo um conteúdo para aqueles alunos e me deparei, acho que a cada dia com uma aventura, porque o pessoal realmente era semianalfabeto, tinham muitas dificuldades, mas eles tinham uma força de vontade muito grande de aprender, é uma turma muito cheia e todas as noites eles estavam ali. Eles vibravam quando eu escrevia a informação no quadro ou então eu desenhava, porque, às vezes, eu falava alguma informação, mas eles não compreendiam: “Professor, eu só não sei que palavra é essa? Eu não sei escrever nem essa palavra”, é só para a gente ter uma noção do nível de aprendizagem deles.

Então, eu fazia o seguinte, eu vou desenhar, por exemplo, uma cidade, eu queria trabalhar com conteúdo de urbanização e ficava bloqueado, porque na ação de transmitir a informação, ao fazer o meu trabalho assim de fato, porque só o tema, a palavra “urbanização” para ele soa como um palavrão. Então, daquele momento, eu me lembro muito bem, foi uma segunda-feira, não me lembro a data exata específica que cheguei no quadro, escrevi no giz, porque ainda era quadro de giz, comecei a desenhar umas linhas paralelas e de repente começo a colocar casas, e aí eu fui explicando a eles, o processo de construção de uma cidade ou uma possível construção de uma cidade e aí foi como eles começaram a associar as imagens com a informação que eu estava passando; e o segundo momento foi realmente a parte teórica e eu percebi também que muitos deles só conheciam letras caixa alta, letra maiúscula. Então, nesse momento, desse período de 2007, já fui para a Geografia em si, eu comecei a escrever no quadro, aquele quadro de giz, aquele quadro negro e de letra maiúscula, para que todos eles pudessem entender e curiosamente, eles só escreviam daquela forma.

Então, eu percebi que, além de ensinar Geografia, eu estava ensinando e ajudando no letramento, na alfabetização. Então, aquela informação que os professores me deram que os alunos eram semianalfabetos eu tomei como impacto e até não gostei, achei aquilo como uma afronta aos alunos, porque eu achava que existia um estigma com os alunos do noturno, porque todos que estavam ali eram pessoas que tiveram de parar de estudar para trabalhar, para poder sustentar a família e as pessoas não conhecem seu dia a dia para fazer determinado comentários, é complicado! Mas realmente, boa parte dos colegas, infelizmente eu tive que dar o braço a torcer e tive que criar estratégias para que os alunos naquele momento pudessem entender os conteúdos, a partir de uma dinâmica diferenciada para que eles pudessem aprender.

Então, assim, naquele momento, foi complicado porque eu tive que dar o braço a torcer realmente aos professores que eu achava que eram contrários ao um processo de educação. Os professores deveriam estar contribuindo com um processo de educação pública e de qualidade, porque ainda tem essa relação, quando a gente chega assim e para quem está de fora desse sistema educacional é muito simples, só vê assim um lado, de dentro em relação ao professor e ao aluno e fim de papo. Os professores não estão trabalhando e os alunos não querem nada, é bem no popular e até com palavrão “os alunos não querem zorra nenhuma”, enfim, mas quem está envolvido com o processo da educação, principalmente, nos municípios, a educação municipal é diferente, a gente começa a perceber que são várias discussões que nós temos que preparar, o lado dos docentes, dos professores que tem aqueles que têm muito amor ao seu trabalho e está ali porque gosta, mesmo com defasagem de salário, mesmo com o cansaço do dia a dia, mesmo problema familiar, mas a gente está todo dia e nós vamos à escola, trabalhamos realmente e estamos envolvidos e tem aqueles que estão, acho que a palavra é “decepcionado”, não sei se seria essa palavra que se encaixa aqui, mas porque fez um concurso, foi aprovado, e aí foi para a sala de aula e talvez porque era de um tempo lá no século passado, me perdoe até a forma pejorativa de dizer, para não pensar que estou colocando tudo como o pessoal antigo. Não é bem dessa forma, mas eu digo que é do passado porque eu me lembro, há uns 30 anos atrás mais ou menos, quando era pequeno, lógico! Professor na família era uma festa, o

professor era um ser respeitado, todo mundo queria ter um professor na família, era falar com orgulho que tinha um vizinho professor, tínhamos que apertar a mão do professor, tínhamos que nos espelhar nos professores, porque eles eram pessoas diferentes que ensinavam a outras pessoas. Era uma relação diferente e uma visão diferente que tinha do professor de 30 a 40 anos atrás ou até mais porque realmente aquele ser, que misericórdia! Era uma luz no nosso meio e é uma festa danada, era orgulho falar pulando: “meu filho é professor, meu marido, minha esposa”. Tinha aquele orgulho todo, mas a decepção acho que vai nesse ponto, porque os colegas olhavam e falavam assim: “ah, eu estou ganhando pouco, então deixa para lá mesmo, é isso mesmo, esses meninos não querem nada, você bota uma letra no quadro e eles dizem que não sabem copiar, toda hora um pergunta se pode ir no banheiro, quer beber água, que saco, ou outro mal chega e pergunta se tem merenda ainda”.

Então, tudo isso que eu ouvia dos professores daquela unidade escolar eu internalizava, mas eu colocava no canto. Eu dizia para mim: “eu não vou deixar isso me abater, eu mesmo vou trilhar o meu caminho”. Algumas coisas realmente iam na direção do que eles falavam, outras coisas eu disse “se eu for internalizar isso para mim, para minha vida, o que vai acontecer? Eu vou me tornar igual a eles e os alunos iriam dizer que eu cheguei aqui outro dia e já estava agindo dessa forma e tal”. E pelo fato de eu ter uma aparência, naquele momento jovem, assim no sentido cronológico, igual à dos alunos, porque a minha faixa etária naquele momento era praticamente a deles, na média do grupo e de repente quando eles me viram a primeira vez na sala de aula, eles se assustaram, eles disseram assim: “esse menino é o professor? Esse rapaz é o professor? Mas é um rapaz! Eu me lembro desse cara, esse cara ficava brincando de pedra ali, perto da Ponte do Cais”. Eu ouvi muito isso aqui, eu e um grupo de professores que se formaram naquele período. Hoje, está todo mundo no estado também e a gente ouvia muito isso: “esse menino estava jogando bola, chegou aqui na ilha um dia desses, será que ele sabe alguma coisa?”. Gerou a desconfiança de um lado e, por outro lado, dos mais jovens: “Poxa, você vai ser meu professor, que massa! O cara joga bola comigo, não sabia que você era professor”.

Aí, então, quando eu percebi isso, pensei que era a hora de trazer essa galera para o meu lado, vou aproveitar isso e enquanto eles estiverem distraídos assim, desse jeito jovem, esse rosto jovem que eles acham que é jovem, a capa. Então, eu vou trazer isso para o meu lado, eu vou procurar personificar esse meu lado normal, o da pessoa e trazer para o professor, mas de modo que a relação sempre tenha um ponto de equilíbrio, o nível de respeito. Graças a Deus, deu certo! Então, eu chegava lá toda noite, saudava todos eles, passava de carteira em carteira, eu exigia que escrevesse tudo que eu colocasse no quadro e tinha um aluno que isso aí para mim foi super curioso, tudo que eu falava ele escrevia, tudo que eu escrevia no quadro, ele escrevia também. Era uma relação de muita obediência! Então, eles tinham as dificuldades, mas muito também aprenderam. A escola, como eu estava falando anteriormente, não tinha estrutura de ter um *datashow*, de ter uma televisão, de ter um vídeo cassete, não tinha nem transparência, isso mesmo! A máquina de transparência... não, eu acho que o nome não é esse não, é projetor de *slides*. Me perdoe, porque essa é uma tecnologia antiga para mim, mas eu não ligo de lembrar o nome dele não. Mas eu estava lá em Salvador, imprimia aquelas camadas e como eu já tinha o computador velho, um cacareco e tal, eu imprimia tudo direitinho para aula, principalmente, quando eram aquelas aulas sobre a Terra, era estrutura interna do planeta Terra, que vem crosta, manto e núcleo. Então, eles adoravam quando viam aquele negócio colorido. Algumas vezes, eu consegui fazer isso e, outras vezes, não saiu da maneira que eu queria, porque até para utilizar esse retroprojetor eu tinha que agendar na escola uma semana, duas semanas antes e o que me chamou atenção desde aquele tempo, que quando eu não agendava, o diretor dizia “olhe está aqui, você pode usar e tal, mas tem que colocar o nome antes” e eu “sim, diretor mas eu não posso usar aqui agora, já que eu estou com material e ninguém está usando o aparelho? Porque eu estou aproveitando que eu já trago isso na minha mochila, já está tudo aqui e de repente me deu aquela vontade de fazer algo diferente como todos os dias”. E aí ele falou “ah, mas você tem que agendar, anotar, tem que ver primeiro porque é não é assim”. Então assim, ele colocava um pouco dificuldade e depois eu vim perceber que a máquina estava com defeito porque alguém não soube utilizar direito e acabou danificando patrimônio público. Então, para ele não ficar mal

comigo, ele procurava ganhar tempo até porque a minha relação com esse diretor era uma relação muito bacana, porque, em 2005, eu ainda estava no meu sexto semestre da UNEB e já era efetivo da prefeitura no cargo administrativo e eu precisava fazer um acordo técnico para eu poder me formar. Então, abriu um espaço para mim na Secretaria de Educação, porque eu era da Secretaria de Meio Ambiente, como falei, e fui trabalhar com o professor antes do tempo.

Na Secretaria de Educação, tenho uma história inusitada, pois eu não podia dar aula de Geografia que era a área que eu estava estudando, mas eu podia dar aula de Matemática no município, porque ninguém queria. Os pedagogos, não abrangendo a todos, e hoje eu tenho uma relação até melhor com os pedagogos, antes eu tinha uma relação mais de cão e gato, hoje eu tenho uma relação até mais tranquila até porque os novos pedagogos que eu conheço têm uma outra visão de mundo. Realmente, eles sabem acolher, mas naquele tempo era muito complicado e eu também não pouco mais radical, um pouco rebelde, era ou não era, muito nesse nível e fim de papo, mas esse diretor foi curioso porque foi ele que me levou para a sala de aula e abriu a porta da turma e disse: “Gente, esse é o seu professor de Matemática, professor essa sua turma”. Ele saiu, fechou a porta e me largou lá e aí eu tive que tomar atitude naquele momento que não tinha nada planejado, isso para Matemática.

Então, de lá para cá, eu criei uma relação muito boa e gostosa de respeito com esse diretor, porque ele disse que me jogou um desafio e ele falou uma coisa que eu não esqueço: “Márcio, nós só aprendemos fazendo em qualquer profissão, ser professor também é aprender ter jeito”. A gente aprende teoria na universidade, a gente aprende teoria nos cursos de formação, mas muita coisa que a gente aprende na sala de aula é completamente diferente. Então, a teoria vai até um limite e a prática que era para você utilizar a teoria, de repente tudo aquilo que você havia planejado, de repente você tem que ter um plano B, um plano C, um plano D, até você acabar toda as letras do alfabeto para que você possa desenvolver o trabalho, porque você tem um tempo considerável ali de uma hora aula, de duas horas aulas que seja, para você apresentar o conteúdo, ter uma relação com a turma, principalmente, se for primeiro dia de aula, se for a primeira semana de aula que você não conhece ninguém. Então, primeiro, antes de entrar o seu trabalho, você

constrói uma relação interpessoal, porque vai ter alguns alunos que vão gostar de você de cara, vai ter aluno que não vai gostar de você de cara, vai criar caso, vai criar problema, vai criar todo tipo de confusão para que você não dê a aula. Então, cada aluno é uma realidade diferente! Conquiste-os, traga para você, entre na vida, entre no coração dele para que você possa fazer seu trabalho.

Eu nunca me esqueci disso, então eu trago isso comigo até hoje e é um conselho que eu posso garantir para qualquer pessoa que dá certo. A teoria ela ajuda muito, ela pode dar até mais de 80% do caminho andado, mas a prática alcança 1000%, porque se você, no caso, como aconteceu comigo, uma pessoa que estava completamente “verde” e eu tinha que desenvolver um trabalho, eu tinha que cumprir a carga horária até porque era o meu trabalho, então, eu tive que deixar pular muitas formalidades, tive que associar tudo muito rápido, eu tive que abstrair as coisas muito rápido e praticamente foi na lei seca, o negócio é desse jeito e pronto, o conteúdo é esse, tem que passar dessa forma, você está livre para você fazer o que quiser. Então, eu tive autonomia, desde o início, porque o propósito era, se você não der aula, eles vão ficar sem professor, vai chamar outra pessoa, essa outra pessoa pode vir ou não porque a aula era no turno noturno e aqui na ilha nós temos muitas, muitas complicações, muitos e diversos problemas para tudo que é lado que a gente possa imaginar.

Nós temos problemas de ordem de transporte, tanto para o professor quanto para o aluno. Então, professor que não mora na ilha é mais complicado ainda. Porque o *ferryboat* tem horário de funcionamento, a lancha de Mar Grande funciona até mais ou menos 6h30 da noite, a última daqui pra lá é 18h30 se não me falha a memória. O *ferryboat* funciona até 11h da noite ou 11h30, então professor que mora em Salvador para vim dar aula aqui à noite, primeira semana ele vem de boa, ele vem sorrindo novamente, mas a segunda semana ele começa a si sentir cansado porque ele tem que pegar o *ferry* para atravessar, ir para ilha pegar um transporte, um carro pequeno para chegar na escola, para poder parar e descansar rapidinho entre 7h e 7h15 da noite ele tem que estar na sala de aula, os alunos já estão lá, praticamente a mil por hora, porque são várias realidades, aquele aluno pescador, aquele aluno que não faz nada, aquela aluna também que vai para escola porque

não quer ficar em casa sem fazer nada ou porque a mãe vai mandar lavar um prato, lavar uma roupa, tem que tomar conta de criança.

Então, são vários problemas, de tudo que é hora e tudo que é jeito e por incrível que pareça, ao longo desse processo aí de 2007, para cá, ao longo desses 13 anos, muita coisa não mudou! Pelo contrário, só se potencializou e ficou cada vez pior. Isso apenas os problemas adversos, os problemas externos, os problemas internos seriam aquele aluno que tem dificuldade de abstrair uma informação, você está ministrando um determinado conteúdo e muitos deles não conseguem entender aquilo que está se falando e por mais calma que você fale, o mais tranquilo que você faça ali o seu trabalho e se você só ficar no blá, blá, blá, não dá certo. Aqui tem uma diretora da escola que eu trabalhei lá no Bom Despacho, há uns dois quilômetros daqui, ela falava assim: “professor de cuspir giz, não rola mais”, ou seja, ficar só no bla, bla, bla, bla, bla, falando, falando, falando... cansa o aluno e ele quer mandar tudo para o espaço e tal. Então, é um processo complicado! É complicado, é difícil, então ao longo desse tempo, eu fui procurando me moldar à imagem e semelhança de cada turma. Então, quando a turma era mais rígida e tinha que entrar com mais energia, quando a turma era mais calma, tranquila, eu também aliviava mas nunca deixei de ser rígido pelo contrário, aqui o pessoal me tem assim como... quando eu coloco o pé na rua, todos ele aqui, da primeira turma da EJA e as turmas dos anos seguintes, eles falaram assim: “ah, professor, o senhor é um cara muito legal, muito bacana, o senhor vai para sala de aula, o senhor conversa com a gente, brinca com a gente, o senhor deixa que todo mundo fale, que todo mundo se expresse, o senhor escreve no quadro”. E realmente, eu escrevo no quadro, escrevo muito rápido, esses dois últimos anos aí eu parei de escrever no quadro, então passei a usar televisão até porque a escola é de um outro nível e tal e é melhor porque eu tenho como utilizar vídeos, mas como não tinha esse luxo de ter uma televisão na escola era realmente no desenho. Então, eu tive que criar os meus desenhos, tive que aprender fazer desenhos de casa, de carros em 3D para poder encantar, usar o giz na época do giz colorido para deixar tudo bem bonitinho, tudo bem tranquilo e eu tinha que fazer todos esses desenhos em menos de 10 minutos.

Então, o tempo que eles estavam lá batendo papo, eu tinha que produzir tudo isso muito rápido e, muitas vezes, o planejamento que eu tinha feito, eu tinha que

deixar ele de *stand by*, porque a turma estava em um momento espiritual diferente, às vezes, o pessoal estava energético demais, então tinha que pensar no plano B e outras vezes eu também, sinceramente, não estava afim de ir para escola dar aula. É tanto que, para mim, eu já mudei esse conceito, eu não dou aula coisa nenhuma, porque quando você dá as pessoas entendem que é de graça e não dá valor.

Então, eu vendo aula, algo meio capitalista mesmo, mas desse jeito mais para mim mesmo, para internalizar isso; para mim, foi melhor porque eu chegava em casa “poxa eu dei aula, cheguei cansado, ‘estupiado’, destruído, o pessoal não prestou atenção, ninguém deu valor”. Na minha cabeça, entendo que é porque é de graça, aí quando eu comecei a falar “gente, eu vendo aula, eu não dou aula, eu me dou aula”. Você já vende a aula no setor privado e aqui no setor público que é o caso de vocês, vocês pagam impostos e é por aí que eu recebo. Essa minha concepção psicológica mudou consideravelmente, porque eles começaram a dar valor, quando eles perceberam que realmente minha aula era vendida e que eu estava ali me esforçando para cumprir tudo direitinho, eles começaram a falar: “ah, professor, o senhor é o único aqui que eu vejo aqui se esforçar, o senhor quando a gente começa a conversar da tapa na mesa, o senhor você vai de junto, o senhor não quer que use celular, o senhor fica corrigindo nosso caderno, o senhor faz a chamada e quer que a gente leve o caderno para o senhor dar o visto”. Faço isso, eu aprendi dessa forma. Mentira que conto para eles, pois eu não aprendi dessa forma, mas não posso dar meu braço a torcer (risos).

A verdade é que, durante o meu processo de formação de graduação, não tive nenhuma disciplina voltada para EJA, não tive nenhuma disciplina voltada para currículo, não tive nenhuma disciplina que ensinasse a ensinar, vamos direto ao ponto, a disciplina que eu tive assim que eu me lembro claramente para a questão do ensino foi Psicologia da Educação, que eu me identifiquei e gostei porque eu adoro aqueles teóricos, principalmente aqueles dos nomes difíceis, Vygotsky, eu não lembro nem a pronúncia direito. Então, na UNEB em si, não tive uma grande formação voltada para o ensino, mas eu lembro o porquê. Porque a minha turma na UNEB, se não me falha a memória, foi a última turma que trabalhou com o currículo adaptado, porque o nosso currículo é de graduação com base no bacharelado. Então, lá eu tive Cartografia, Climatologia, Geografia da Agricultura, População,

Geografia do Espaço Mundial I e II, além daquelas teorias chatas e abusadas, entendeu? Mas, para formação de professores em si não, é tanto que a turma seguinte, a minha turma 2003.1, a turma de 2004 já foi diferenciada porque já tiveram currículo, eles já tiveram outras disciplinas com formação e optativa também, coisa que a minha turma não teve, não vinha na nossa grade, é tanto que o nome era grade curricular e depois o pessoal botou um apelido de “prato feito”.

E o que era o prato feito? Você chegava e escolhia as disciplinas do currículo e o próximo aluno, no caso o futuro profissional, ele iria escolher as disciplinas para poder compor a licenciatura e a nossa base foi de bacharelado, mas graças a Deus eu tive essa base, porque Geologia então, eu me garanto, não me troco por ninguém. A base de Climatologia também! No ensino “regular”, eu trabalho tudo isso de maneira sistematizada, mas na EJA eu fiz o seguinte, é nesse ponto que eu queria chegar, me perdoe porque eu me alonguei, porque quando eu começo a falar já foi. Assim, eu acabei criando o meu próprio currículo, eu procurei na base de dados na Secretaria de Educação e tanto municipal como do estado. No *site*, tem uma espécie de matriz curricular para a EJA se não me falha a memória, porque você vai lá e tem assim: temas norteadores ou tema gerador, se não me falha a memória. Então, eles trabalham com aquela lógica de globalização, capitalismo, tecnologia, esses nomes bem pomposos, o aluno olha assim, eu vou aprender aquele negócio, mas tudo apenas é uma roupa nova para um conteúdo já preestabelecido antigo e quando a gente pega para ver realmente, isso lá a escrita dele, é algo bem fora da realidade, por exemplo, pegar um conteúdo de globalização e pela forma que está escrito lá e depois levar para a sala de aula e falar para esse aluno é complicado, mas é aí que eu acho legal também, porque é onde entra o fator humano, onde entra o profissional que faz a transposição didática para que o aluno possa aprender, a realidade, a relação que tem com aquilo que está sendo dito.

Eu vou dar exemplos desses últimos tempos porque eu falei mais tempo dos anos iniciais e eu estava lá entre 2005, 2007 até 2010 batendo cabeça, porque foi complicado, porque a gente procura na escola, com outros colegas, procura na secretaria entender o processo, o que é que tem que ser feito, mas não tem um curso diretamente para isso, a universidade não deu, você não tem então você tem

que ir com o que você tem em mãos, suas ferramentas de trabalho que é o quê? Seu conhecimento, o seu carisma, a sua forma de enxergar o mundo e sua forma de tentar passar isso, eu procuro levar o conteúdo aos meus alunos sempre a partir de várias opiniões, várias decisões, a minha está embutida ali, mas eles não sabem e, às vezes, porque conexão chegamos a um denominador comum.

Eu falo para eles: “Gente, nós vivemos nesse espaço que é a ilha e como é que vamos compreender a globalização a partir desse espaço integrado? Vamos olhar a tecnologia, o que é que vocês entendem? Qual a relação de vocês com os turistas? Quem sabe falar uma língua diferente? Quem sabe falar uma língua estrangeira? Mesmo que chegue lá e fique só no *how are you*”. Enfim, trazer visões do cotidiano, do dia a dia para sala de aula, para que a gente possa desenvolver o nosso trabalho, porque aula para mim é assim: temos o conteúdo, temos! Vamos ministrar, vamos! Sem sombra de dúvida, temos que ter o nosso planejamento porque nós temos que seguir aquele ritual, só que, no meio do caminho, os alunos começam a perguntar e fogem do conteúdo ou eles perguntam uma coisa que não tem nada a ver com nada ali e gera até uma piada naquele momento.

Então, tudo aquilo que eles falam, no final pego tudo e transformo para sala de aula, eu transformo tudo para o que está sendo trabalhado, eu não perco, eu valorizo aquele aluno; primeiro, vamos valorizar o que ele sabe, o que ele tem, o que ele pode externar, aumentar a potencialidade dele e fazer com que ele vença mais um dia de vida, de escola porque que se eu dou logo “não sei” para ele de cara, eu posso bloquear esse aluno e ele não vem mais, então, é um aluno que eu perco. É por isso que começamos o ano letivo lá com 30 alunos e terminamos com cinco alunos, como já aconteceu em algumas escolas, e isso não é legal e já visualizando isso desde lá de trás, mas também como eu falei, venho da experiência de uma família de professores, que chegavam em casa falando que o aluno era assim, que era assado, mas as minhas tias foram formadas na década de 70 e 80 e tinham uma outra concepção de educação e outras formas de ensinar. E eu não, já que eu sou desse tempo agora, desse tempo atual, eu vou trabalhar com a ferramenta do tempo atual, vamos trabalhar coisas antigas? Vamos. Vamos trabalhar coisas futuristas? Vamos.

Eu trabalho assim na EJA, tenho me dado bem. Graças a Deus, minhas turmas são normalmente cheias, para você ter uma ideia, muitas vezes, à noite, principalmente agora de uns quatro, cinco anos para cá, nessa escola estadual atual que eu trabalho, os alunos me esperam, o último horário, eles dizem: “Professor, só vou ficar na escola porque é o senhor que se fosse o outro ou se fosse a outra não ficaria”, aí começa a falar o nome dos professores das disciplinas e também assim, acho que a relação professor-aluno é, como eu falei anteriormente, são várias discussões, são várias questões. Primeiro, professor como qualquer outro profissional tem que cumprir a sua carga horária, o seu papel. Então, meu horário na escola é esse aqui, é 7h da noite tem que ir até 10h, vou cumprir esse horário. É para trabalhar de segunda a quinta-feira como eu trabalho, adoro trabalhar à noite, adoro trabalhar na EJA, estou lá todas as noites e o que eu escuto todas as noites é: “O senhor não fica doente não? O senhor não se cansa não?”. Canso, fico doente, mas vou trabalhar porque isso gera uma relação de respeito com o aluno, porque ele sabe que no outro dia você vai estar lá, porque todo dia eles sabem que é uma coisa diferente, que todo dia eu levo atividade e também valorizar o aluno, exemplo, o aluno fez uma atividade, então, eu vou dar o ponto a ele ali, não tem conversa não, minha conversa é direta “Quanto vale? Um ponto? Pronto, você ganhou um ponto aqui, agora!”. Mas da mesma forma que o aluno ganha rápido, ele perde rápido. Basta fazer algo errado! Mas brinco com eles e mostro o que eles fizeram de errado, isso acaba ganhando eles. E eu falo que para ganhar o ponto de novo, basta fazer outra atividade valendo ponto e assim vou levando.

Então, eles gostam disso, que eu me preocupo, que eu brinco, que eu dou ponto, converso, normalmente, de coisas da vida, do trabalho. Então, isso gera uma relação que extrapola também essa relação professor-aluno e acabam se tornando também, amigos. Toda noite eu tenho basicamente minhas turmas cheias e aqueles que faltam no outro dia me falam: “professor, me perdoe não deu para ficar, não deu para participar, tive que sair”, e também passei a utilizar *WhatsApp* para enviar atividades que eu faço com os meninos na sala de aula, mas o que passa, o que eu consegui na verdade efetivar foi fazer com que nesse campo da tecnologia, trabalhar com eles isso na sala de aula. Eu sempre falo para eles que toda atividade, toda avaliação, farei com eles em sala porque eu tenho alunos que trabalham como

pedreiro o dia todo, eu tenho alunos que trabalham na casa de material de construção, estão cansados o dia todo, dá pena! Dá pena de chegar na escola e ver que meu aluno está cansado, que o cara está destruído, que tem que acordar 5h da manhã para chegar na casa de material de construção, que tem que entregar material para trabalhar. O cara chega na escola cansado e com fome. Eu tenho uns alunos que chegam na sala e dormem. Eles me pedem desculpas e dizem que estão cansados. Eu sempre digo que é tranquilo.

Eu tive um aluno açougueiro no ano de 2017, que ele chegou atrasado na minha aula, pois começa às 7h e ele chegou na minha aula 7h40 quando terminava, eu disse: “olhe, chefe, você chegou atrasado, perdeu uma aula aqui e desse jeito vai ficar difícil”, ele inicialmente retrucou e depois me explicou que estava no trabalho, que o chefe não quis liberar, que ele teve que fechar a loja, que teve que desossar a carne toda. A partir desse diálogo estabelecido, eu falei que tudo bem chegar atrasado na terça-feira, mas que na quarta-feira ele me lembrasse de falar com os outros professores e explicasse o motivo do atraso dele. Precisamos dar essa oportunidade aos alunos. Pronto! Naquele dia, eu ganhei aquele menino, naquele dia, naquela hora literalmente. Ele não botou muita fé não, mas nos outros dias ele foi direitinho e eu falei com os professores. Então quando entrava na sala, as professoras, outros colegas falavam assim: “olha, professor Márcio falou de você, é você que trabalha naquele açougue assim e tal e tal” e todos passaram a falar para ele que não tinha problema, que já tinha colocado uma observação na caderneta, que ele não se preocupasse e que ele não seria prejudicado. Esse menino depois que eu fiz isso com ele, veio me agradecer, e aliás, me agradece até hoje. Ele disse que queria ser professor de Geografia como eu, que ele passou a gostar de mim e quando terminou o ano, ele participava de tudo na escola. Ele falava que estava cansado, que estava destruído, mas que via o porquê de muitas coisas não darem certo e ele fez uma homenagem para mim no último dia que eu fiquei emocionado, eu não esperava! Ele disse “o professor Márcio me acolheu e eu vi que ele é assim com todo mundo, ele brigou comigo naquele dia que eu estava cansado, estava estressado, estava chateado com o patrão, mas o professor ele trouxe e me prendeu na escola e disse que se o patrão me segurar ali na hora que me liberasse eu ia vir e a escola ia está aqui aberta para eu poder vir, ter minha aula e eu voltar aprender e

terminar meu curso que era o que eu queria”. Enfim, eu sei que ele concluiu e disse que ia ser professor de Geografia, mas depois ele me traiu, foi ser professor de História. Eu disse “está valendo, eu quero ver você feliz”. Então hoje ele está casado, está fazendo o nível superior dele, está direitinho em tudo e é isso, pelo menos eu consegui modificar, talvez influenciar a vida de uma pessoa, talvez outras, eu não sei. Alguns falam comigo, outros é normal da vida, mas enfim ... eu vou nesse sentido, eu olho muito o lado humano da coisa, nós temos o conteúdo como eu falei, temos, mas se o aluno quiser falar de outra coisa, dentro do nível do respeito, faz parte da Geografia, vamos fazer.

Outra coisa, eu fiz uma pós-graduação em EJA, na verdade, eu tenho três pós-graduações. Eu tenho uma pós-graduação na área de Licenciamento Ambiental que é a área que eu realmente gosto, que eu trabalho aqui no município, eu tenho uma pós em Docência do Ensino Superior e eu tenho também uma pós em EJA. Essa de EJA eu fiz justamente para me dar a base, para eu poder fazer uma aula de maneira mais correta, só que para minha surpresa, o que eu vi lá nessa pós da EJA foi apenas mais do mesmo, mais do mesmo em relação a graduação em si. Por quê? Porque tinha matérias lá que o professor falava muito com a base de Paulo Freire que eu acho fantástico, EJA e Paulo Freire é nota mil. Gosto do discurso de Paulo Freire, gosto da maneira de pensar, gosto daquela questão humana dele e até talvez por isso que eu me identifico também.

Nós temos que trazer aquilo que o aluno sabe para sala de aula, trazer a realidade para ele e ele também, ele faz parte do processo e o aluno é responsável pelo processo formativo dele também. É bem por aí, então, se ele não quisesse aprender, ele não iria para a escola e eles aprendem, todas as pessoas aprendem o tempo todo, não precisa de um professor para estar dizendo é isso e aquilo o tempo todo, o que eles têm o que fazer, que isso aqui é desse jeito, eles aprendem sim, eles podem aprender de uma maneira diferenciada e cada um tem sua forma de internalizar as coisas, aprende com a vivência, isso é importante e tem coisas que não sabemos e que eles sabem fazer.

Isso é que eu levo para sala de aula, eles dizem que eu sei muito, mas eu também falo que aprendo com eles, por exemplo, perguntei a um aluno o que ele fazia e ele me disse que era pedreiro e eu disse a ele que se tinha uma coisa na

vida que eu já trabalhei, mas que eu não gosto é de levantar bloco, rebocar, me chame porque é um negócio chato, eu posso até ajudar, mas não vai sair direito, o bloco vai cair (risos). Eu não sei, eu não domino, eu posso dominar a carregar o bloco, mas colar um no outro, não me chame (risos). Falei isso para eles, para poder mostrar que o professor não é um ser de outro mundo, que é um ser imortal. Então, vai nesse sentido também.

O curso de pós-graduação em EJA não me ajudou nesse sentido, pois fui achando que iria aprender como agir com os estudantes da EJA, como dar aula na EJA e não foi isso que aconteceu, o que eu vi no curso foram temas voltados para a Educação na área de Pedagogia e também na área de Andragogia, que eu nem sabia que isso existia, mas é porque isso a gente não aprende na universidade, podia ser algum *android* demagogo. Brincando assim, só para quebrar o gelo. Mas falando sério, eu vou estar literalmente mentindo se eu vi alguma dessas informações e desses saberes na universidade, eu vou estar fugindo dos meus princípios.

Os saberes que aprendi, pelo sentido filosófico mesmo, é você entender e internalizar as ciências pelos aspectos científicos, os tópicos, as palavras, o que é que significa isso, aquilo, outro, tal. E eu, às vezes, sou meio rebelde com esse tipo de coisa, eu acredito muito assim que foi na EJA especificamente o que eu tive que aprender com a EJA, eu tive que aprender a ser professor, só que mais do que isso, eu me moldei para ser um bom professor, na verdade, para ser um professor excelente, de alto nível para aqueles alunos daqui dessa realidade, só que eu não posso me comparar aos outros, porque eu não assisto às aulas dos outros professores e eu sei que todo mundo tem sua forma de trabalhar, sua forma de lidar, a relação interpessoal, a questão do carisma, mas eu procuro ser um dos bons, uns dos melhores.

Eu falo sempre: “gente, professor é substituível como qualquer outro profissional, hoje ninguém é insubstituível”. Só que assim, professor só é substituído se os alunos quiserem, tudo depende dos alunos e se os alunos quiserem ele tira o professor ou ele permanece, ele coloca o professor. Eu trabalhava na escola lá no Bom Despacho, como eu falei, mas como professor de Matemática, trabalhei dois anos lá para poder concluir o meu curso de Geografia e era interessante porque eu

não podia dar aula de Geografia, mas podia dar aula de Matemática e quando eu falei para o pessoal que eu precisava sair da escola porque eu tinha que concluir, fazer o TCC, a turma não queria deixar eu sair. Vamos falar com o prefeito, vamos falar com o secretário de educação, o senhor não pode sair daqui, o senhor tem muito tempo aqui com a gente e eu quero que o senhor continue, o senhor tem que ser professor de minha filha, tem que ser professor de não sei quem e então tinha muito isso de durante o dia eu ensinava os filhos e à noite eu ensinava os pais e os meninos iam para escola o dia todo porque queriam ficar na minha presença, porque o professor brinca muito, o professor fala com a gente.

E foi assim que eu fui aprendendo. Então, eu fui me moldando perante ao aluno, eu fui aprendendo na EJA muitas coisas e é como eu falei anteriormente, eu fui criando os meus próprios conteúdos, quer dizer, para mim para ficar mais tranquilo. E assim, início o ano e começo o conteúdo que vai trabalhar e hoje na escola que eu trabalho lá em Vera Cruz, eu sou basicamente professor efetivo da escola desde 2013 e na EJA de Geografia só tem eu, o vice-diretor ele era, ele é opção de Geografia da EJA só que como ele está na vice-direção e então ele abriu espaço para mim. Mas ele me disse que, quando sair da vice-direção, ele vai voltar e enquanto isso não acontece, eu vou ficando e assim, é uma relação saudável e bem bacana.

Então, eu criei o quê? Eu fui criando conteúdos voltados para a prática de vivência e Geografia do trabalho, direto na questão do trabalho, o trabalho que eles pretendem, o trabalho que eles fazem, como é que eles veem isso aqui e tal. Não dessa forma, mas sim de uma forma muito mais simples, de uma forma muito mais tranquilo para que eles possam entender, assimilar, aprender ou até mesmo se estressar que, porque trabalho também é estressante. Tem aqueles que tentam me enganar dizendo que fez a atividade, mas eu digo que a letra não é deles, que quem fez foi a mulher, porque letra de mulher a gente conhece por ser arredondada.

Enfim, eu fui criando alguns conteúdos que para mim era mais tranquilo, voltado para o espaço mundial, a questão dos países, questão de geologia, climatologia eu também trabalho, mas de uma forma mais tranquila, por exemplo, aqui na ilha, lógico, a gente está aqui perto de Salvador e como nós temos o clima tropical úmido, é muito quente, é quente mesmo e aí eu vou nessa perspectiva. A

galera que é pescador então adora, eu pergunto quando é que vai chover aqui e os alunos olham para o céu e dizem: “olha vai chover professor, se prepara aí daqui alguns dias” e eu pergunto: “como é que você sabe?”, eles “ah, porque o vento está mais úmido, está mais frio e também você pode perceber que a gente tem aquela ‘marolinha’ do mar, tudo na mesma direção, a correnteza está mais forte”.

Então, a partir dessas falas que eu mostro para eles que é essa a relação que eles têm com espaço e com o lugar deles. Isso aí meu amigo, é Geografia! Eles perguntam “é isso?” e eu sempre questiono: “vocês pensam que é coisa de outro mundo, é?”. Seja no espaço geográfico em si ou na relação com a natureza ou então seja essa relação com a família, com a escola. Muitos deles gostam de ir à escola, mas não gostam de ir para sala de aula. A escola se torna o *shopping center* do saber (risos), eu falo que eles querem ir passear pela escola, porém não querem assistir aula. Mas a minha vai ter que assistir, porque senão perde o ano, porque ainda tem isso, de dizer que se matricule na EJA porque só precisa se matricular, que chega lá tem de dar duas presenças e já está aprovado. Eu sempre lembro e digo a eles que se não assistir minha aula de fevereiro, março até dezembro, no final do ano, ele acaba repetindo e, no ano que vem, vai encontrar comigo de novo, já pensou?

Assim, vou brincando mas aí pronto, eu procuro sempre ter uma relação saudável, uma relação gostosa e cria neles uma sensação de deixá-los à vontade, de ter o prazer de ir para escola, de ter o prazer de ficar comigo. Toda relação para dar certo é necessário a verdade, é necessário respeito mútuo, uma relação de pai e filho, uma relação, aquele que eles adoram de namorado e namorada, porque se um mentir já foi. A relação de professor e aluno é da mesma forma, então, nós temos que dar respeito, mas temos que conversar, nós temos que trazer o aluno para gente, para que a gente possa fazer nosso trabalho e, em contrapartida, eles devolvem respeito, eles estão ali presentes, eles estão aprendendo e tem prazer de estar na presença do professor fazendo atividade, trazendo curiosidade.

Em 2013, até mais ou menos 2017, os alunos da minha sala eram mudos, o pessoal tinha medo de falar, tinham vergonha de falar, de 2018 até o ano passado, porque ano passado tivemos as primeiras semanas e depois parou por causa da pandemia. Os alunos muito falantes, eles perguntavam e, em 2019, eu apresentei

até um trabalho num Colóquio Internacional que foi uma experiência, um relato de experiência justamente na EJA. O trabalho falava sobre Cartografia, trabalhando os jogos, trabalhei com batalha naval. Foi curioso, peguei minha turma e dividi em quatro equipes, logo de início eles falaram que não sabiam jogar, que não ia conseguir jogar, que isso era coisa velha, o pessoal não queria. Eu pedi apenas uma oportunidade, que, por favor, eles me ajudassem, bem sensibilizando. Então, eu peguei quatro líderes, formei quatro equipes para cada um tomar conta. Eu sei que depois que o pessoal encheu bastante o meu saco, a aula começou por volta de 7h20 e minha aula era para terminar às 7h40, eu tive que encerrar minha aula às 8h, botando todo mundo para fora porque os outros professores já estavam chamando, e para quem disse que não queria brincar, criou aquela disputa, porque a outra equipe tirou o colega e eles queriam descontar, ainda me perguntaram se iria ter revanche. Enfim, para mim, foi *show* de bola porque eles aprenderam a trabalhar com coordenada geográfica, brincaram, se divertiram. E é isso, espero ter ajudado na sua pesquisa, falando sobre o meu processo formativo.

Lidiovânia

Quero começar refletindo como eu me tornei professora, foi como aluna aqui da Escola Alair Coutinho, aquele lá na Praia do Forte, boa parte dos meus professores eles vinham ou da sede de Mata de São João ou de Salvador e havia uma grande falta de professores na região e começamos enquanto estudantes, no Ensino Fundamental, ao fazer o movimento estudantil na escola, formação de Grêmios Estudantis, formação do Colegiado Escolar, a todas as discussões políticas em torno dessa formação de jovens. Isso lá para os anos 2000-2001, acho que foi junto com o movimento que existia no Brasil ou daquela época, na qual a juventude lutava muito para chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder. Eu acho que isso acabou respingando um pouco na gente aqui da região. E aí, incomodados com essa situação de que os profissionais eles vinham de fora, não só os professores, mas todos os profissionais da região vinham de outros lugares, começamos a falar sempre: “oh, vamos estudar, iremos voltar para atuar na nossa comunidade”, mas

esse sonho ele não foi só meu, eu sonhava em ser professora e retornar para escola onde estudei e hoje estou, que é o Alaor Coutinho.

Então, eu estudei no Alaor Coutinho desde a quinta série, atual sexto ano até o terceiro ano do Ensino Médio e, diante dessa luta de Grêmio, eu fiz vestibular e aí entrei, passei no vestibular da Universidade Federal da Bahia e fui estudar Geografia; primeiro, passei para História no vestibular de 2005, mas eu não tive a possibilidade de cursar na época por conta de uma questão de desorganização familiar. E aí, em 2006, fui e entrei para cursar a Geografia. E por que Geografia? Eu tive uma professora de Salvador e veio morar na região, mais precisamente na comunidade de Pau Grande, e essa professora junto com o esposo dela que era professor de Física, eles eram pessoas que estimulavam e começaram a contar histórias do que era a universidade que era algo tão distante da gente.

Então, esses professores eles contribuíram muito para esse sonho, esse sonho de estudar que era algo tão distante. Porque se você for parar para pensar naquela época que a gente aqui, não tinha quase ninguém com um celular e internet poucos lugares, era uma *lan house* ou outra e era onde a gente tinha internet. Então, a gente tinha pouquíssimas informações aqui na região, turismo estava chegando, ir para Salvador é como se a gente fosse fazer uma grande viagem, as coisas eram muito distantes! Aquela questão que Gilberto Gil canta Parabólica, aqui não tinha parabólica (risos). O negócio ainda estava conversando, então tudo era muito distante, a gente queria melhorar a região, mas a gente não sabia como. E aí esses professores chegaram com essa ideia da universidade pública, essa questão do direito ao acesso a esse espaço, que a gente precisaria estudar, a dar ferramentas, da direção para aquela visão crítica que a gente tinha e não sabia como atingir os nossos objetivos e essa professora, eu não sei se você conhece, Edite Diniz, lá do GeograFar, grupo de pesquisa da UFBA, aquela do cabelo bem branco e fica lá. Ela foi ser minha professora de Ensino Médio e aí eu olhava para ela e eu ficava encantada com a maneira que ela falava das aulas de Geografia. Eu lembro que um dia quando o grupo terrorista derrubou as torres nos Estados Unidos, ela chegou lá no quadro e colocou a palavra “retaliação” e foi o que George Bush usou. Ia fazer com o mundo: retaliação, mas ela dava uma aula tão emocional que eu me apaixonei pela Geografia e aí eu resolvi fazer Geografia. Quando eu entrei na

universidade, para mim, foi muito difícil cursar Geografia, porque na escola eu só vi as palavras “Geografia Política” que era o que ela trabalhava, porque ela era professora de Ensino Médio e o viés dela era mais político e eu me deparei com a Geografia Física, para mim foi muito difícil, mas aí eu passei por todas essas dificuldades. Além da questão da Geografia Física, sair daqui num lugar pacato e para mim era pacato por mais que tivesse turismo cinco estrelas, mas era pacato porque eu não tinha acesso a esses lugares de turismo, porque eu vivia no meu lugar e morar em Salvador para mim fica uma dificuldade enorme, eu acho que eu não consegui fazer amizades em Salvador (risos). Eu não consegui sair com a galera de Salvador, eu não consegui viver a capital, acabei voltando para cá e aquela coisa de se tornar professora e passei no curso e fui para Itanagra, acabei ficando velha (risos).

Sobre essa parte profissional, eu fiz a licenciatura, cheguei a iniciar o bacharelado, só que foi quando eu passei no concurso do estado e no concurso quando eu fiz era por polo, não foi como que você fez, o último. Era por polo e o polo que eu escolhi tinha três municípios: Mata de São João, Pojuca e Itanagra, tinha uma vaga, aí eu fiz. Quando eu fui assumir na DIREC 31, lá em Santo Amaro, tinha vaga só para Itanagra. Eu achava que Itanagra ficava perto e fica perto geograficamente perto de onde eu moro aqui em Diogo, mas não tem acesso, então, é um perto longe. Aí, eu fui para Itanagra, chegando lá, eu assumi 20 horas, porque o concurso era de 20 horas mais 20 extra para conseguir me manter, pagar aluguel e não consegui mais ir para Salvador, porque Itanagra tinha um ônibus que saía às 5h30 da manhã e esse mesmo ônibus ele sai da rodoviária de Salvador 14h30 da tarde, então eu chegava em Salvador 9h na rodoviária e 14h00 horas eu tinha que estar na rodoviária novamente. Então, em 2012 eu não consegui fazer mais nada minha vida e você sabe quando a gente passa no concurso a gente tem que tentar manter isso, aí você acha que aquilo é o fundamental para sua vida, eu não sei se aconteceu com você mas minha mente ficou assim: “eu não posso perder”, então, eu não fiz o bacharelado.

Lá em Itanagra, eu assumi uma escola que tinha desde o 6º ano até o 3º ano do Ensino Médio e tinha a EJA, Eixo IV, V, VI e VII, só que no Eixo VII não tem aula de Geografia e nem de Ciências Humanas. Então, quando eu cheguei lá com todas

essas horas, 20 horas mais 20 extra, eu dava aula para todas as turmas, então, eu conhecia todas as turmas. Tinha as crianças, os adolescentes e o pessoal da EJA. A EJA funcionava à noite, então, como funcionava à noite, boa parte do pessoal eram jovens acima de 16 anos ou pessoas de idade mesmo, 45, 60 anos. Então, era esse perfil, aí deixa eu te falar, antes de eu passar no concurso, no ano de 2011, eu passei no concurso, assumi em 2012, eu trabalhei no Alaor em regime PST. Eu me formei em 2011, fevereiro. Eu trabalhando no Alaor, eu dei aula para a EJA no Ensino Médio, o Alaor tem EJA já há um bom tempo, quando começou foi implantada a EJA no Alaor.

Em 2011, trabalhei com EJA em Geografia e umas duas turmas de Filosofia. O Alaor, na EJA, a gente atendia e até hoje é assim, principalmente, os trabalhadores da rede hoteleira. São pessoas acima de 18 anos. No ano de 2020, foi que o perfil da EJA, mudou um pouquinho no Alaor, porque o Ensino Médio passou a ser integral. Então aqueles alunos repetentes com mais de dezoito anos, foram todos lançados para noite, para a EJA ou para o “regular”, porque fecharam turmas a tarde para poder transformarem as turmas da manhã em integral, então houve uma modificação. Sobre a minha trajetória, eu não sei se isso ficou tão claro, primeiro eu fui para Itanagra trabalhar com essas turmas todas e trabalhei com EJA. Bom, quais são as diferenças da EJA para o “regular”? A primeira coisa para mim recém-chegada foi a caderneta. A caderneta da EJA é diferente do “regular”, primeiro que na EJA você não coloca nota, quanto foi que o aluno tirou? Você não coloca, você não descreve nota, você coloca se ela está com conhecimento a construir, em construção ou se foi construído. Então, vamos supor que eu passei uma atividade com aquele aluno, se ele conseguiu compreender aquela atividade, ele construiu o conhecimento, se ele compreendeu parcialmente, em construção e se ele não compreendeu, a construir. Então, a gente tinha que preencher com essas iniciais. Aí, vem um grande dilema, e como é que eu digo isso, como é que eu qualifico isso, para o que o aluno entenda que ele está em construção? Porque o aluno vai perguntar, o aluno sempre pergunta: “E quanto eu tirei?”. Mesmo o aluno sendo da EJA, mesmo sabendo que o descritor avaliativo não é através de nota, eles pergunta quanto tiraram. E aí, a gente buscava pesar, então vamos dizer

assim, o aluno que está em construção, a gente se baseava numa nota entre 5 e 7, acima de 8, construído, abaixo de 5 era a construir.

Então, foi muito isso, no ano de 2013, houve um curso, um treinamento em Feira de Santana, sobre a questão da EJA, mas eu não participei, porque na época eu estava em período probatório e essa foi uma qualificação que o Estado deu para os professores que já tinham passado por essa fase. E aí eles trouxeram essas novidades de como trabalhar a EJA, a questão dos projetos, mas no início, pra gente que pelo que eu percebi, no Alaor como eu assumi como PST e em Itanagra, era tudo vamos dizer assim, a partir das experiências de outros professores que tinham trabalhado em outras escolas. Então, chegaram os livros com os conteúdos divididos por disciplina mais interligados com o dia a dia, então com uma linguagem mais simplificada, com mais gravuras, com textos menores. Então, o material da EJA é desse jeito. Então, os livros que eu tive acesso, que nós buscávamos trabalhar.

Então, era nesse sentido, um livro que tivesse um pouco mais de gravura, principalmente do Eixo IV e do Eixo V, então eles tinham esse colorido, eu sempre achava parecido com os livros da quinta série mesmo, das crianças. Eu falo as crianças porque quando eu trabalhava em Itanagra, os meninos tinham em média, 11,12 anos na quinta série. Eu fazia Dia das Crianças para eles, eu comprava presente e tal. Então, os livros eram muito parecidos, agora na EJA a gente sempre tentava trabalhar mais a questão de projetos, no qual se construíam materiais, por exemplo, “vamos enfeitar a sala para a Semana de Literatura”, então, nós vamos fazer todo um trabalho de decoração da sala e aí eles vão trazer pinturas, eles vão trazer alimentos. Então, eu vi que os trabalhos que se desenvolviam com a EJA para dar resultado, tem que ser trabalhos onde eles pudessem apresentar algo que eles soubessem fazer no dia a dia, então, por exemplo, as mulheres que sambavam e gostavam de fazer um samba, elas traziam isso para escola, quem gostava de fazer acarajé trazia isso escola, quem gostava de fazer determinado tipo de comida trazia isso para escola, então os trabalhos na EJA, eles acabavam, vamos dizer assim a culminância, geralmente tinha um evento deles e eles participavam integralmente.

Assim, o grau de participação dos alunos da EJA nesse tipo de trabalho, de culminância, é levado! Tão diferente do “regular” que no “regular”, Ave Maria, quando a gente faz um trabalho para os meninos apresentarem, eles só faltam se

esconder atrás do quadro, não querem, aí ficam naquela vergonha, fica empurrando o outro para ir e na EJA não. Eu percebo que eles são mais lúdicos, que eles gostam desse tipo de trabalho, então, eu sempre fiz um trabalho mais lúdico, por exemplo, vamos trabalhar regionalização, as regiões brasileiras que é um assunto do Eixo V, que tem muito nos livros. Então, nos próprios livros, eles já dão mais ênfase na questão da culinária, da música, dos povos. Isso é muito mais claro do que no outro, no “regular”. No “regular”, você vai trabalhar mais conceitos, então tem essa diferença de abordagem e a questão de finalizar que é sempre com uma apresentação lúdica, se você vai trabalhar o Nordeste, ou alguma outra coisa nesse sentido, aí o menino da EJA, ele quer logo ... ele quer vestir, ele quer fazer uma apresentação, então tem esse tipo de finalização, é algo que eu aprendi que tem que ser diferencial.

Outra coisa que me chamava bastante na EJA é que o aluno queria falar sobre ele, então é muito raro na sala de aula, ele não quer conversar como foi o dia dele. Eu tenho um aluno mais aberto, ele vem para escola e a escola é um espaço de socialização no sentido mais amplo pra ele, não é mais como jovem do “regular”. Hoje, no “regular”, você chega, os jovens não querem conversar tanto com o professor, eles geralmente querem ficar no cantinho, querem ficar no celular. Na EJA, você não tem muito isso. Na EJA, o aluno, ele vem para escola, geralmente depois de um dia de trabalho e ele quer socializar como foi a sua experiência no trabalho, então essa comunicação me fez aprender, principalmente, como é que as coisas funcionam fora do meu mundo, porque eu acho que a gente que é professor, a gente acaba vivendo muito essa rotina, do nosso trabalho, da nossa vida cotidiana e na EJA eu acabo acessando: como é que é a vida da outra pessoa? Como é que é trabalhar numa rede hoteleira? Como é que é trabalhar numa loja? Quais são as angústias? Quais são as vitórias? Como é que aquela pessoa percebe o mundo? Porque eu não vejo isso no “regular”, o jovem é muito mais fechado nele e nas tecnologias dele. É uma dificuldade hoje, para mim como professora está conversando com jovem, às vezes, eu só converso mais com ele quando eu percebo que ele está no momento de alguma insegurança emocional, os jovens que se cortam e acabam se mutilando por conta de algum problema em casa, aí ele acaba

chegando no professor, mas no dia a dia, quando eles querem conversar sobre as experiências deles, eles vão conversar com um colega de uma forma mais no canto.

Mas, a EJA não, quando você chega, você vai falar de trabalho, vamos, por exemplo, falar das relações de trabalho, vamos falar dos espaços, eu, por exemplo, que dou aula aqui na região, aí eu falo do lado direito da Linha Verde e do lado esquerdo, aí já vai começar a falar monte de coisa de quem mora do lado direito, vai dizer quais são as situações de segurança pública, de calçamento e quem mora do lado esquerdo da Linha Verde vai colocar o seu ponto de vista. Se você trouxer para a realidade deles, eles participam, mas se você for dar uma aula conceitual, por exemplo, se eu chegar lá no quadro e, dentro da Geografia, eu colocar “o espaço geográfico é”, “a paisagem é”, trabalhar a escala do mapa se ele não vai fazer o desenho da rua dele, se ele não vai fazer o desenho da cidade dele, se você não trouxer para a realidade dele, ele não vai participar. Aí ele vai chegar, ele vai cochilar, ele não vai querer ir no dia seguinte.

Então, há um desafio, a gente fazer e ir percebendo isso, mas muito sem treinamento. É aquela questão, eu não recebi treinamento, foram as minhas colegas com mais idade, com mais experiência que vinham dizendo para mim: “Olhe, esqueça um pouco desses conteúdos da academia, puxa conversa com eles, procure saber como é que foi o dia”. Foi aí que eu comecei a perceber que eu podia colocar os conteúdos da Geografia dentro desse contexto e aí, a aula anda. Não traga aula engessada pra EJA, porque não vai funcionar. No “regular”, também já não está funcionando, mas na EJA não funciona mesmo! Porque o que aquela pessoa busca ali na maioria das vezes, a primeira coisa: muitos precisam do certificado, eles estão no mercado de trabalho em sua grande maioria e eles precisam do certificado, uma parcela significativa, principalmente de mulheres, voltam a estudar pela questão do certificado, mas também porque já criaram os filhos e aparece um vazio.

Eu tive muitas alunas acima de 45 anos, elas voltaram a ter uma vida social na escola, porque elas se sentiam só, os filhos cresceram e aí elas começaram a ter dificuldade de ficar sozinha, de não ter amigos. Então, ou vai à igreja ou vai à escola, eu tive muitas alunas assim, umas, inclusive, que elas relatavam que estavam com depressão e que a escola estava ajudando. Então, eu comecei muito a

pensar “o que leva esse aluno da EJA a retornar?”, tem a questão do certificado, tem a questão de momento na vida que já criaram os filhos e outra questão mesmo é a de ficar envergonhados frente aos filhos, porque tem muita gente que os filhos já concluíram o Ensino Médio, tem pessoas que chegaram ao ponto que não sabiam ler e escrever.

Então, a EJA abre a porta dessas pessoas que não sabem ler e escrever. Então elas começam e aí os filho dizem que eu posso ir, aí tirava aquele ditado popular que diz que o velho não atende rojão, então eu ouço muito isso lá na sala, mas eles falam assim com muito ânimo de saber que isso não é verdade, porque a maioria deles estava voltando a estudar depois de ficar com vergonha do filho pedir para ensinar uma atividade em casa e não saber ler. Então, a EJA eu aprendi isso, a ver que existem realidades bem distintas. Coisa que no nosso dia a dia, a gente, infelizmente, acaba se fechando por conta da nossa rotina de trabalho, é muito cansativo! A gente está começando, mas tem professores que já estão aí no piloto automático de três escolas, de duas escolas. Então, a EJA, pelo menos para mim, me dá esse *feedback* de perceber a existência de outras realidades e também de fazer amizade, porque a gente acaba fazendo.

Eu costumo dizer que um aluno da EJA é como se eu tivesse num processo de transformação, como se eu fosse uma pedagoga dando aula para crianças de quatro e cinco anos, por quê? Porque a minha filha ela é criança e ela fala quase todos os dias da pró do G5, ela não esquece da pró. O aluno da EJA que eu encontro até hoje me trata como se eu fosse a melhor professora do mundo; no “regular”, tem aluno que mal olha para nossa cara. O aluno da EJA não esquece da gente, basta você ouvir, basta você fazer o esforço de trabalhar o seu assunto a partir da vivência dele, ele se sente importante e ele é importante naquele processo. Você diz para ele “eu estou aqui para isso, eu estou aqui para te ajudar”, um ajudando ao outro, se forma uma parceria nesse processo. O jovem não, eu sinto que o jovem acha que a gente quer “ferrar” com a vida dele, fica parecendo que eles vão para escola com raiva.

Na EJA, não é assim, os alunos não vão para escola com raiva, ele vai para escola para tentar recuperar o tempo perdido, para pegar o diploma, que tem que estudar para melhorar a vida social, tem que estudar porque eu não quero ficar

sozinho. Então, ele resolve, ninguém obriga. Então, isso aí já é meio caminho andado. Se você perguntar ao jovem, ele vai para a escola, muitas vezes obrigado pelo pai e pela mãe. Então, eu te digo, eu gostaria hoje só de estar trabalhando com a EJA, mesmo com todas as dificuldades. E quais são as dificuldades? Eu não tenho treinamento adequado para trabalhar na EJA, as cadernetas têm uma compreensão mais difícil. A gente tem muita burocracia dentro da SEC (Secretaria Estadual de Educação), eles produzem um monte de material didático para EJA, para serem trabalhados na escola, aí quando você lê o material todo, você diz “nós não temos condição de aplicar aqui ali”, é feito por gente que nunca pisou numa escola. A gente tem muito material assim, as cadernetas da EJA são tanta leitura e que não precisava daquilo tudo.

A gente precisa ter materiais didáticos para trabalhar na EJA e quais materiais são esses? Talvez uma escola mais equipada, uma escola que tivesse mais material, mais cartolina, mais lápis de cor, porque daria para fazer um trabalho mais lúdico, talvez uma escola tivesse mais globos terrestres, uma escola que tivesse mapas (que não tem!). Então, se tivesse mais esse material, como a gente podia falar isso para Educação Infantil, eu acho que esse material, ele seria mais apropriado, podíamos trabalhar construção de mapas, tivesse papel metro. Eu pedia na escola por papel metro, e eles dizem que não tem, que você procura e não tem, para os alunos estarem fazendo os trabalhos. Então acho que ao invés desse monte de material burocrático, de livros e mais livros, era que fizesse treinamento para os professores, disponibilizar material para que a gente possa fazer um trabalho mais lúdico, porque eu acho que a EJA tem essa questão mais lúdica, afetiva, é muito mais do que no “regular”, não quero dizer que as pessoas que estão na EJA não vão tentar o vestibular, você tem gente que vai tentar o vestibular mas é uma minoria que busca isso como primeiro objetivo. Muitos já estão no mercado de trabalho, é ter o ensino médio completo para fazer um processo de qualificação dentro da área em que já se encontram trabalhando, a que eles já estão e que é grande maioria.

Outra parte, além disso, a questão de estarem se comunicando, a questão de não estarem sozinhos, de quererem estar ajudando os filhos, porque, às vezes, muitos têm vergonha dessa questão do analfabetismo, os filhos estimulam para que eles possam ir para a escola, então eu gosto muito dessa experiência. O que

dificulta mais o desenvolvimento das atividades na EJA são as condições de trabalho, lá em Itanagra não existe livros para EJA nos anos iniciais, mas para os anos seguintes, assim como em outras escolas, já chegaram os livros para a EJA. Então, acabou facilitando um pouco, porque o aluno tinha material para levar para casa até para ele ter em mãos. Porque a gente já fala da questão da dificuldade de tecnologia, de computador, de internet para os jovens. Então, se você for olhar para a EJA, você pega o perfil da EJA mesmo, em sua maioria, tem uma parcela significativa de pessoas que não sabem mexer em computador. Então, a gente tem que contar com o material impresso mesmo, com a impressão de textos na escola e trabalhamos na escola assim. Tem um *datashow*, que me permite trabalhar o lúdico, então tem a questão da música, *slide* com música. Funciona bastante a utilização de *slide* com música, porque à noite, a música acorda porque às vezes eles estão cansados. Então, *slide* com música e apresentações. Eu faço assim, uma aula explanativa, uma apresentação mais lúdica, atividades e uma culminância.

Na EJA, é interessante você abrir e fechar um conteúdo, então é uma estratégia que por exemplo, no “regular”, às vezes, o menino pode levar para casa e fazer. Na EJA, não funciona muito bem essa questão de mandar atividade para casa, primeiro porque eu acho que eles têm os trabalhos, eles trabalham o dia todo ou então tem as atividades do lar mesmo, as mulheres geralmente. Então, eu gosto de abrir trabalhos e fechar com algum tipo de atividade para fixar o conteúdo, então, utilizar bastante papel ofício com lápis de cor, então, tem essas atividades lúdicas de construção e *datashow*. Agora tem uma falta de material, não é todo dia que a gente se encontra cartolina, que a gente encontra papel metro e lápis de cor. Então eu levo, eu tenho já meu material de trabalho, sempre tive. Essa questão de lápis de cor, essa questão do material mesmo. Deixa eu te mostrar uma coisa que eu que eu fiz e comecei a fazer a partir da minha inserção na EJA. Aqui é uma tábua com o mapa-mundi no fundo e aqui tem umas linhas dos meridianos e os paralelos, aqui eu tenho preguinhos na lateral, eles passam o cordão de um lado para o outro e no cruzamento entre eles, geravam os pontos como se fosse o ponto de localização. Então isso aqui eu faço na sala de aula e eu tenho uns três desses e aí eu separo os grupos e dou os pontos para eles. Eles saem marcando e aí, quando eles acham, eles fazem igual aquele ponto no mapa. Depois eu vou conferindo, é um tipo de

avaliação que a gente faz para ver se eles aprenderam os conteúdos de coordenada geográfica.

Então, esse material, eu comecei a construir na escola, pois a dificuldade de compreensão é muito grande nessa parte da Cartografia, da parte da Geografia Física. Então, as discussões políticas, as discussões de região, trabalhamos dessa forma lúdica, no sentido de vamos fazer uma brincadeira, uma festa, uma exposição culinária, mas a parte da Geografia Física você tem que trabalhar com materiais, então, por exemplo, relevo eu levo batata para escola e aí saio marcando, fazendo as rodinhas. Hoje, eu trabalho com Ensino Médio e EJA, mas eu gostaria de trabalhar só com a EJA, pois eles acham legal esse tipo de atividade, o lúdico.

O menino do Ensino Médio quando a gente leva esse tipo de proposta, ele diz logo “você acha que a gente é criança, professora?”, eles querem ser adultos a todo custo. Então é isso, comecei a fazer isso com a EJA, a fazer esse tipo de material e isso ajuda bastante nas aulas porque eles ficam animados, por exemplo, o trabalho da estrutura da Terra, a gente cozinha o ovo da galinha e leva para a escola ,aí um dizia “a gente vai comer ou vou jogar fora? Já sujou o ovo todo”. Então, tinham muito essas coisas, entendeu? Eu amo meus alunos da EJA com perfil de zona rural, eles são lindos! Até o abacate que ele tem na casa dele, ele leva para você, porque você tem que experimentar o abacate da casa dele. Isso é maravilhoso, porque assim, a gente trabalha também para pagar as nossas contas, mas a gente não tem respeito de ninguém, infelizmente! O pai e a mãe, na sua grande maioria, não nos respeita, estamos vivendo numa época onde a sociedade acha que a gente não contribui para nada, em sua grande maioria, é como se estivéssemos voltando a época da ignorância se é que já não chegamos lá. Então, quando você percebe que as pessoas te olham com determinado carinho, atenção e você acredita que realmente pode mudar o mundo. Aquela coisa que todo professor, que toda pessoa que diz que vai virar professor porque acredita que a educação pode mudar o mundo, a gente acredita quando a criança ela desenvolve essa simpatia, essa valorização pela gente e eu sinto muito isso em Itanagra na EJA.

Lívia

Eu sou Lívia, eu tenho 33 anos e do ponto de vista da minha trajetória pessoal, eu nessa parte vou ser mais resumida, vou deixar as outras duas partes para falar um pouco mais. Desse ponto de vista da trajetória pessoal, a Geografia, como eu virei professora, ela apareceu na verdade por conta do meu pai. Eu não gosto de colocar muito esse título para ele não, mas acabou sendo, pois ele foi professor de Geografia, hoje ele já se aposentou, mas ele foi professor durante mais de 30 anos da rede estadual de educação, formado na UEFS em Estudos Sociais, mas com habilitação para Geografia e desde muito criança eu tinha mapas em casa, tinha globo terrestre, tinha uns livros de Geografia desde Jurandyr Ross, Melhem Adas, Roberto Lobato Corrêa, Milton Santos, então eu tinha muitos autores em casa, nessa convivência desde a infância com meu pai.

Meu pai era professor de Geografia da escola onde eu era criança, então, assim quando eu estudava na mesma escola em que ele era professor, eu ficava habituada com a ideia de ser professora, de ter um pai chamado de professor por muitas pessoas. Ele era uma pessoa muito querida na escola com os alunos, ele tinha uma relação muito bacana com os alunos, principalmente com os alunos muito mais do que com os colegas professores dele. Então, todo aquele universo que envolvia afetividade, relação com os alunos, aquilo ali me encantava muito. Então, as pessoas que me envolveram dentro da Geografia começaram dentro da minha casa e preciso pontuar que meu pai me influenciou bastante em relação a isso, minha mãe também foi do Magistério. Então, minha mãe trabalhou com educação durante um tempo mas depois mudou de rumo, foi ser bancária, aí mudou completamente de profissão e posso dizer que começou mais ou menos por aí.

Eu sempre gostei muito de estudar, eu achava que seria importante por conta dessas discussões que tínhamos em casa, que educação seria a minha melhor possibilidade de mudar não apenas a minha vida, não apenas a vida da minha família economicamente falando, mas também uma possibilidade de mudar as questões que envolve o mundo, que envolve as relações sociais e eu sempre fui muito atrelada às questões que envolvem o social. Então, o social sempre fez muito parte da minha vida, desde atividades voluntárias, eu sempre fui mulher, desde criança na verdade, desde muito menina. A gente aqui em casa sempre trabalhou com as coisas que envolve o social, fazer algum tipo de atividade, desde doação de

roupa. Enfim, era um desejo muito forte e ainda é um desejo muito forte da minha família de sempre tentar ajudar as pessoas que precisam também. O fato também de eu ser aquariana e de querer mudanças com o mundo, de querer estar sempre muito presente das outras pessoas, de querer entender como é que as coisas podem mudar através dos nossos atos. Então, eu aprendi isso muito em casa, só depois de muitos anos eu pude entender melhor por conta da minha ancestral que essa questão que envolve o outro e o cuidado com o outro também era por conta dessa minha questão que envolve a ancestralidade e hoje eu entendo muito melhor isso por conta do Candomblé. Eu sou uma mulher que sou filha de Oxum, mas Xangô, pai da Justiça, está muito presente na minha vida. Então eu não consigo pensar o mundo se não for um mundo justo não apenas para mim, mas para outras pessoas também.

Então essas questões que envolvem a educação, justiça social, cuidado com o outro, com as pessoas me forjaram para profissional inclusive que sou hoje, para a pessoa que sou hoje, para a mulher, para cidadã que eu sou hoje, inclusive para a mulher acadêmica. Então, essa é um pedacinho da minha trajetória pessoal que começa a pensar Geografia e, nesse caso, já que a gente está falando de justiça social, de cuidado com o outro, de pensar o mundo que seja menos desigual, a Geografia meio que se encaixou, digamos assim, com tudo aquilo que era mais bonito para mim.

Eu sempre flertei com a ideia de fazer História ou de fazer Jornalismo, por conta da questão da oratória, eu sempre gostei muito de falar, mas a questão do verbo para mim, a oralidade ela é de fato muito presente desde a infância. Então, percebo que a comunicação, a fala até mesmo o processo de escrita, mas a comunicação de maneira geral era uma possibilidade que eu percebia de denunciar as questões que eu percebia como problemáticas e, nesse caso, a Geografia, enquanto aquela ciência que denuncia também os problemas do mundo, as grandes desigualdades, o racismo, os problemas sociais de um modo geral, essas questões econômicas, políticas, eu entendia a Geografia como uma possibilidade de reunião de coisas que eu gostava muito, que eu sempre gostei. Então, lá pelo Ensino Médio, tive professores que me influenciaram bastante, eu tinha ... e sempre professores homens, curiosamente, eu não tive professores mulheres, eu tive professores

homens e que era algo de fato encantador para mim, ver aqueles homens com aquele poder de oratória, que era algo que me chamava atenção e ao mesmo tempo juntando aquela outra coisa que me fazia vibrar, que era a denúncia das questões sociais, as problemáticas sociais. Então, eu falei assim: “bom, acho que a Geografia vai ser a ciência que completa coisas para minha vida”. Então, foi mais ou menos por aí, essa junção de comunicação com questões que envolvem justiça social.

Então, Geografia, mais do que História, mais do que o próprio Jornalismo, se encaixaram, no caso, a Geografia se encaixou como aquela ciência que poderia ser a ciência que preencheria a minha vida. Eu queria escolher um curso que não fosse apenas pelo viés econômico, não queria apenas fazer um curso de graduação para ganhar dinheiro, eu queria fazer um curso que de fato pudesse me colocar como uma cidadã, que pudesse mudar o mundo de alguma forma, mesmo que seja através de uma conversa de corredor com meu aluno ou qualquer outra coisa desse tipo. Então, Geografia apareceu na minha vida dessa forma, desse jeito e foi aí que eu comecei a pensar de fato na realidade de fazer Geografia e fui fazer, tentei UEFS, passei na UEFS, mas não queria mudar de Salvador para o interior e resolvi ficar mais um tempo em Salvador e passei na UFBA em 2006.

Eu início o meu curso de graduação na Universidade Federal da Bahia e foi um curso que eu fui muito feliz, eu fui uma estudante de graduação que vivi muitas coisas na universidade e que me potencializou conhecer coisas do mundo: as pessoas, viajei, conheci professores maravilhosos. Então, eu fui muito feliz e sou muito agradecida ao curso de Geografia por ter me oferecido possibilidade de visão de mundo mesmo. Então, agora, falando um pouco mais dessa minha trajetória profissional, aí eu começo na graduação. Em 2006, início minha graduação na UFBA, eu pude entender melhor tudo isso. Então eu lembro que eu queria muito fazer na verdade o bacharelado, o desejo pela sala de aula não era um desejo tão forte assim, eu queria Geografia, mas eu pensava na possibilidade de pesquisa. Então assim, a licenciatura, na verdade, ela começou um tempo depois, eu queria fazer o bacharelado porque eu queria trabalhar com pesquisa, não sabia exatamente com o que, se iria para o IBGE, se fazia algum outro concurso, mas aquelas questões que envolviam a universidade e acabaram me encaminhando para

licenciatura também. Só que aí, logo no terceiro semestre, comecei entrar em contato com pesquisa de maneira mais aprofundada.

Então, desde o terceiro semestre, passei a ser bolsista de graduação, de iniciação científica e recebi bolsa, passei a participar de grupo de pesquisa, tive um orientador que me acompanhou durante toda a minha trajetória, da graduação até o meu mestrado. A finalização do meu mestrado em 2014. Então, de 2006 até 2014, eu tive não apenas um amparo de um grupo de pesquisa, mas também tive um amparo de colegas do grupo, de um orientador, de uma bolsa paga pelo povo brasileiro, isso é importante ser dito, porque ela foi fundamental para minha permanência na universidade, porque caso contrário, eu iria trabalhar, isso, inclusive, poderia desviar meu caminho, eu sou grata a essa bolsa de iniciação por conta disso, ela me possibilitou estar mais tempo e vivenciar universidade do jeito que eu acho que todos nós deveríamos ter vivenciado.

Então, nessa minha trajetória da universidade, no iníciozinho, eu comecei a entender melhor que Geografia é essa que eu queria. Então, encurtando um pouco mais a conversa, nesse sentido, eu fiz a graduação e, participando desse grupo de pesquisa, eu pude me encontrar. A Geografia Urbana, ela apareceu na minha vida no quarto semestre com Wendel Henrique, professor da disciplina e passou a ser meu orientador também de bolsa de iniciação científica e depois o meu orientador também do mestrado. Então, vivenciei essa minha graduação, muito me vinculando já a uma possível ponte para o mestrado e que viria anos depois, em 2012, quando eu entrei de fato para o mestrado.

Então, essa é o início do que seria minha graduação, que foi muito feliz, muito bacana, conheci muita coisa, muita gente. Eu pude aprofundar um pouco melhor aqueles conhecimentos todos que a gente deseja ter na graduação, que é um processo de formação de fato. E aí, em 2012, quando eu finalizei tanto a licenciatura quanto o bacharelado e já também com algum tempo de iniciação científica, foi lá que eu comecei a fazer artigos, participar de congressos, de desenvolver essa minha experiência de pesquisa, com meu TCC inclusive que também foi na área de Geografia Urbana, na cidade de Cachoeira. Eu pude entender como é que se fazia pesquisa, gostar mais de Geografia e desenvolver as ferramentas que eu acho que o profissional precisa ter. Então, terminando a minha graduação em 2012, eu entrei,

fiz a seleção e fui aprovada para o mestrado também em Geografia na Universidade Federal da Bahia e lá eu pude desenvolver durante dois anos uma pesquisa que foi muito bacana, que é muito representativa na minha vida, uma pesquisa que hoje eu entendo que foi atravessada também pelas questões que envolve a minha espiritualidade, minha conexão ancestral e pude me perceber mais ainda como mulher negra que tem um destino, uma vida e precisa corresponder e trazer coisas também para comunidade que faz parte, que é a comunidade de matriz africana.

Então, nesse meu mestrado, orientada por Wendel também, eu pude trabalhar com pesquisa de maneira mais aprofundada e participei também de congressos, pude fazer pesquisa de maneira tranquila, também fui bolsista e fui bolsista pelo CNPq durante dois anos. Então, foi fundamental para minha vida enquanto acadêmica ter essa bolsa de iniciação, quero dizer bolsa de mestrado também. E aí, depois disso eu terminando o meu mestrado, foi um mestrado muito bonito que eu tenho muito orgulho. Eu fui atravessada por uma situação que envolve o orientador, que decidiu por questões pessoais se desligar da universidade e com o seu desligamento, eu não me senti tão empolgada para continuar com o meu processo de doutoramento. Então, esse foi um processo de ruptura, foi um momento que eu me senti muito órfã, muito sozinha, não sabia o que fazer muito bem e não conseguia me identificar com outros professores que pudessem me orientar em Geografia. Então, passei por um momento de tensão, foi o momento que eu não sabia muito bem o que fazer, se eu deveria continuar ou não e como muitos colegas em Geografia, a gente precisa óbvio, abrir a mente e voltar a trabalhar, voltar para o mercado de trabalho e como eu durante minha graduação eu só tive uma curta experiência em sala de aula, foi logo quando eu terminei, eu passei por uma experiência muito curta numa escola pública e não era nem como REDA, era como PST que foi muito difícil! Aquilo para mim era terrível, eram meses sem receber salário. Enfim, então, por conta disso, eu preferia estar como bolsista do que me aventurar de escola em escola por aí, porque assim, muito da minha vida eu não desejei, ainda não desejo me voltar para a iniciativa privada. Por questões pessoais que envolve as questões familiares aqui em casa, a gente sempre priorizou as questões públicas. Então eu sempre tive uma resistência muito grande a trabalhar para iniciativa privada.

Então, por essa razão, sempre preferi, eu tinha algum privilégio, isso é importante dizer que eu tive esse privilégio de dizer não para trabalhar, para apenas ficar focada nos meus estudos. Essa não é a realidade de todos os meus colegas, é importante que se diga isso. Tem muitos colegas que acabam de fato trabalhando nesses lugares que acabam sendo um espaço de exploração por conta de necessidade financeira. Mas, voltando para a situação que me ocorreu, assim que eu terminei o mestrado e meu orientador foi embora, eu fiquei sem saber se eu deveria ou não ir para iniciativa privada pela questão financeira, eu não sabia que fazer, só que eu tinha esse dilema ético inclusive, que eu não queria me deparar, mas acabei me deparando com ele e aí meio que num acaso da vida, apareceu um edital do IFBA para professor substituto, no IFBA em Simões Filho, eu fiz a prova e fui aprovada. Foi talvez a melhor experiência da minha vida, eu sou muito grata mais uma vez por ter o ensino público aparecido na minha vida e agora o ensino público federal e foi muito importante para mim, muito importante porque eu pude perceber de fato como espaço educacional pode e deve valorizar o seu profissional, como escola deve e pode valorizar seu profissional, foi o local que eu mais me senti valorizada, foi o local que me senti feliz trabalhando e que eu ia para o IFBA mesmo no dia em que eu não dava aula, porque o desejo de estar naquele espaço era muito grande, desejo de estar com os meninos, o desejo de estar com os meus colegas, de contribuir com aquele espaço era muito grande. Então assim, a carga horária não era grandiosa como é hoje na rede estadual e eu tinha possibilidade de estudar, eu tinha possibilidade de ter um salário digno e mesmo sem carro eu atravessava a região metropolitana e trabalhava no IFBA com muito amor e muita alegria.

Então, eu acho que é importante mencionar isso e aí vivi dois anos após o meu mestrado, vivendo, trabalhando para o IFBA, para os meninos do segundo e terceiro ano do Ensino Médio e essa foi uma experiência muito bonita e muito importante para minha vida também, e para esse espaço, inclusive, que eu tenho desejo de voltar. Bom, terminando o IFBA, cogitei a possibilidade e voltei para tentar voltar para universidade, eu fiz uma disciplina como aluna especial do doutorado, mas no meio da disciplina eu abandonei. Foi uma disciplina em Geografia e, fazendo essa disciplina, eu me senti muito arrasada com muitas coisas, então percebi que não era o momento de voltar naquele momento lá, em 2016. Percebi que não era o

momento de voltar e me dei tempo, me permitir dar esse tempo, aí decidi não voltar e fiquei sem trabalhar, fiquei estudando em casa por conta própria e só que aí as coisas apertaram.

Mais cedo ou mais tarde as coisas iriam apertar, porque a gente tem que trabalhar e tocar a vida e aí, nesse momento, mais uma vez, o dilema ético de ir para a iniciativa privada e aí eu tive que ir para a iniciativa privada. Por indicação de um amigo, eu fui trabalhar numa grande rede da classe média aqui Salvador, de uma grande escola e foi muito difícil para mim trabalhar com Ensino Fundamental, inclusive, mesmo com salário muito bacana com poucas turmas, mas eu me deparei com situações muito perversas. Eu tinha pouquíssimos alunos negros, eu tinha uma dificuldade de conversar com os colegas, eu tinha uma dificuldade na seleção dos conteúdos porque o meu material de Geografia e dos meus colegas também de Ciências Sociais eram vistoriados. Então, eu me sentia vigiada o tempo inteiro, eu fui vigiada e sofri muitos assédios por ser geografa naquela escola, sofri assédio, assédio político, inclusive.

Era o momento que o Brasil estava vivendo questões políticas importantes, foi um momento, inclusive, do golpe; então, eu estava vivendo, eu e os meus colegas de História e Sociologia também, estamos vivendo um momento muito conturbado. Então assim, o nosso material era revistado, a gente passava por várias reuniões para discutir todo o conteúdo, então eu me sentia muito cerceada, a minha liberdade estava sendo cerceada, os meus conteúdos e a minha autonomia em sala de aula estava sendo reduzida, então mesmo para Ensino Fundamental, porque a gente sempre pensa “não, só são meninos, são crianças”. Não! Mas assim, a gente era constantemente vigiado pela coordenação pedagógica, a gente era constantemente vigiado de maneira direta pelo dono da escola. Então assim, era uma escola, é uma escola de elite de Salvador e que eu não me sentia bem apesar do salário que eu recebia.

Então, isso me motivou a voltar para o ensino público e eu pensei “eu preciso sair disso daqui porque senão a minha saúde mental vai se destruir e tudo que eu quero na minha vida é ter paz, eu não quero dinheiro, eu quero ter paz, tocar minha vida, fazer minha macumba e viver feliz”, e aí apareceu o concurso do estado, o edital em 2017, eu li esse edital mesmo com desejo profundo de querer a minha

aprovação e combinou com várias situações que estava vivendo. Situações pessoais que me fizeram sair de Salvador, eu não tentei a seleção para Salvador, eu tentei a seleção para o interior do estado da Bahia, da seleção para o Núcleo Territorial de Educação VI que é de Valença. Então, os municípios adjacentes à Valença correspondiam ao núcleo com o qual eu estava pretendendo prestar uma seleção e foi assim que eu fiz, eu estudei algumas coisas mesmo aqui em casa, fui tentando, mas muito no desejo de querer ter minha estabilidade financeira, pois bem, veio a aprovação e, com essa questão da aprovação, eu precisava sair de Salvador e de fato fazer minha mudança, me mudei em janeiro de 2019, daqui a poucos dias faço aniversário de posse também e sou funcionária efetiva do estado da Bahia há dois anos praticamente e com alegria de ser funcionária hoje pública, mesmo com todas as dificuldades que a gente sabe que a gente pode conversar daqui a pouco a respeito, mas para o momento político que a gente está vivendo e para a maneira com que a educação brasileira está sendo tratada, digamos assim um pouco de respiro para gente tocar a vida e planejar outras coisas e por conta disso, dessa minha aprovação, desse meu respiro, eu pude me perceber com desejo de voltar a olhar para a universidade, para fazer a pesquisa, voltar a pesquisar coisas com as quais eu sempre me identifiquei, que diz respeito à cultura, patrimônio, às questões da ancestralidade negra e por aí vai.

Então me mudei para Camamu, em janeiro de 2019, e trabalhei para o ensino de jovens e adultos e também para as turmas de segundo e terceiro ano diurno durante um ano e foi interrompido apenas por conta, em 18 de março de 2020, por conta da pandemia que assolou e por conta disso voltei para Salvador, estou esperando aí esse retorno com a vacina, para voltarmos aos nossos trabalhos. Bom, e aí, eu fiz uma pequena especialização nesse meio tempo, mesmo depois do mestrado e antes de voltar para o doutorado, eu fiz uma especialização em Educação Profissional e Tecnológica no IFBA em Salvador e que me ajudou de alguma forma a pensar a Educação. Eu fui muito motivada a fazer essa especialização porque eu trabalhei no IFBA, então uma especialização em Educação Profissional poderia ser bacana. Eu nunca fiz nenhum tipo de curso, de aperfeiçoamento, de capacitação vinculada à Educação de Jovens e Adultos. Isso

nunca me apareceu, nunca me foi ofertado nesse ano em que eu estive trabalhando para o estado.

E como é que eu fui parar na EJA? Bem... tomando posse e começando efetivamente a trabalhar em fevereiro de 2019, fomos organizar os conteúdos e vamos organizar tanto eu quanto os outros dois professores de Geografia da escola, situado no município de Camamu, é uma escola nem de porte grande, é de porte especial, é uma escola que tem aproximadamente dois mil alunos, é uma escola que funciona nos três turnos, é uma escola que abrange todas as outras, todos os outros os arredores de Camamu, tem muita gente mesmo, são os três turnos em funcionamento e são mais de 40 professores, sendo que sua grande maioria são professores REDA e apenas cerca de 12 professores efetivos apenas, entre 12 e 15 professores efetivos. A escola é uma escola que tem uma boa estrutura, tem uma boa forma de trabalhar, não é uma escola que tem grandes problemas, digamos assim como a gente vê em outros lugares, de pichação, de cadeiras quebradas. É uma escola que é bem-organizada, bem limpa, mas assim, do ponto de vista... de problemas relacionados à capacitação, de problemas relacionados a gerir recursos, eu posso falar isso um pouquinho melhor depois, mas é uma escola que tem as suas carências como toda escola pública também.

Bom, quando a gente chegou, quando eu cheguei na escola tinha apenas três professores de Geografia, os três efetivos, os dois que tomaram posse, eu e outro colega, e uma professora que já estava em vias de aposentadoria. Como ela era mais velha, ela tinha o privilégio de escolher as turmas que ela queria trabalhar, razões inclusive de legislação. Então, ela escolhia as turmas do diurno e ficava para mim e o outro professor, também jovem, escolher o restante. E aí ficávamos com o restante, o restante eram as turmas do vespertino e o noturno. O meu colega de Geografia, ele não tinha tanta habilidade com alunos mais velhos, ele tinha uma certa resistência. Aí a gente dialogou, conversamos, eu também não tinha experiência alguma com isso, de trabalhar com EJA, mas topei o desafio porque eu gosto de desafios e fui conversar com o diretor. Falei assim: “Tudo bem, me coloca na EJA”. Aí eu fiquei com uma turma de matutino, três turmas de vespertino e todo o restante na EJA e algumas do noturno “regular” e eu falei para ele: “Olha, eu preciso naturalmente de um material, eu preciso naturalmente fazer algum curso que

certamente o estado vai me dar” e aí ele muito calmamente me disse: “professora, eu vou te dar as turmas, mas todo o restante a senhora vai precisar se organizar, nós não temos livro didático, nós não temos material impresso, nós não temos apostilas prontas, nós não temos material e nem possibilidade de imprimir absolutamente nada”. Então, esse foi meu primeiro susto, na minha primeira semana trabalhando como professora do estado, não tinha infraestrutura, eu não tive curso algum e isso me causou um desespero absurdo porque, por mais que eu já tivesse experiência em sala de aula, ali é uma experiência nova e eu me senti perdida, absolutamente perdida.

O primeiro agravante nisso é pensar que, na universidade, a gente não trabalha com essa perspectiva de Educação de Jovens e Adultos, a gente trabalha com a perspectiva de ensinar Geografia, mas a realidade da sala de aula, a gente sabe que é muito diferente. Todas as pessoas já me diziam isso, mas a gente só sabe disso quando a gente está em sala de aula, quando o diretor da escola que te entrega as suas turmas e fala “você pode dar aula” e você se ver sozinho, sem apoio da secretaria de educação, sem apoio de coordenação pedagógica muitas vezes, que se vê muitas vezes, inclusive, limitada a ajudar o corpo docente e é você e você.

Então assim, eu posso dizer que a minha experiência nesse um ano trabalhando como professora de Educação de Jovens e Adultos foi uma experiência que eu tive... uma experiência muito solitária, experiência que eu tive que me desdobrar para poder entender o que que é Educação de Jovens e Adultos. Então, eu fui aprendendo no diálogo com eles, então, já que eu estava sozinha, eu tive que criar algumas estratégias e alguma dessas estratégias eu vou falar agora. Bom, a primeira delas foi tentar manter o meu desespero no lugar que eu pudesse controlar. Então assim, a primeira semana, segunda semana, eu senti muito desespero porque eu não tinha livro didático, então não sabia nem por onde começar. Que foi que eu fiz? Já que não tinha apostila, eu comecei a criar todo o material sozinha. Então eu não podia utilizar o material do IFBA, por exemplo, e nem do colégio de ensino da classe média que eu trabalhava, porque a realidade era completamente diferente, a realidade do interior também é muito diferente da realidade da capital. Então, esse choque de realidade que para mim foi desesperador. Então esse foi o outro choque que eu tive, eu tive que realizar toda minha vida profissional para dar conta daqueles

meus alunos da EJA, além dos alunos do ensino “regular” que eu já dava aula e aí eu conseguia me virar melhor, mas os alunos da EJA eu não conseguia isso.

A realidade de Camamu é uma realidade ruralizada, os meus alunos vão de barco para escola, os meus alunos não têm acesso à internet e eu só pude perceber isso quando na primeira semana eu pensei “eu vou criar um grupo do WhatsApp para cada uma das minhas turmas” e os meus alunos diziam para mim “professora, eu não tenho celular, eu não tenho internet, na zona rural onde eu trabalho, no distrito sei lá qualquer, outro lugar que eles diziam, no meu povoado não se tem muitas vezes nem energia elétrica”. Então, eu, moradora de Salvador, moradora do Rio Vermelho, nascida e criada em outra realidade social, eu tive que ser sensível àquela realidade, me adequar para que eu conseguisse trocar com os meus alunos, afinal esse é o meu papel.

Então, eu percebi que a democratização do acesso à internet de fato é uma falácia e eu tive que me desdobrar com isso. Então, o que foi que eu fiz? Pensei em outros recursos, o primeiro recurso que eu pensei foi usar *datashow*, usar projetor e aí foi minha primeira briga com a escola. Porque a escola tinha apenas cinco aparelhos de *datashow*, porque eu queria fazer da minha aula, uma aula interessante, porque o meu aluno da EJA trabalha durante o dia, que o perfil é esse, ele trabalha durante o dia, seja dona de casa, seja motorista de caminhão, seja uma realidade diversa de trabalhadores e trabalhadoras e, à noite, eles vão para escola para tentar concluir os seus estudos e aí eu precisava fazer com que minha aula fosse interessante, porque você tem aula das 7h da noite até às 10h20 da noite apenas sentados, sem livro didático, eu precisava fazer minha aula minimamente interessante, afinal eu não tinha experiência. Então, eu tinha que trabalhar isso de todas as formas.

Cinco aparelhos de *datashow* (ênfase) para mais de 40 professores, eu não conseguia nunca pegar, reservar. Eu tive que desembolsar R\$ 2.000 (dois mil reais) para comprar um aparelho de *datashow*, porque eu não tinha livro didático, eu não tinha como imprimir, eu ia dar aula apenas com a minha garganta e o piloto, detalhe não tinha tinta muitas vezes para carregar o meu piloto. Então assim, por mais que a escola fosse bacana, bonita, bem-organizada, as paredes bem limpas, muitas salas de aula, mas não tinha, por exemplo, coisas básicas como folha de papel ofício e

nem tinta para piloto. Então assim, eu me deparei muitas vezes em tirar do meu próprio bolso dinheiro para poder pagar materiais para fazer com que minha aula para o público da EJA fosse interessante.

Então eu paguei durante muito tempo, durante o ano inteiro na verdade, tinta de piloto, apagador, eu comprava os maços de folha de ofício e comprei meu aparelho *datashow* e comprei minha impressora também. Eu comprei impressora porque... como é que eu ia fazer algum tipo de atividade avaliativa, mesmo que fosse uma atividade mínima? Eu imprimia muita coisa, eu tive que usar toda minha criatividade para fazer com que as minhas aulas fossem interessantes. Então, eu tive que primeiro reorganizar todo o meu material de aulas sozinha, porque eu não sabia como fazer. Muitas apostilas que estavam por aí disponíveis eram apostilas prontas, mas que a realidade de Camamu é uma realidade muito diferente, não tinha como eu apenas copiar e colar, eu não faria uma coisa dessa! Então assim, é o nível de cuidado que eu tenho com os meus alunos, me impossibilitava de eu fazer esse tipo de coisa.

Então eu tive que trabalhar com todos os recursos criativos que eu podia. Então primeiro eu percebi que o recurso do *WhatsApp* não funcionaria, porque eu baixei várias apostilas e comecei a passar para eles e eu não tinha retorno, como eu não tinha retorno deles eu pensei “bom, vou abortar essa ideia e vou começar a criar outras”, aí veio a questão que envolvia o *datashow* e aí eu tive que reorganizar todo o meu conteúdo porque também não tinha nenhum livro didático. Então foi todo um trabalho do ano inteiro de refazer todo meu conteúdo programático.

Atrelando a isso, as questões que envolvem muitas atividades objetivas, eu pegava atividades toda semana, das quatro aulas que nós tínhamos para cada uma das turmas, eu fazia mais ou menos assim, intercalava uma aula expositiva que era mais ou menos 40 minutos de aula, na aula seguinte, eu fazia uma atividade mais lúdica, alguma coisa assim, depois eu fazia uma atividade que envolvia perguntas e respostas, uma outra atividade eu tentava encaixar alguma outra coisa que minha criatividade percebesse que pudesse ser feito. Então assim, ou leitura de texto ou então alguma discussão, porque eu tentava exercitar essa questão das discussões com eles. Porque o perfil do meu alunado, eu percebi isso, é um perfil muito tímido, os alunos do interior, eu percebia que eles eram muito tímidos. Então, eu tentava de

toda forma, fazer com que eles verbalizassem também aquilo que eles pensavam. Então, eu tentava intercalar para que as aulas não fosse tão enfadonhas, porque o que eu mais morria de medo era que eles dormissem ou se sentissem estimulados ao maior medo que envolve a EJA, que é questão que envolve a evasão. Então assim, que o grande fantasma do público EJA, questão que envolve a evasão.

A gente fez muitas reuniões na escola para poder discutir possibilidades que pudessem fazer com que o aluno não dormisse na sala de aula, mas aí são coisas que muitas vezes foge da competência do professor, muitas vezes, ele vai cansado de fato para sala de aula porque ele trabalha, ele trabalha porque ele precisa sobreviver. Então, essa é uma questão muito séria e que a gente precisa encontrar meios, encontrar formas, o ideal obviamente seriam que as pessoas pudessem ter dentro do seu período normal de vida, o seu período normal de educação e não dessa maneira intercalada que envolve trabalhar e estudar ao mesmo tempo, que se torna muito mais cansativo e a gente sabe disso, porque a qualidade tanto do ensino quanto do aprendizado deles acaba caindo bastante.

Então assim, falando um pouco desse meu perfil do alunado, quais as dificuldades que eu encontrava, por exemplo? O meu maior problema que eu consegui identificar era que eu tinha numa mesma turma alunos de 18 e 20 anos de idade, numa mesma turma que eu tinha alunos com mais de 50 anos. Então assim, era uma diferença de faixa etária muito grande, além de todos os desafios que eu tinha em relação a ausência de livro didático, a questão que envolve o medo de evasão, o cansaço deles para tentar se concentrar na minha aula, eu ainda tinha que me deparar com esse grande abismo de faixa etária. Então assim, até a minha aula eu tinha que pensar que pudesse ser atrativa tanto para um menino de 18 anos, o rapaz e uma moça de 18 anos, como para um senhor ou uma senhora de 50 anos ou até mais. Então, a minha aula tinha que ser diversa por conta disso também, eu tinha tanto que trazer textos e com conteúdo que fosse atraente para um senhor de 50 quanto ao mesmo tempo, eu tinha que trazer música ou fazer algum tipo de jogo, alguma coisa lúdica para atrair o meu aluno de 18,19 anos.

Esse é um problema muito sério que não sei como é que a gente pode resolver isso, porque, na verdade, a maneira com que é pensada a Educação de Jovens e Adultos, a meu ver, é colocar todo mundo ali junto sem uma divisão de

faixa etária, o professor que se vire com aquilo e o aluno que se ele quiser e tiver interesse ele termina, do contrário ele fica sem estudar. Infelizmente, a gente percebe isso, esse pouco cuidado com educação e eu pude testemunhar isso nesse meu primeiro ano como professora da rede. Uma outra questão importante que envolve o cansaço dos alunos que abalava fortemente o desempenho deles em sala de aula, eu percebi que o perfil dos meus estudantes eram ou profissionais que trabalhavam durante o dia, como disse, e estudavam durante a noite ou mães, meninas-mães, que abandonavam a escola durante um tempo da vida por conta da gravidez, por conta possivelmente do casamento, mas principalmente por conta da gravidez e isso de alguma forma fazia com que elas se afastassem da escola durante um tempo e só depois desse tempo elas voltavam para sala de aula para poder concluir seus estudos.

Então assim, à noite, as alunas, as meninas-alunas, mulheres-alunas levavam seus filhos, porque muitas vezes elas não tinham com quem deixar os seus filhos em casa, com parente com a avó da criança. Então assim, para não dificultar ainda mais o acesso delas, elas levavam as suas crianças para sala de aula. Eu nunca tive problema com isso, porque afinal de contas também como mulher seria injusto eu negar esse acesso dessas mulheres-mães, alunas para levar seus filhos, suas filhas para sala de aula. Obviamente alguns professores criam alguma resistência, na minha escola, nem tanto, mas a gente sempre houve um burburinho ou outro de que a criança pode atrapalhar na sala de aula, porque está chorando, porque o local da escola de Ensino Médio não seria o local de uma criança, é um bebê muitas vezes. Eu já tive alunas-mães com bebês amamentando em sala de aula. Então assim, para mim, isso nunca foi um problema e nem nunca será, eu tenho um diálogo muito aberto e franco com as minhas alunas e que eu digo “por mais cansado que você esteja, por mais triste ou mais desmotivado, ou se você tiver alguma criança, venha para escola, aqui a gente pode se ajeitar, aqui a gente pode conversar, a gente pode trocar”. E aquilo que a gente puder ajudar enquanto corpo docente, eu falo por mim, mas pelos meus colegas que compartilham da mesma ideia também, mesma postura. Então esse é um ponto importante a ser mencionado, que são das mulheres e mães que levam as suas crias.

Agora sobre as diferenças e semelhanças da EJA e do diurno também, o que é que eu percebo mais, os alunos, a questão da faixa etária esse é o primeiro ponto. A faixa etária que é um ponto importante porque no segundo, terceiro ano, tem alunos de 15, 16, 17 anos que tem acesso à livro didático que muitas vezes não trabalha. A grande maioria deles não trabalham. Então, eles têm uma disponibilidade, uma disposição, inclusive, de energia, de estarem ali, porque também são cobrados pelos pais para estarem ali, naquele espaço. Acaba que eles possuem uma energia, uma disposição que é de fato da idade, por não estarem trabalhando. Então, tem a questão que envolve a pressão pelo ENEM, o desejo, o estímulo por estarem dentro de uma faixa etária que é uma faixa etária ideal para o Ensino Médio com 15, 16 anos. Então, eles não estão muito ainda desestimulados para essas outras questões que abalam o público da EJA, por exemplo. Porque é impossível você comparar uma senhora de 40 anos com quatro filhos para criar, que recebe apenas Bolsa Família, que faz faxina durante o dia, é impossível de comparar com a energia de uma moça de 15 anos que vai para escola das 7h da manhã ao meio-dia. Então assim, são realidades muito distintas.

Além disso, eu percebo que a escola tem um cuidado, querendo ou não, tem um cuidado muito maior com o diurno do que com o noturno, ainda rola um preconceito muito forte, inclusive por parte do corpo docente e aí eu falo enquanto professora, eu percebo que há um desprestígio de dar aulas para o noturno, há uma resistência muito grande, porque, além das questões que envolve o preconceito, há um discurso de que “À noite, os alunos não estão interessados. À noite, os alunos não produzem” e eu percebo que, na verdade, é uma fala preconceituosa e muitas vezes uma fala de pessoas que ainda têm muita preguiça ou que foram vencidas pelo cansaço da profissão, de não quererem também, mas topar a energia que o público EJA exige de você. Atrelado a isso, as questões que o estado lhe coloca, coloca no seu colo os desafios.

Eu sou uma professora que estou começando agora, então eu tenho energia, eu não sei daqui a 15 anos como é que vai ser a minha energia. Talvez eu compre esse mesmo discurso que hoje eu considero preconceituoso, não sei, mas de toda forma como eu fui influenciada pelo meu pai também, meu pai sempre foi professor do noturno muito mais do noturno do que do diurno e isso de algum modo me

estimulou a topar esse desafio dos alunos do noturno. Como eu gosto também de alguns mais velhos, são mais maduros e como a minha perspectiva de conteúdo programático que eu vou falar daqui a pouquinho é de diálogo com os meus alunos, eu quero aprender com eles.

Então, eu percebo que as minhas aulas de Geografia, muitas vezes, são mais produtivas e eu troco mais com os meus alunos da EJA do que com os meus alunos do ensino “regular”, por conta da possibilidade de troca que eu tento estabelecer com os alunos mediante as experiências da vida deles que eu quero que eles tragam para sala de aula. Pois bem, esses são os pontos de diferenças e semelhanças que eu percebo. Eu percebo que a escola, ela tem um desejo e um cuidado maior com o diurno por outras questões que envolve o ENEM, por conta das pressões que envolvem, inclusive, as avaliações, no caso as avaliações externas. Então, eles têm um cuidado muito maior, além disso também percebo um pouco do preconceito no sentido de não fazer com que o público EJA participe de todas as atividades e eventos da escola, muitas vezes, os eventos são realizados apenas no diurno e o noturno fica sem prestígio. Então assim, é um ponto que eu chamo a atenção, pois como eu sou professora que tem muito mais carga horária do noturno que do diurno, eu sempre falo “venha cá e as atividades do noturno? Eles também precisam ser prestigiados, vão fazer uma palestra para o diurno, sei lá ... chamar alguém da Saúde, chamar alguém dos Direitos Humanos, mas vamos levar também alguém pelo menos um dia para o noturno porque são alunos da mesma forma e precisam usar escola e têm os direitos também como todo e qualquer aluno”.

Então assim, a gente precisa fazer do nosso ensino noturno, um ensino noturno que seja muito parecido com ensino diurno e não tem por que ser diferente, pelo menos do ponto de vista da qualidade. Então, esse é um ponto importante que eu acho que tem que ser mencionado também, já no que se refere a conteúdos geográficos que eu abordo, olha! Eu fui tentando ver aquilo que dava certo e aquilo que por tentativa e erro, muitas vezes, porque, por exemplo, como é um público que é mais trabalhador do que o público diurno, eu tentei trazer conteúdos que dialogasse de maneira mais forte com o cotidiano dessas pessoas. Então, é óbvio, eu trabalhava algumas questões que envolve paisagem, questões que envolve o clima, as questões de geografia física como a gente costuma pontuar,

mas eu trabalhava principalmente as questões que envolviam desigualdades sociais, as questões que envolviam o mundo do trabalho, capitalismo, eu tentava discutir, por exemplo, essas questões éticas que envolvem a indústria, as questões que envolvem a agropecuária, também é uma realidade local, as pessoas que envolve o turismo. Porque como eles trabalham nessa área, eu tentava fazer com que eles tentassem de fato enxergar a Geografia no cotidiano deles. Então sempre pedia relatos, eu trabalhava com textos onde eles pudessem relatar fulano de tal trabalha como caminhoneiro, fulano de tal trabalha na indústria de laticínios da região, eu queria trazer essa realidade da vida deles para minha sala de aula.

Então assim, o meu primeiro mês foi para sondar que público era esse. Então, foi uma estratégia que eu bolei para mapear qual era o meu alunado, então eu mapeei isso através de pequenas conversas, pequenos diálogos, eu queria que eles falassem sobre a vida deles. Então, eu fui mapeando os locais junto com eles, os locais onde eles moravam, os locais onde eles trabalhavam e fiz uma atividade que a gente costuma fazer com alunos do Ensino Fundamental, fazer mapa mental. Aquele mapa simples, onde qual é o percurso que você faz da escola até o seu trabalho, qual o percurso que você faz da sua casa até o seu trabalho, o que que aparece e que te chama atenção. Então assim, como eles me mostravam muitos pontos que envolvia turismo, as questões náuticas da região que lá é uma área, de Baía, a Baía de Camamu é muito rica, muito repleta, muito manguezal. Então assim, tudo que aparecia manguezal, turismo, as questões que envolve impactos ambientais, eles falavam muitas dessas questões, então, comecei a mapear tudo isso junto com eles e a partir disso eu fui criando, elaborando o meu conteúdo geográfico para trabalhar com eles.

Então, alunos que eram muito explorados, alunos trabalhadores da EJA que eram afastados das indústrias por problemas que envolvia L.E.R., por exemplo, problemas de circulação, qualquer tipo de questão que envolvesse a realidade da vida deles vinculada daquela região, eu tentava mapear isso junto com eles e a partir disso criar o meu conteúdo geográfico e foi assim que eu fui trabalhando. Então, indústria, turismo, agropecuária, questões que envolve o capitalismo, as questões que envolvem paisagem geográfica, os conteúdo de divisão internacional

do trabalho, eu acabava discutindo essas questões com eles, globalização já que a gente está falando também de turismo, marcas, indústrias.

Então, eu fui passando o meu cronograma de conteúdo a partir desta realidade social, foi mais ou menos assim que eu comecei, porque foi a minha primeira experiência. Dessa experiência, posso relatar também sobre os saberes que os alunos trazem para mim. Eu aprendi muito, foi um ano... eu tenho fotografias com eles, foi um ano que eu me possibilitei de fato me entregar e eu não tive nenhum tipo de receio de falar com os meus alunos o seguinte: “Olha, é a primeira vez que eu estou dando aula para o ensino noturno, é a primeira vez que eu estou dando aula para EJA, portanto, eu vou precisar que vocês contribuam comigo, eu sou uma professora que tem uma experiência que não é tão longa, mas eu tenho experiência, eu sou uma profissional que tenho uma caminhada acadêmica e que ainda vai continuar, mas eu estou aqui querendo aprender também com vocês”.

Então, a gente fazia muito seminário, a gente conversava bastante, a gente fazia roda de conversa. Então assim, eu não tinha problemas com os meus alunos em relação ao ponto de vista de diálogo, eu nunca fui a professora que vou bater a porta na cara do aluno se ele chega atrasado 15, 20 minutos na minha aula, de maneira nenhuma. É o aluno que já teve o trabalho de sair de casa depois de uma rotina de trabalho durante o dia. Então assim, mesmo que ele aparece na escola 9h da noite e ele quiser assistir apenas uma aula que seja minha, ele vai ser bem-vindo, vai ser bem recebido. Então assim, é tornar o espaço da sala de aula tanto atraente quanto acolhedor, como espaço de troca, de amizade. Os meus alunos da EJA, e ainda são, se tornaram meus amigos.

Então assim, eu prefiro muito mais, inclusive, ter uma relação de proximidade com os meus alunos do que mesmo com os meus colegas professores e também a minha relação de intimidade é muito mais com eles. Com os meus colegas, eu quero um pouco mais de distância, mas com os meus alunos eu aceito no *WhatsApp*. Meu *WhatsApp* pessoal, inclusive, é entregue de ter chamada de vídeo, final de semana não, que eu não aceito, mas de fazer grupo de *WhatsApp*, eu aceito no Instagram, eu aceito no Facebook, na época quando estava usando, eu não tenho problema algum em relação a isso, porque eu acho que o aluno de hoje ele precisa enxergar no professor um cara ou uma cara que estimule ele a permanecer na escola, que

estímule ele a enxergar a educação ainda como um veículo de possibilidade de transformação da vida dele.

Então assim, muitas vezes, o meu diálogo com aluno, ele se torna mais frutífero nos corredores do que muitas vezes dentro da sala de aula, porque a maneira com que a educação vem sendo tratada afasta o aluno de todas as formas, é ainda um currículo engessado, é ainda um currículo que não estimula o aluno a enxergar a escola como local de aprendizado de fato, aquela coisa ainda que envolve a nota. Embora a EJA não coloque nota de maneira quantitativa, acaba sendo uma forma ainda engessada porque a gente coloca lá as pontuações qualitativas, só que isso acaba não sendo tão levado a sério porque a cada unidade concluída, os professores se reúnem e a gente acaba por votação coletiva avaliando se fulano de tal merece uma nota qualitativa C, AC e não me lembro qual outra mas de toda forma é uma avaliação que é qualitativa só que leva em consideração pontos um pouco confusos.

Então assim, essa avaliação eu achei um pouco problemática das vezes que eu participei, no primeiro momento, eu achei que seria muito interessante, eu falei “poxa, não tem nota quantitativa, deve ser uma avaliação qualitativa”, só que ao fim, quando a gente se reúne, eu percebia que o que era levado em consideração era o seguinte: “vamos aprovar esse aluno, porque ele está aqui na EJA há quase três anos”. Então, era uma aprovação em massa, não muito preocupada se de fato aquele aluno conseguiu caminhar de fato. Então assim, eu fiquei um pouco frustrada com esse tipo de avaliação, acho que talvez uma mudança nesse aspecto pudesse ser realizada.

Eu sou uma professora que faço atividade de campo, eu sempre fiz atividade de campo, eu já levei os meus alunos para fora de Salvador, para parque, para comunidades, já levei os meus alunos para museus e só que com a EJA eu não conseguia fazer isso por razões óbvias, pelas questões que envolve tanto a infraestrutura, porque não tem ônibus, por conta do ensino noturno. Eu estava planejando a partir desse próximo ano, se não fosse a pandemia, fazer essas atividades dia de sábado, só que eu não consegui de fato colocar em prática, a gente colocou isso no papel, eu coloquei no papel para algumas visitas, por exemplo, para Ilhéus que fica mais próximo ou então para Itacaré que tem algumas

possibilidades de trilha mas eu não consegui e essa minha necessidade na verdade é para mais uma vez tornar as minhas aulas atraente, para eles perceberem também a Geografia fora da sala de aula, fora dos muros da escola, não consegui fazer, mas é um plano que eu tenho, é um desejo de fazer com que os meus alunos do noturno, os meus alunos da EJA, eles também tenham o direito de acessar os conhecimentos práticos também da Geografia. Então, esse é um ponto importante.

Bom, eu falei um pouco dessa minha dinâmica de sala de aula, de ter feito mapeamentos, eu fiz muitos jogos, eu criava jogos com plaquinha para tornar aquela aula também mais dinâmica, eu tenho muita preocupação com isso, por conta, mais uma vez, da questão que envolve a evasão, e a realidade de Camamu é uma realidade muito perversa, por conta do nível de desemprego muito forte. Então, o que é que acontece, boa parte do meu alunado, ele vai para Vitória do Espírito Santo, para plantação e colheita do café. Então, uma parte do ano, pelo menos dois, três meses, metade dos meus alunos da EJA não participam das aulas. Então eu envio para eles atividades, aqueles que conseguem, tem algum tipo de acesso à *internet*, eles imprimem algumas coisas e fazem as atividades por lá e depois ao fim da colheita do café, eles trazem isso para ser avaliado. A gente discutiu isso também, em conjunto e foi uma possibilidade que nós percebemos de fazer com que o aluno não perca o ano letivo, por conta desses dois, três meses que ele fica ausente por conta dessa grande situação que envolve o desemprego e esse fluxo sazonal deles.

Além desse fluxo, que foi muito específico e que para mim era desconhecido, o outro fluxo é nesse início de ano, todo início de ano, os alunos na verdade só vão para escola lá para o meado de março, quase abril, os alunos da EJA, por conta, do fluxo turístico da região. Então, a gente tem ali Barra Grande, a gente tem a linha Itacaré, a gente tem Ilhéus que são municípios com fluxo turístico muito forte. Então assim, fevereiro até março, eles não vão para escola ou então são apenas os alunos que moram na sede e que acabam indo para escola, então, por conta disso, porque muitos fluxos acontecem de barco, eles preferem ir apenas quando esse fluxo turístico cai e aí eles podem retomar a vida deles também.

Então, o público da EJA é público muito específico e um problema muito sério que eu tive que enfrentar era que a minha última aula da EJA, muitas vezes, ela

ficava reduzida a 15, 20 minutos por conta do transporte escolar, o transporte escolar realizado pela prefeitura. Então, muitas vezes, os alunos, eles tinham que já está fora da sala, no ponto de ônibus, para poder esperar o transporte da prefeitura, se não eles não conseguiam voltar para o povoado deles. Então, eu tinha que enfrentar um problema fora da sala de aula que para não prejudicar meu aluno, muitas vezes, eu fazia aulas juntas, eu tirava uma turma e colocava na minha sala de aula e juntava as turmas para fazer com que minha última turma do noturno não fosse prejudicada, porque a aula terminava 10h20 da noite.

Então, era mais uma dificuldade, além da ausência de livro, além do desânimo, além do medo de evasão, além de muitas vezes alunos irem para escola com fome, porque é uma realidade que não é apenas do diurno é uma realidade do noturno também. Muitos desses trabalhadores, eles fazem lanche e almoço no seu cotidiano de trabalho e, à noite, tem um lanche da escola que, muitas vezes, é janta mesmo, feijão, arroz e é uma realidade muito difícil que a gente precisa colocar isso também no papel, porque a gente está enfrentando um problema que envolve fome do nosso público e a gente sabe que a fome é um problema social que interfere de maneira muito direta na qualidade daquele aprendizado.

Então, essas foram algumas das minhas principais dificuldades, a gente pode conversar sobre outras, mas essas foram que me apareceram aqui agora. De um modo geral, o que é que eu penso, eu acho que o público EJA é um público muito especial, eu tive algumas dificuldades em relação a algumas discussões, por exemplo, com o público mais velho, as questões que envolvem violência, polícia, alguns desses temas mais polêmicos, porque alguns desses meus alunos enxergam a polícia militar, por exemplo, e o conteúdo de violência como a polícia de maneira correta. Então, eu tive alguns problemas, especialmente, por ser mulher também e a maior parte do meu alunado é de homens. Então assim, só teve uma vez que eu me senti um pouco mais ameaçada, um discurso mais forte desse meu público masculino do noturno, mas depois de uma certa conversa, depois da gente se aproximar mais, eu consegui contornar esse problema, essa dificuldade e além disso outras pequenas questões, mas nada nada aqui que seja tão diferente da realidade que a gente tem no diurno, por exemplo, que é cansaço, que é carga horária de trabalho alta. Eu tinha uma turma EJA C, número 3, não lembro que era uma sala

muito grande, que tinha mais de 40 alunos, a minha garganta não aguentava. Era um dia que eu tinha aula pela manhã, à tarde, e quando chegava à noite minha garganta já estava estourada, a escola não tinha um microfone para poder me fornecer. Então, essas outras dificuldades que a gente sabe da realidade, entretanto, de forma específica da EJA, eu acho que esses pontos mais especiais que eu consegui me lembrar e que vem me constituindo enquanto professora de Geografia da EJA.

Elmo

O meu despertar para ser professor foi desde criança que eu sempre tive vontade, então, eu tinha, como qualquer criança ou qualquer pessoa com a vontade de ser, de atuar em várias áreas ou profissões, mas com o tempo eu fui, de certa forma, me voltando para a área de professor. Eu gostava, sempre gostei e gosto e também por questão de opção, porque onde eu morava no interior, na cidade chamada Várzedo, fica próximo a Santo Antônio de Jesus e de Amargosa, a região em si naquele período não oferecia grandes possibilidades de você continuar a sua vida, a minha vida acadêmica a partir de outra profissão que não fosse professor.

Tudo era muito difícil, quem vem aqui para Salvador, a capital ou qualquer outra cidade maior. Isso demandava condição financeira e nem todo mundo tinha, daí eu não tive condições nem a minha família de ir para uma cidade, um polo maior para fazer, para trilhar numa outra profissão, mas de certa maneira eu escolhi e, no caso de fazer licenciatura em Geografia, por uma questão mesmo de gostar da Geografia, principalmente essa área de Ciências Humanas e, principalmente, Geografia, no despertar que eu tive também desde criança, sempre via na biblioteca que tinha na Casa Paroquial e tinha muitos livros.

Então, desde criancinha que eu ia lá para ficar vendo aquelas imagens, ia pela fotografia e tal. Então... isso, esse despertar pelas Ciências Humanas e pela Geografia, também surgiu, acredito desde esse momento aí, desde quando era criança mas enfim... Então, como eu te falei, diante das possibilidades que eu tinha para seguir a minha carreira acadêmica, eu optei por fazer Licenciatura em Geografia, na UNEB, *campus V*, em Santo Antônio de Jesus, mas assim, antes

disso, é importante colocar que eu fiz também o meu Ensino Médio com o Magistério, na cidade que eu morava que eu citei anteriormente não tinha outra opção também de Ensino Médio. Era comum ter esses cursos em Técnico de Contabilidade, Radiologia e na minha cidade só tinha o magistério e ainda bem que eu gostava. Então, não sei por que que a gente já crescia nessa perspectiva, diante das possibilidades...

Então, eu fiz o Magistério e já no segundo ano de Magistério eu comecei a trabalhar com o curso que chamava Aja Bahia, era um curso de alfabetização de adultos, pessoas que não tiveram realmente a possibilidade de estudar e precisavam ser alfabetizadas, era muito comum ter esses projetos e cada governo nomeava de uma forma diferente mas o que eu participei era o Aja Bahia. Então, eu tive oportunidade de trabalhar naquele período, quando eu tinha 16 para 17 anos já com jovens e adultos e foi uma experiência fantástica, porque de certa maneira eu era muito novo e eu fui condicionado a amadurecer, porque eu também estava lidando com senhores e senhoras, idosos e idosas. Então, foi minha primeira experiência de certa maneira, trabalhando com Educação de Jovens e Adultos. Trabalhei por quatro meses, porque era um projeto curto... Bom, aí eu continuei e, no terceiro ano, trabalhei o ano inteiro também com estágio que tinha na época, o estágio remunerado pelo Governo do Estado e trabalhei com “regular”, que hoje é o Fundamental I, na 4ª série na época e bom.... Então, quando eu concluí o terceiro ano do Magistério, foi aí que eu fui fazer vestibular para licenciatura em Geografia lá na UNEB, *campus V* e fiz a licenciatura.

Então, eu já tinha uma experiência para continuar a trabalhar como professor, desde quando eu concluí o Ensino Médio em Magistério, eu continuei trabalhando como professor e já comecei ensinando no Fundamental II, porque não tinha uma quantidade de professores com formação. Então, já comecei a trabalhar e foi a disciplina que eu comecei a lecionar que foi exatamente Geografia, então, entrei na faculdade para fazer licenciatura em Geografia já ensinando Geografia. Durante a faculdade em si, eu não tive na universidade nenhuma disciplina que contemplasse a EJA, se eu li algum texto referente a essa modalidade, sinceramente, eu não lembro! Eu tinha um problema, que a nossa grade na época, como já houve reforma lá, na reforma do currículo e tal. Então, no período em que eu fiz a licenciatura, era

uma grade considerada muito voltada para o curso de bacharel, se você pegasse um quadro com os componentes curriculares, você ia ver que era um quadro muito mais voltado para o bacharelado do que para a licenciatura, eram poucas disciplinas voltadas para área de Educação e não havia essa prioridade, só apenas a parte de estágio é que tinha uma atenção maior, mas aí o que me ajudou foi essa relação que eu fazia entre a minha prática e os conteúdos que eu via de Geografia na universidade.

Essa transposição ficava a meu cargo, mas assim, em relação à formação da EJA, eu fui aprendendo mesmo a partir das práticas, das experiências e também de leituras minhas individuais e alguns cursos, mas muito poucos, que foram proporcionados pela Secretaria Municipal de Educação de Várzedo. Ensinar enquanto me formava na universidade me permitiu unir a teoria com a prática e, de certa forma, fazer o que chamamos de “transposição didática”. Fazia por mim mesmo, todo aquele conteúdo que aprendia lá na academia, eu conseguia fazer essa transposição, porque de certa maneira eu era forçado a fazer porque já era professor do Fundamental II. Então, ainda durante a faculdade, eu comecei a trabalhar com Ensino Médio também. Depois que eu terminei a faculdade, quatro anos e meio por aí, pois eu peguei um período de muita greve, fiquei uns dois anos mais ou menos, uns três sem fazer nada, porque eu não queria fazer nenhum curso de especialização ou mestrado que não fosse em uma área que eu gostasse. Como eu gosto muito dessa parte de política e economia, eu tive oportunidade de voltar a estudar uns dois anos ou três depois nessa área.

Entre como aluno especial do mestrado que tinha na UNEB, *campus V*, que era o mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional, é um mestrado que hoje, infelizmente, já não tem mais. Depois, fiz a seleção, passei e entrei como aluno regular, fiz esse mestrado dentro da linha de Políticas Públicas e Desenvolvimento, mas o meu estudo não teve nada a ver com essa questão da EJA, foi um estudo mais voltado para o desenvolvimento local, políticas públicas voltadas para o desenvolvimento local, um estudo de caso do município que eu nasci, no caso, o município de Várzedo.

Então, eu fiz mestrado e comecei a ter experiência também em algumas faculdades particulares no interior como professor na área de Metodologia do Ensino

da Geografia nos cursos de Pedagogia e também fiz orientação de trabalho de conclusão de curso em algumas turmas, ensinei também uma outras disciplinas no curso de Gestão, foi um curso chamado de Gestão Empresarial, então, eu ensinei uma disciplina que chamava Geografia Regional e do Brasil, era uma loucura dessas... Então eu ensinei, mas depois eu saí por questão de estabilidade pela faculdade particular, eu não via estabilidade financeira ali e a qualquer momento eu poderia sair, ser demitido e tal. Eu optei pelos concursos, aí comecei essa vida de concurso, desde quando eu estava na faculdade que eu já tentava, passei no concurso para o município de Varzedo e no do Estado aqui em Salvador. Parei no mestrado, porque da mesma maneira que eu fiz no mestrado, no qual optei por fazer o curso que eu gostasse, que realmente tivesse uma relação, uma qualidade e penso da mesma forma para o doutorado e também por questão mesmo pessoal, eu por enquanto não quis ainda fazer um doutorado, mas hoje eu trabalho na rede estadual aqui em Salvador, com o Ensino Médio Regular e com a Educação de Jovens e Adultos à noite na mesma escola, e trabalho também na rede municipal lá em Várzedo, na cidade que eu cresci e passei boa parte da minha vida. Então, eu trabalho lá e aqui em Salvador, 60 horas de trabalho por semana, isso se torna bastante puxado, pois tenho que viajar toda semana.

Bom, minha trajetória na EJA, voltando mais para essa parte aí da minha relação com o ensino de jovens e adultos, iniciou lá, quando eu tinha 16 anos, já no Ensino Médio, depois que eu me formei em Geografia e tive oportunidade de ensinar também na Educação de Jovens e Adultos, estava sendo implementado lá no município de Várzedo, logo quando foi implementado a Educação de Jovens e Adultos pelo município mesmo. Então, a gente teve uma formação que foi longa e que abordou o que a gente realmente precisa, foram informações e conhecimentos passados na formação que ajudaram no entendimento do que significa a Educação de Jovens e Adultos e de que maneira a gente pode trabalhar com ela. Então, foi o trabalho muito bom, era uma equipe muito boa, eram professores comprometidos, todos ali trabalhavam só com a Educação de Jovens e Adultos que levou mais ou menos uns dois, três anos assim. Planejavamos, produzíamos material de estudo, decidíamos também as temáticas a partir do que é concebido pela Secretaria de Educação. Tivemos muita autonomia, então isso conta como uma experiência

fantástica. Assim, de experiência mesmo que acrescentou bastante hoje na minha prática, foi essa experiência que eu tive lá em Várzedo, no município. Realmente, eu acho assim, que era um modelo e poderia ser seguido, mas infelizmente por conta de várias questões, a gente não consegue executar: carga horária alta, esse deslocamento que a gente tem que trabalhar em outras instituições por ganhar um salário baixo e então isso acaba comprometendo um trabalho de qualidade que qualquer modalidade exige, principalmente a EJA, então lá trabalhei por alguns anos, o que corresponde ao Eixo IV e V, mais ou menos isso. E pronto, depois eu parei, sai da EJA à noite, estava extremamente violenta, a violência na escola fez com que eu pedisse para sair da Educação de Jovens e Adultos.

O público mudou na EJA, aquele aluno trabalhador, que realmente volta para escola para tentar, para recuperar, para dar continuidade aos seus estudos, infelizmente, está dividindo os espaços com alguns jovens e adolescentes, na verdade têm 18, 19, 20 anos, mas tem um comportamento muito adolescente e estão levando para o ensino no noturno, um comportamento juvenil que a gente via muito nos turnos matutino e vespertino e se tem comprometido muito a nossa prática como professor. A gente, na verdade, lida com público diferente ao que a gente não estava acostumado na EJA, aquele aluno receptivo, aquele aluno mesmo cansado, sonolento devido às atividades de trabalho, mas era muito receptivo, aí hoje a gente fica nessa dificuldade! De atender públicos tão diferentes, idades diferentes, perspectivas também diferentes... então, assim e depois eu parei um tempo, como eu te falei, fui para o “regular” apenas e, agora, recentemente, há três anos, eu voltei para EJA. Leciono num colégio de porte especial aqui em Salvador e te falo que essas dificuldades também permanecem.

A Educação, de uma maneira geral, passa por esses problemas há muito tempo, a gente sabe que é um problema sério, histórico: nunca foi bom, nunca foi de qualidade, nunca prioridade, mas a gente sempre tem uma perspectiva de melhora, que os anos vão passando, a gente acredita que um dia os governantes vão se atentar da necessidade de valorizar, mas infelizmente a gente não tem essa atenção. Então, esses mesmos problemas que a educação “regular” enfrenta, às vezes, falta de recurso, falta de estrutura, falta de formação, de incentivo à formação do profissional da educação. Hoje, por exemplo, se a gente quer fazer um

doutorado, teria que entrar provavelmente na justiça para ter um direito que já é garantido em lei para mim, que é a licença com vencimento. Isso é só para termos uma ideia.

Então, falo como funcionário do Estado, mas também como do município, além de não fornecer curso de formação e oportunidade de reflexão, espaço apropriados para isso, para que a gente possa está revendo essas práticas dentro da Educação de Jovens e Adultos, da Educação de maneira geral, ele também não nos permite, mesmo quando a gente tem a nossa iniciativa individual, da gente querer estudar, da gente querer dar continuidade. Mesmo assim, eles não facilitam esse processo, então é essa a maior dificuldade do ponto de vista de formação. A gente sabe que existe a necessidade de se acompanhar essa dinâmica e as transformações que existem no público que a gente atende, no público que a gente trabalha. Tem a questão também de recursos, material mesmo didático que a gente muitas vezes não tem tempo de estar produzindo esse material, não temos tempo suficiente para estar organizando um material específico para determinada turma, então, por exemplo, eu trabalho com três turmas de um mesmo Eixo, digamos que é o Eixo VI que corresponde a Ciências Humanas, mas assim, são três turmas completamente diferentes, antes não, há alguns anos atrás você trabalhava com três turmas de EJA, você tinha ali praticamente turmas homogêneas, turmas que tinham uma mesma perspectiva. E no caso, hoje não, hoje a gente tem, eu pude observar isso, a gente conversa sempre sobre isso, eu e os meus colegas. São três turmas que têm características completamente diferentes, que demandam um planejamento específico e aí a gente se depara com essa dificuldade e além de adequar a metodologia que é uma responsabilidade nossa, nós mesmos que temos que cumprir com essa obrigação, a gente também se depara com essa questão de materiais e recursos que muitas vezes a gente não tem ou não tenho tempo para produzir, o que seria ideal não só para Educação de Jovens e Adultos, mas assim essa é uma outra dificuldade.

Então, aí vem outras questões: violência que se manifesta de várias maneiras, de várias formas, a gente sabe muito bem disso, a violência dentro e também fora da escola e muitas vezes atrapalha muito os alunos que vêm de comunidades onde eles estão vulneráveis, onde têm dificuldade para sair ou então

que têm dificuldade para voltar para casa, então, isso acaba encurtando o tempo pedagógico, porque eles precisam sair antes, por questão de segurança. É toda essa questão que a Educação de Jovens e Adultos que se tratando daqui, de uma cidade grande e violenta como Salvador, também a gente enfrenta. E fora aquelas questões outras, que a gente já tem de muito tempo, é o trabalhador cansado, é o trabalhador que vem e pega o transporte público, é trabalhador que chega às vezes uma hora ou duas já atrasado para aula, então são essas dificuldades que a gente se depara. Mas ensinar na EJA, por outro lado, é algo realmente fantástico, se não fossem as turmas muito grandes, se não fosse essas outras dificuldades, para mim, a dificuldade maior é você planejar algo para um determinado público que é esse povo trabalhador e de repente você chega na sala e você encontra um público completamente diferente e se fosse uma sala todas incompletas, mas não, é parte da turma que destoa da proposta de Educação de Jovens e Adultos.

Eu não sei exatamente como é que a gente vai fazer isso, rever essa concepção da EJA ou criar uma outra modalidade ou de repente não sei ... que é para que os alunos que saem um pouco, desviam um pouco desse perfil de um aluno da EJA possa não atrapalhar o trabalho a ser realizado com os alunos que realmente estão dentro do perfil, do aluno trabalhador. Então, essa é uma dificuldade grande mesmo, só quem está ali na linha de frente, quem está ali no dia a dia, trabalhando em sala de aula consegue perceber. Bom e eu não sei nem se tem todos os professores voltados para essas mudanças ocorridas no perfil de alunos, que realmente compromete o trabalho, mas eu acho muito bom e é uma diferença muito grande desse aluno independente agora dos perfis, eles trazem uma experiência muito grande, eles trazem informações, conhecimentos e saberes que facilita o diálogo, que facilita muito o nosso diálogo para com eles e de certa maneira acelera um pouco a aprendizagem, é algo muito interessante porque assim, no “regular”, você tem o aluno que ele está com a mente jovem, ele tem essa capacidade de compreender o que você fala, porém ele não tem tanto conhecimento de mundo, que a gente chama, ele não tem tantas experiências, não que ele não tenha, ele não tem muito, não tem aquela carga de saberes e experiências que o adulto tem, que o trabalhador tem. Então, por um lado, ele compreende rápido o que você fala para ele, ele absorve, ele processa; por outro lado, o adulto já tem uma

outra dinâmica de trabalho, ele facilita porque ele já traz uma base e é aí que o professor deve ter cuidado, porque a aula dele pode ser maçante, a aula dele pode ser desinteressante porque em uma hora de aula, ele muitas vezes leva 40 minutos falando de algo que os adultos e os trabalhadores muitas vezes já sabem, acaba sendo desnecessário.

Na EJA, a gente tenta construir mais um espaço de diálogo, um espaço de discussão, de debate e muitas vezes é essa dificuldade porque você tem ali um público jovem que está na EJA que não tem paciência para isso, não quer debater, não quer discutir, não quer ouvir, ele não quer quase nada. Ele quer completar o ano, para pegar o certificado dele e ali tem por outro lado aquele trabalhador que mesmo cansado mas que é exposto à opinião, que quer debater, quer participar ativamente do processo, então tem essas diferenças e é uma diferença muito grande, por mais que eu tenha considerado de ter mudado muito, não sei se pra pior, mas é muito bom trabalhar com os adultos, os trabalhadores.

Quanto aos conteúdos abordados para os alunos da EJA, a gente trabalha dentro da perspectiva de proposta da própria Secretaria de Educação. Eu não lembro exatamente, mas assim, o eixo temático que norteia o trabalho de Ciências Humanas, no eixo VI, que é o que eu trabalho, é voltado para a Globalização, Trabalho e Cultura, mais ou menos assim de maneira geral. Eu considero que é o melhor tema ali, porque a gente pode fazer uma leitura da realidade sobre várias perspectivas. Então, a partir desse eixo temático, é que, vou falar por mim, eu como professor, procuro selecionar temas e conteúdos da Geografia que atendam a esse eixo temático. Então, quem vai terminar aí, o que eu vou trabalhar em sala de aula é essa proposta do eixo temático, mas aí como eu te falo, isso às vezes dá uma flexibilidade, porque vai depender muito da turma. Então, vou te dizer, eu vou trabalhar com três turmas. Óbvio! Todas as três dentro desse eixo temático voltado para a Globalização, Trabalho e Cultura, porém o ritmo de aprendizagem era completamente diferente, eu não conseguia trabalhar no mesmo ritmo, na mesma quantidade de aulas, no mesmo tempo, nas três turmas. Cada turma estava completamente num ritmo diferente, o que eu procuro trazer para eles são temas e conteúdos que eles possam fazer uma leitura, uma outra leitura do mundo além daquelas que eles já têm. Porque quando a gente fala, por exemplo, de capitalismo,

de sistema capitalista, de relações de trabalho, eles já vivem isso, mas de que maneira eles podem rever, de que maneira eles podem analisar essa realidade vivida por eles de uma outra maneira, de que maneira eles podem fazer uma interpretação outra dessa realidade. Então, é mais ou menos colocando o aluno como protagonista mesmo, de certa maneira para que ele possa rever e reconstruir essa realidade nessa perspectiva mais crítica, mais politizado e tal. Alguns alunos já trazem isso de uma forma mais avançada, eles fazem algumas reflexões e vamos trabalhar muito com questões subjetivas abertas, para que eles possam se expor, falar mesmo e trazem algumas reflexões fantásticas sobre a realidade e que realmente você vê uma relação direta com as teorias, do jeito dele.

Então, assim, esses são os temas trabalhados nessa perspectiva, mas é tanto nós da área de Ciências Humanas, da parte de Linguagens e como todo e qualquer área, o foco é realmente também, além dessa parte de aprendizagem mesmo, de tema de conteúdo, também é voltada para algumas habilidades que eles não conseguiram desenvolver bem – a leitura, a interpretação e de produção. Eles têm algumas dificuldades que a gente acaba trabalhando, reforçando, não fica a cargo apenas de Língua Portuguesa. Fazer isso, todos nós trabalhamos com produção de texto, com correção, tenta acompanhar ali individualmente e é um problema seríssimo porque antes, há alguns anos atrás, eu conseguia fazer esse trabalho de corrigir com aluno ali, com ele ao lado dele, um texto que ele produzia, porque isso demanda um tempo, isso demanda uma concentração, isso te demanda uma compreensão por parte da turma e hoje a gente não tem como! A gente tá corrigindo um texto e está pedindo para outro aluno ficar sentado, outro aluno fazer silêncio, isso na EJA. Algo que alguns anos atrás pelas primeiras experiências que eu tive, eu não precisava. E aí o que eu observava, quando a gente conseguia fazer essa correção individual, esse acompanhamento individual, o aluno chegava no final do ano outro. Ele tinha desenvolvido muitas habilidades, ele tinha uma melhora significativa em todos os sentidos.

Hoje, a gente tem essa dificuldade, a gente não consegue fazer dessa mesma maneira, hoje, a gente corrige muitas vezes em casa e já leva para eles, amostra para eles ali rapidamente o que errou porque não tem como dar essa atenção de igual, até mesmo porque as turmas muitas vezes são cheias, pelo menos até o meio

do ano, depois do meio do ano, elas acabam ficando um pouco mais vazias. Mas os conteúdos que a gente trabalha basicamente são esses, voltados para o trabalho, voltado mais para essa parte política. A gente não ignora outros temas, como meio ambiente jamais, nem outros eixos temáticos.

Com eles, o foco principal é tentar compreender a realidade, fazer uma leitura da realidade, tentar aproximar a nossa discussão dos saberes que eles já trazem de casa. Pelo menos é nessa perspectiva que eu procuro trabalhar dentro da Geografia, muito mais focado nisso, mais do que na compreensão do conteúdo específico mesmo da Geografia. Para além do que eu te falei sobre os conteúdos abordados, quero destacar também, sobre o conhecimento que eles trazem, agrega muito. Isso acaba mostrando para gente alguns pontos que muitas vezes a gente como professor, como um estudioso de determinada área que não consegue enxergar, eles muitas vezes trazem alguns pontos dentro de alguns temas que fazem com que a gente tenha um olhar diferente, a gente aprende muito com aluno da EJA, do ponto de vista de conteúdo mesmo, de conhecimento. Eles trazem outras percepções de realidade que muitas vezes não tem, porque eles têm vivências que muitas vezes nós não temos, a partir do lugar que mora, a partir das relações que estabelecem.

Então, temos todas essas questões, isso é inegável não tem como dizer que exatamente o que especificamente temos de conteúdo, mas isso é óbvio que eles ajudam muito, por outro lado, do ponto de vista também metodológico essa correção, por exemplo, algo que a EJA me trouxe. Eu tinha muita pressa de corrigir tudo, devolver para o aluno. Então, às vezes, não discutia, eu não conseguia perceber que isso era positivo, porque eu tinha que cumprir com todos os conteúdos, eu tinha que dar todos aqueles conteúdos, eu me refiro ao “regular”, de acelerar e o aluno tinha que ver todo o conteúdo. A EJA me trouxe esse outro olhar e ainda bem que foi muito cedo, foi logo lá no início da minha formação. Eu percebi que era muito mais importante o aluno, ele trabalhar algumas habilidades, como interpretação, como análise, como leitura, criticidade que isso vai levar ele, mesmo que não tenha visto um determinado conteúdo, mas quando ele se depara lá na frente com esse conteúdo, ele vai conseguir entender, ele vai conseguir interpretar, ele vai conseguir compreender. Então, de nada adiantava eu acelerar nos

conteúdos, simplesmente por questão de cumprir aquilo que é que é tido como obrigação nossa sem que o aluno de fato tenha esse preparo, tenha desenvolvido as habilidades que eu considero importante.

Então, a EJA me trouxe isso, eu tive que ter mais calma, desacelerar, tentar perceber aquilo que era mais importante para a formação do aluno, formação dele ali, a formação da cultura. Então, essa correção individual, por exemplo, com o aluno, mostrando a ele e tal, era impressionante. Ele chegava no final do ano, já lá em setembro, outubro, o aluno da EJA já conseguia me mostrar os próprios erros. A correção já no final do ano era uma correção nossa, era uma correção conjunta, minha e dele, que ele já conseguia perceber. Então, isso eu tentei levar para o “regular”, mas é muito difícil porque são 40, 45 alunos e agora com o novo Ensino Médio com uma aula só, fica impossível.

Glória

Eu comecei a minha caminhada como professora, ao fazer o Magistério, já tem um pouquinho de tempo, eu terminei o Magistério em 1990. Eu venho de um distritozinho, numa cidade próxima de Cachoeira e lá na época da década de 90 a maioria das pessoas faziam os cursos que antes era técnico, que eram os cursos técnicos voltados para o Ensino Médio e eu fiz o Magistério. E aí, quando a gente sai do Magistério, logicamente, naquela transição já, de quase professora primária que a antiga professora do Fundamental I terminava e depois a gente quer o grande sonho da universidade, a gente quer ir para universidade.

Então, eu terminei o curso técnico de Magistério e automaticamente eu fiz o concurso público e esse concurso público eu ingressei em 1992 como professora, na época primária, que agora é Fundamental I e logo depois do concurso eu já tentava vestibular, só que era bastante concorrido porque era aquela coisa, só tinha a Federal, Católica e UNEB. Na UNEB, tinha o curso de Geografia, mas era bem pouco falado e aí eu queria fazer uma licenciatura. Porque já que eu era uma professora do Magistério, eu fui vasculhando, fiz na UNEB Geografia, na época, aquele vestibular mesmo e depois eu fiz na Católica, na Universidade Católica. Fui aprovada na Católica e aí cursei a licenciatura plena em Geografia na Católica. Eu iniciei em 1993 e terminei em 1997, foi quando ocorreu a minha formação inicial e eu

terminei a graduação completa. Em janeiro de 1998, eu fiz a celebração da formatura, da colação de grau. Depois disso, eu fiz uma pós-graduação em Gestão, depois da pós em Gestão, fiz outra pós em Educação Especial. Nessa trajetória, a partir de 1998, eu já era concursada no município em que eu tinha feito o concurso para professor na época. E aí, em 2001, eu fiz o concurso do Estado e passei, fui aprovada também no Estado em primeiro lugar para o município de Candeias.

Passei a ser professor da EJA no Ensino Médio do município de Candeias, na época já trabalhava no Fundamental II, como professora de Fund. II no concurso e à noite na EJA com Ensino Médio. Eu não demorei muito, porque assim que eu fiquei dois anos como professora da EJA, desenvolvendo a minha prática com o uso da imagem da Geografia, eu uso das imagens muito no ensino da Geografia. Eu acho que essa contribuição, a gente precisa enquanto professor, está fazendo esse *link*, o tempo todo do uso constante de imagem para interpretação de texto, para sobretudo produção textual, para entendimento dessa nova geopolítica e em cima disso eu fiquei dois anos como professora da EJA, depois fui ser gestora da escola estadual na EJA também até o ano de 2018, então fiquei um tempão aí como gestora. Quando o governador então decretou que quem tem dois vínculos no município e no estado, não pode ficar como gestão. Então, desde 2018 eu retornei para a sala de aula e saí do cargo de gestão em 2018. Então, eu fiz o Magistério, a graduação e duas pós, uma em cima da Educação Especial e uma em cima da questão da Gestão mesmo. Essas pós-graduações me ajudaram bastante, sobretudo essa questão da Gestão, porque eu também fui gestora da EJA, antes de ser professora nesses últimos. Então essa formação foi em cima de Gestão e a segunda, que foi em cima da Educação Especial, essa formação também me ajudou, porque como a gente atende alunos da EJA também com pessoas portadoras de deficiência, então assim eu fiz buscando justamente essa prática dessa interpretação do uso de vários recursos interpretativos. Até mesmo para quem não é portador, mas sobretudo a pós foi para os portadores e me ajudou bastante na interpretação de leitura de alguns mundos que a gente às vezes desconhece também.

Sobre essa questão das formações, quero ressaltar também que a gente sempre fica com essa lacuna, a gente busca sempre muito a formação. Eu mesmo estou tentando várias vezes o mestrado no Gestec e no MPEJA, que é na área da

EJA. Em cima dessas formações, mas a gente sabe que às vezes deixa uma lacuna entre o que se aprende e o que se faz, é a mesma coisa do aluno da EJA a gente tem a formação e eu acho que o professor é um constante... acho não! Penso e é fato que o professor vive numa constante busca de conhecimento, a gente tem que estar atualizado, buscando a formação independente disso, mas assim na formação mesmo da licenciatura e como já tem um bom tempinho, afinal foi em 1998, a gente não tem muita coisa fresca para lembrar, mas eu acho que me ajudou no sentido de ter acesso a EJA.

Assim, a formação para ensinar como eu não atuei diretamente logo na EJA, ela me deu acesso a ter possibilidade de trabalhar na EJA, pois se eu não tivesse a licenciatura, eu automaticamente não seria servidora do Estado, mas assim, na prática do fazer, eu aprendi desde o Estágio, quando eu estava estagiando na época da universidade mesmo, eu percebi que o que pouco se dava lá na formação, eu aprendia mais quando eu pegava os livros do Fund. II para preparar as aulas. Na prática mesmo do estudar, da formação em si, fora uma disciplina que existia na época que era a Metodologia do Ensino que a gente tinha, que me proporcionou um pouco mais de acalento, mas as disciplinas que eu cursei na universidade para a prática da sala de aula, do fazer, eu estagiei ali, naquela escola do Largo da Mariquita, acho que Eugênio de Matos. E aí, foi naquele momento ali que eu fui para o Fund. II para uma sala de quinta série, que eu percebi que aquele *link* lá não batia com que eu estava na agonia da graduação, fazendo, estagiando com que eu ia, logicamente, passar ou trabalhar para meus alunos. Desde lá, eu já percebi que tinha alguma coisa que estava faltando, então o que foi que eu absorvi? Eu li muitos livros do Fund. II à noite, eu comprei vários livros, eu fui em várias bibliotecas. Eu me lembro que na época, tinha um que era da capa laranja, que eu gosto muito, eu comprei vários livros daqueles! E aí, preparava nos caderninhos, aquelas aulinhas com aquelas letrinhas, com aqueles desenhos, que estava reproduzido o quadro, mas assim, efetivamente do que se aprendia lá, eu achei que a gente ficava faltando sempre alguma coisa, na prática do exercício do estágio, que foi assim, eu já dava aula porque eu era professora do Fund. I, mas eu alfabetizava naquela época, era assim, para a prática do Fundamental II e até chegar na EJA, eu acho que muita coisa foi o caminhar do aprender, não desprezando de forma alguma a

formação que a universidade nos dá, temos um conhecimento que a gente busca lá que é específico, mas a gente tem também que está buscando o tempo todo, mas eu acho que a prática me favoreceu mais para que nessa trajetória eu pudesse me sair melhor, principalmente na EJA, a prática do fazer e acontecer, do buscar mesmo até fora da formação.

Sobre a EJA, é importante dizer que a gente tem aquela tranquilidade do não ter a dificuldade com a indisciplina, eu acho que isso para mim é o maior diferencial. No Fund. II, como eu tenho dois vínculos e durante o dia eu trabalho no Fund. II e à noite com a EJA, no Ensino Médio, o público que já é amadurecido, na época e que ainda é acima dos 18 anos, a gente tinha essa facilidade de ter adultos, ser pessoas calmas, mas em compensação a dificuldade de aprendizagem é muito maior. A gente encontra essa dificuldade do nível de aprender que não tem tanto quanto o Fund. II, temos a inquietude, a falta de calma, agitação normal do jovem na idade dos 10, 11, 12 anos, já na EJA a gente não tem dificuldade, nessa inquietude assim tão constante, que tem, mas não tem essa indisciplina toda, esse público nos ajuda! A grande paixão de quem trabalha com a EJA é justamente esse público que está ali, que vem desgastado.

Embora o professor também venha cansado, eu costume dizer a eles: “a gente não é cruz de Cristo e só a cruz está nas costas da gente”. Muitos estão ali sem trabalhar, outros vêm do trabalho, muitos feirantes, gente que passa o dia todo na barraca de feira, aqui é o grande potencial do comércio aqui de Candeias, o comércio local e ele pulsa muito. Então, a gente tem muito feirante, tem muita senhorinha que passa o dia todo vendendo chuchu, que passa na feira vendendo a sua toalhinha e de noite está lá com toda a dificuldade, garis... Então assim, todo mundo tem sua luta e sua labuta durante o dia e nós também temos. Então assim, eles acham que o professor está ali novo, revigorado, passou o dia todo com as pernas para cima, que a “cruz de Cristo”, a dor e o peso da vida está todo com eles, nas costas deles e eu costume dizer: “gente, olha aqui, ninguém carrega a cruz de Cristo sozinho”, tem gente aqui, que sai 5h da manhã, vem de Salvador, trabalha o dia todo e está aqui até às 10h da noite com o mesmo gás, com a mesma vontade de fazer, acontecer e assim eu sou uma professora que estimulo muito a autoestima dos meus alunos. Eu acho assim, que acima de ensinar Geografia e esse mundo

contemporâneo, é parte da gente como humanista, como ser humano, impulsionar para que não desista! Eu sou mesmo uma entusiasta da questão da EJA, eu sou uma professora que independente das formações, mas eu tenho uma característica própria de impulsionar sempre para o bem e para o lado positivo e para a autoestima.

Então, às vezes, a gente desconstrói toda aula de Geografia ali e vai trabalhar aula da vida, eu costumo sempre dizer: “hoje a aula quem vai dar a tendência são vocês, no finalzinho eu vou puxar para o meu *link*”, eu trabalho muito com vídeo, eu trabalho com muita imagem e a EJA com esse diferencial do público ser mais maduro e você poder intercalar, um pouco claro, que você tem sua programação e não vai sair todo dia da programação mas isso lhe facilita muito mais, te dar mais oportunidade do que no Fund. II que você tem que parar por causa da inquietude e ainda com as turbulências da vida para se fazer ouvir. Então, para mim, o fazer ouvir, ser ouvida flui mais na EJA, mas flui também com muita dificuldade, eles têm muita dificuldade de aprendizagem apesar de serem Ensino Médio.

Teve um caso de um aluno em 2017, ela ficava parada me olhando o tempo todo, eu não esqueço dela e ela falando o tempo todo olhando para mim, depois ela chegou e falou para mim: “pró, eu não sei escrever, não sei ler”, eu falei: “Como assim? não entendi!”. A senhora está falando, tão bem, funcionando, mas eu não sei ler, nem escrever, eu não sei fazer meu nome. Eu pensei: “Oxente! Tem alguma coisa errada aí”. A menina queria se matricular na primeira série do fundamental, aí num erro de matrícula, pela idade, matricularam ela no primeiro ano da EJA do Ensino Médio e aí a gente fica observando se você não parar para ouvir esse aluno, ele, às vezes, passa batido, tem muitos analfabetos funcionais lá que não sabem ler nem escrever mas a gente precisa ter esse filtro, esse cuidado de perceber o aluno, de chegar em cada um, de impulsionar e dizer a eles que a vida é um sopro e ele precisa ser continuado, que a escola é parte da vida dele, que a escola não pode ser aquele quadradinho, sentado com aquelas cadeiras, um atrás do outro ali enfileirado e que a gente está ali com o saber todo e que a gente vai passar todo conhecimento, a gente tem que entender que aquilo ali é parte de uma vida deles que por algum motivo ficou para trás mas que pode ser retomado e pode ser retomado com prazer, não pode ser tomado com obrigação, com aprendizagem

forçada, a EJA é um meio para que impulse e por isso a gente tem tanto aluno aí que galgou coisas boas na vida da gente.

Sobre os conteúdos trabalhados com eles, na EJA do Ensino Médio, não sei se você tem acesso aos Cadernos de Aprendizagem, que eu acho até desatualizado, de 2009, ele sai da questão de nota, não tem mais, são os conceitos e a gente vai fazendo com que o aluno vá progredindo dentro do que a gente tem como um conhecimento. Então, a seleção dos saberes, eu busco muito os conteúdos em cima daquele planejamento, claro que a gente filtra e eu filtro muito, porque eu acho que além de estar desatualizados, eu busco muito fazendo uma mesclagem do que é importante para o aluno. Buscar as questões do ENEM, que eu acho que é importante também, porque dali, a gente não pode desprezar que nenhum aluno queira da EJA prosseguir.

Eu sempre chamo a atenção deles que o ENEM também para curso técnico, o ENEM também é para você ter bolsa, para você também ter acesso à universidade particular através de programas de políticas públicas do governo. Então assim, eu acho superinteressante, eu busco conhecimento em cima desses conteúdos, em cima do que propõe os cadernos do Governo do Estado, eu olho muito ali, aquela seleção de conteúdos. Agora em cima da deles, eu faço um filtro grande, porque eu pego também os conteúdos do Ensino Médio que eu acho importante e, sobretudo, mais que eu vasculho são as questões do Enem para ver que dentro do conteúdo do Enem, o que é favorável, que eu posso intercalar com um aluno da EJA e dentro da realidade dele, trazer de uma forma lúdica que ele compreenda porque a gente tem que entender que a noite ele está com a mente cansada, às vezes, está cheio de problema, está com problema financeiro, está com problema de alcoolismo em casa, está com problema porque o filho usa droga ou o próprio menino está envolvido na droga. Então, não posso ficar pegando só aqueles conteúdos que o governo manda ou só os conteúdos que eu acho que o ENEM vai cobrar e dentro das possibilidades do noturno eu filtro, principalmente dentro do que eu acho que está ao nível da classe. Eu observo muito qual é o nível de compreensão, tem muitos alunos que se ajudam, se autoajudam. Então, como eu trabalho muito com imagem, trabalho muito com filme, eu trabalho muito com aula prática de cartografia, eu não abandono a aula de cartografia em momento nenhum, ainda que esteja trabalhando com aquele

assunto o primeiro ato é localizar onde fica tal questão que a gente vai trabalhar dentro da cartografia. Então, essa mesclagem de conteúdos dentro da realidade deles eu faço muito, assim buscando o real com que é necessário trabalhar.

Nem sempre dá certo, porque, às vezes, o ENEM falha um pouquinho, não vai naquela linha, mas o filtro que eu faço é mais em cima também das questões práticas do ENEM. Eu acho importante eles terem como base de conhecimento, ainda que muitos não façam, mas é o essencial para a Geografia, para chegar em qualquer lugar ou até em concurso público. Então, eu tenho muito cuidado para poder fazer essa leitura, porque hoje você tem as questões de conhecimentos gerais que é muito voltado para essa linha de interpretação. Então, Geografia é muita produção de texto, muita interpretação, muito você conhecer, analisar e depois falar tudo que entendeu. É por esse caminho que eu busco a reflexividade dos meus alunos.

Além disso, eu realizo muito projeto à noite com eles, apesar das vezes chegar com muito cansaço mesmo, porque eu trabalho no município, é pertinho, mas é um trabalho em Madre de Deus no Fund. II e trabalho à noite em Candeias, são 20 minutos, dá um tempo bom para tomar um banho relaxado e tudo que tem em casa, mas, de qualquer forma, tem dia que a gente tá desgastado nem ainda assim, a gente deixa de ir incentivá-los e não demonstrar que está ali, à base do automático, muitas vezes. Então assim, eu realizo alguns projetos, tem um mesmo que eu gosto muito, é o “Projeto Não desista nunca, nunca pare de sonhar”. Normalmente, a gente tem assim, um divisor de água e é sempre depois do São João quando começam as aulas; depois de São João, a gente começa a ver a evasão, mas sempre digo que é um grande divisor de água dentro da EJA, aí eles estão indo bem, está funcionando! Muitos querem pegar um atestado para poder levar para empresa e tal e quando vai chegando perto do final de junho, depois do São João que começa o frio ou está perto do final da novela, a gente começa a ver um pouquinho aquela coisa da evasão, da evasão, e aí esse projeto é de resgate, é um dos que eu mais gosto dentro da área de Geografia, da Geografia Humana eu trabalho essa parte do ano e aí aquele colega tem por obrigação resgatar o colega que não veio, que não está vindo, vão procurar saber qual é o motivo e depois no final, na culminância, a gente faz um grande encontro, eu levo um mês todo de

programação, fazendo com eles, intercalo no finalzinho sempre de uma aula, de duas aulas ou quando eu tenho Sociologia já facilita também, que dentro da Sociologia não perco muito o planejamento de Geografia e trabalho muitas imagens, muitas imagens, eu trabalho o tempo todo com localização espacial, com buscar, com colagem, embora pareça um pouco infantil, a gente trabalhar com essas questões, mas eu não posso ficar falando de um mundo para um aluno que ele não sabe nem do que se trata, ele sabem sobre o cotidiano. Eu acho que o mais difícil de Geografia é a gente trazer essas duas escalas, a escala local com a escala global com esse, com esse mundo lá fora, todo geopolítico.

Então, como é que conseguimos fazer com que uma pessoa que às vezes mal sabe assinar o nome, consiga compreender essa dimensão espacial e essa dimensão de transição que diretamente influencia na vida dele, que, por exemplo, hoje a gente está aí com essa bomba que a Ford foi embora, e aí a Ford fechou, mas esse aluno precisa ter compreensão de que a Ford, apesar de ser uma multinacional, está dentro da globalização que influencia diretamente na vida dele, como influencia agora na perda de tantos empregos. Então, essa forma de fazer o aluno entender esse mundo cotidiano, ele precisa ser prático e quando você não traz a prática disso, você fica muito na oratória, na falácia. É bom a gente ter conhecimento, mas o aluno às vezes está ali, coitado, cansado de varrer a rua o dia todo, como eu tinha uma aluna, varria o dia todo, ela dizia: “pró, eu estou com as pernas tão inchadas”, que eu dizia: “bote a perna para cima minha filha e vamos aqui ouvir também, porque isso aqui também é importante para você, para quem sabe lá no futuro você deixe de ser Gari, seja uma supervisora”. É essa a possibilidade que a escola influencia. Então, assim, um dos projetos que eu mais gosto é esse do retorno da evasão, a gente busca muito o retorno do aluno, que eu trabalho nessa linha da humanidade, mas sem perder de vista também que esse conteúdo ele precisa também ser transitado, ali dentro daquele processo.

Então assim, a gente faz o resgate, um aluno tem obrigação de trazer. A gente prepara o convite, prepara a busca do porquê, o questionário perguntando o porquê que você deixou de ir para escola, quais são as dificuldades que estão ali te afligindo no momento, tem alguns que moram nos distritos e a gente conversando os alunos dizem: “ah! eu conheço”. Tem um Silas que trabalha no mercado e eu falo

com ele sempre: “pegue a moto, vai lá na casa dela saber porque que ela não está vindo”. E aí a gente consegue, não consegue 100%, mas a gente consegue um resgate bom, dessa evasão que sempre ocorre aí na EJA.

Dar aula na EJA é isso, uma troca de vida constante, nesses encontros que a vida proporciona, é como a gente sempre fala, às vezes, eles sabem muito mais do que a gente, eles trocam muito conhecimento, eles me ensinam sobre a vida apesar de já ter 28 anos em Educação, que quando eu entrei no concurso lá foi em 1992, mas muitas vezes eu me pego aprendendo mais com meu aluno do que ensinando para ele, a gente percebe que as histórias de vida que são compartilhadas ali impulsiona você não desistir muitas vezes, pois eu não gosto dessa coisa de educação ser uma missão, eu realmente acho que missão é missão e educação é educação, também não gosto de meritocracia, eu não sou muito fã dessa coisa que você tem que fazer por amor incondicional, você é profissional tem que chegar lá e fazer, mas eu me inspiro muito em alguns colegas, inclusive alguns professores que, apesar de tantos anos na Educação, e eu sempre digo para eles, são entusiastas da educação e um dos entusiastas que me impulsiona a continuar. Às vezes, eu estou desgastada durante o dia todo, é dirigir, eu tive um dia difícil, eu dei aula numa turma de Fund. II que levou todas as energias, mas quando chega à noite que eles passam aqui ali, aquela trajetória de vida, aquela vida difícil que teve, o que varreu uma rua, o que passou o dia todo vendendo, que passou o dia todo no sol para vender x verduras ou empurrou um carrinho de mão ou trabalhou fora, porque aqui tem muita indústria também, tem muita gente que trabalha de fora ou conta das dificuldades da vida mesmo assim, é uma troca! Aprendo muito com eles também, o cotidiano da vida.

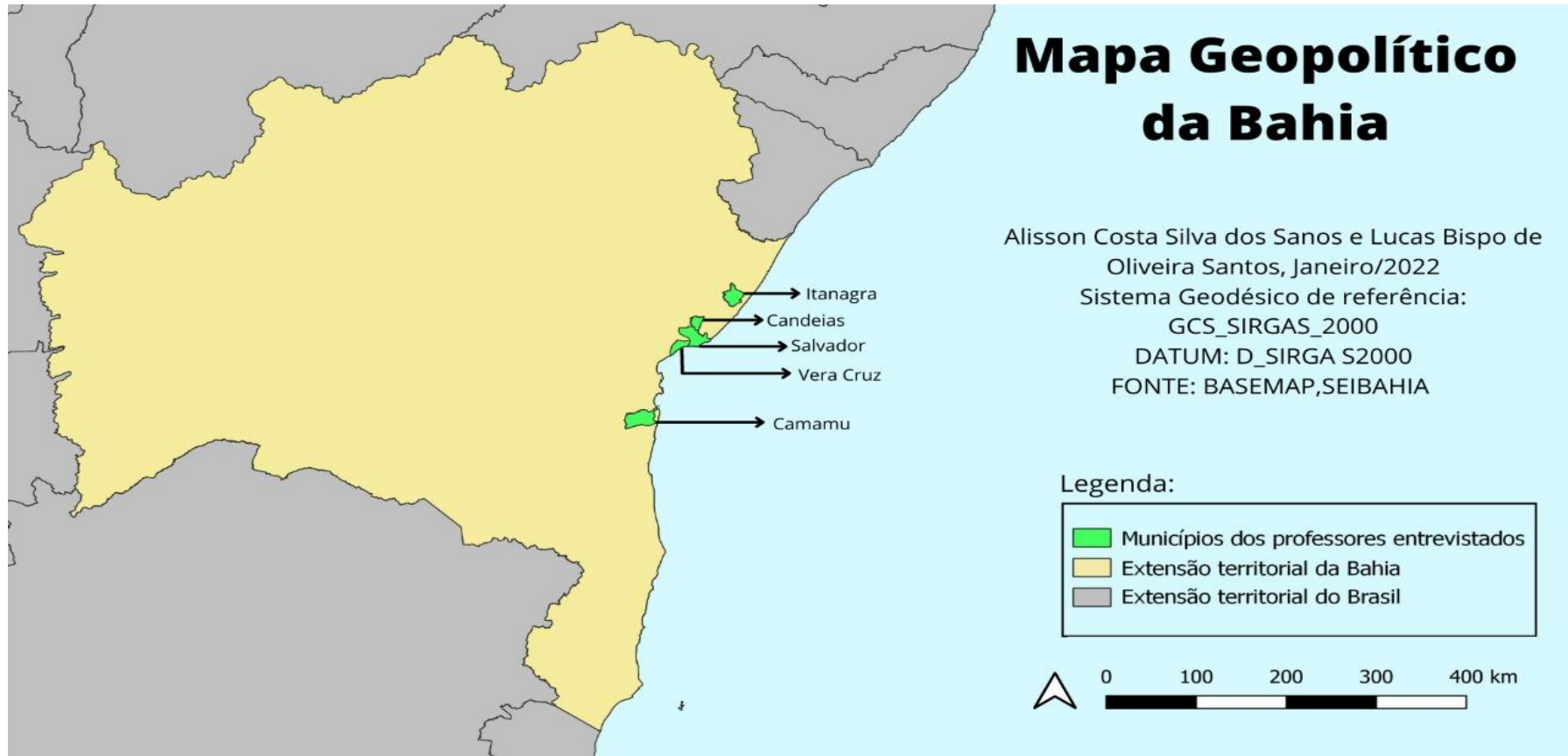
Assim, a nível de conhecimento também, porque muitos trabalham, tem um aluno meu que disse assim: “professora, eu estou aqui, mas assim eu já fiz o Ensino Médio e já terminei o Ensino Médio mas eu quero, eu gosto muito, sobretudo de Matemática, mas eu vou pegar matemática o ano que vem e eu estou aqui para me atualizar” e ele me trazia tanto conhecimento da área industrial, a gente trocava que eu não sabia, ele me falava: “a senhora tem carro, né?.. Não sei o quê” e quando acabava a aula e tínhamos um tempo batíamos um papinho aí. Não só com ele, mas com outros alunos, um aluno também que estava aprendendo a fazer inglês, tinha

um William que ele teve uma história de vida muito complicada com o tráfico e a gente conseguiu fazer esse resgate, um aluno e ele me passou tanta coisa da vida, teve um dia que esse menino, eu fiquei assim mesmo exausta, quando eu ouvi as histórias de vida que ele me falou e das coisas que ele viveu. Quase a minha idade, praticamente! Porque na EJA tem isso, mas assim da experiência de vida na qual ele viveu e aí é uma troca, porque você tem uma outra também que o namorado também foi engravidar no presídio para manter o benefício do auxílio presídio, ela tinha que ter um filho porque o auxílio ia ser interrompido, e aí quando ela me contou aquela subvida que aquela menina tão bonita tinha e eu jamais imaginava. Tem os casos de homossexualidade são imensos mesmo, são gritantes mesmo, e eles se abrem, acabam chegando para gente, acho que eles conseguem ver uma conexão de energia a fim de que pode ter a confiança e aí a gente vai. Eu aprendo muito com eles, com as histórias da vida e os saberes da vida e os saberes de Geografia também, porque Geografia é vida.

Eu quero concluir falando que sou apaixonada por Geografia, eu sou uma entusiasta da Educação, sou uma entusiasta da EJA, sou uma entusiasta da vida, eu acho que a vida é única, a gente nasceu mesmo para brilhar, para fazer os outros também, para ajudar nesse corporativismo, nessa parte humana. Então, assim, a EJA me proporciona uma troca de saber, que é como eu estou falando, no Fund. II, a gente tem essa dificuldade de transição do Fund. II que é a dificuldade da inquietude mesmo, que é dos arroubos da juventude. Então você não tem essa troca de vida no Fund. II, porque às vezes, o aluno nem lhe faz ouvir e assim, me angustia muito, até também porque eu dou aulas no Ensino Médio e, além da EJA, eu tenho uma carga horária durante o dia, essa coisa da tecnologia, do uso do celular que desvia muita gente, você está o tempo todo falando e o aluno fala com a tela por mais que seja proibido dentro da escola pública, a gente vive muito esse conflito até me angustia agora na pandemia até porque os meninos não podem ter internet, mas o tempo todo a gente está lutando com isso, na sala, eu estabeleço essas regras com alunos do Ensino Médio. Na EJA, também tem, porque alguns entraram pela questão da distorção série-idade, que eles têm muito tempo nas mesmas séries. A outra angústia que eu também tenho na EJA é essa coisa que eu chamo muito assim, ficou muitos anos perdendo durante o ano na distorção série-idade na escola,

então joga para noite. Aí, a noite vai acabando enchendo também de um público que às vezes incomoda do que aquele público mais idoso. Então, a gente tem esse gancho aí para fazer, porque às vezes tem um público bem mais idoso e tem um público que é aquele que perdeu muitos anos e aí vem com esses vícios também do celular e isso me incomoda muito, porque é uma disputa surreal e você não disputa. Eu costumo dizer a eles: “claro que é muito mais prazeroso, muito mais você pegar uma aula pronta ou você ficar na internet ou você ficar jogando enquanto o professor tal está dando aula, ficar mesmo num aparelhinho desse é encantador, porque realmente é muito fascinante”. Mas se fosse, as aulas nas escolas acabariam e, agora na pandemia, a gente está vendo o quanto essa socialização, essa troca de pessoas, essa troca do contato, do convívio humano faz a diferença.

Então assim, a experiência que eu tenho com EJA, é essa coisa do ouvir, do saber lidar, eu prefiro o público por conta disso, é um público que tanto o professor é cansado, como o aluno é cansado, mas o prazer de estar no exercício da sala de aula, do ofício da sala de aula, na troca de experiência, nessa troca de conhecimento, ela é muito maior do que quando você tá no público até de Ensino Médio ou até do Fund. II, como eu tenho experiência também de duas turmas no Ensino Médio.

APÊNDICE B – MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS MUNICÍPIOS COM OS(AS) PROFESSORES(AS) ENTREVISTADOS

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS I PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº466/12 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do participante: _____
 Documento de identidade nº: _____ Sexo: F () M ()
 Data de nascimento: __/__/____
 Endereço: _____ Complemento: _____
 Bairro: _____ Cidade: _____ CEP: _____ - ____
 Telefone: () _____ / () _____ / () _____

II – DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: NARRATIVAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: CONSTRUÇÃO DE SI NA EJA
 2. PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS
- Cargo/Função: Estudante/Pesquisador

III – EXPLICAÇÕES DO PESQUISADOR AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) para participar da pesquisa “Narrativas dos professores de Geografia: construção de si na EJA”, de responsabilidade do pesquisador Lucas Bispo de Oliveira Santos, discente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), que tem como objetivo compreender como ocorre o processo formativo dos professores de Geografia em relação à Educação de Jovens e Adultos (EJA) na rede pública estadual de ensino da Bahia e como as experiências podem ser um ponto-chave para o estabelecimento da conexão entre professores e estudantes dessa modalidade de ensino.

A realização desta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios, sejam eles diretos ou indiretos. Alguns devem ser previstos e outros não. O primeiro benefício já é a própria contextualização da EJA no estado da Bahia. Discutir essa realidade é um exercício importante para que possamos pensar numa reflexão crítica sobre a prática. Contribuindo, assim, para a construção de uma formação de professores mais efetiva que lecionem nessa modalidade de ensino, em especial, os professores de Geografia. O segundo benefício é a própria vivência da pesquisa, que é o pensar com os colaboradores, como os mesmos vivenciaram esse processo e como eles ressignificam a si mesmos. Caso aceite, o senhor(a) será entrevistado(a) e esta entrevista será gravada em audio e vídeo pelo discente Lucas Bispo de Oliveira Santos do curso de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade (PPGEduC) da UNEB. Devido a coleta de informações, o(a) senhor poderá se sentir constrangido(a), sentir que a sua privacidade foi invadida, que a entrevista estará tomando muito o seu tempo ou até mesmo passar por alguns constrangimentos como o de não querer responder a alguma das perguntas, por exemplo. Sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Garantimos que sua identidade será tratada com sigilo e, portanto, o(a) senhor(a) não será identificado(a). Caso queira, o(a) senhor(a) poderá, a qualquer momento, desistir de participar e retirar sua autorização. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a UNEB. Quaisquer dúvidas que o(a) senhor(a) apresentar serão esclarecidas pelo pesquisador e o(a) senhor(a), caso queira, poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da UNEB. Esclareço ainda que, de acordo com as leis brasileiras, o(a) senhor(a) tem direito à indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. O(a) senhor(a) receberá uma cópia deste termo, na qual consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento.

V. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS
Endereço: Rua Ministro Antônio Carlos Magalhães, nº 556, Torre 07, Apto 608,

Bairro Buraquinho. CEP: 42710-400 Lauro de Freitas/Bahia. Telefone:(71) 99997-1126, *E-mail*: lucasoliveira_ba@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 2º andar, sala 23, Água de Meninos, Salvador-BA. CEP: 40460-120. Tel.: (71) 3312-3420, (71) 3312-5057, (71) 3312-3393 ramal 250, *E-mail*: cepuneb@uneb.br

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-D.F

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

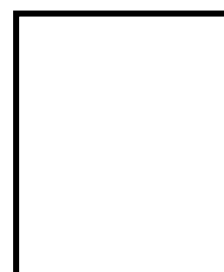
Após ter sido devidamente esclarecido pelo pesquisador(a) sobre os objetivos benéficos da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa “Narrativas dos professores de geografia: construção de si na EJA”, e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário e consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias sendo uma destinada ao pesquisador e a outra a mim.

Salvador _____, _____ de _____ de _____.

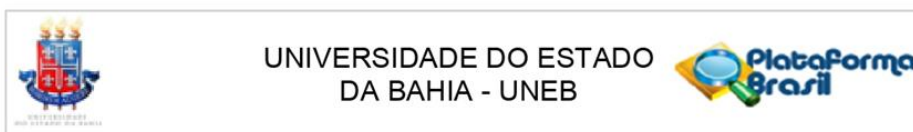
Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador discente
(orientando)

Assinatura do professor responsável
(orientador)



ANEXO B – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NARRATIVAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: construção de si na EJA

Pesquisador: LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 42176221.2.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.600.400

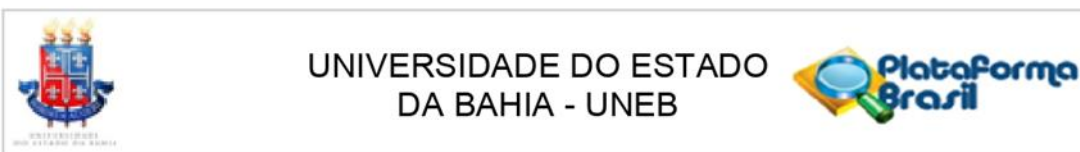
Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: NARRATIVAS DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA: construção de si na EJA

Pesquisador Responsável: LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS

Compreender e debater como ocorre o processo formativo dos professores de Geografia em relação à Educação de Jovens e Adultos e como as experiências podem ser um ponto chave para o estabelecimento da conexão entre professores e estudantes dessa modalidade de ensino, emerge como uma questão de pesquisa, por conta da trajetória profissional e de pesquisa do autor. Mediante ao método (auto)biográfico, é possível promover e evocar o (re)conhecimento dos itinerários formativos dos professores de Geografia da EJA. A partir desses itinerários, é fundamental que o professor em formação reflita sobre o que ensinar, por que ensinar, para quem ensinar, de que forma ensinar, como estabelecer suas estratégias de ensino, visando atender às necessidades sociais específicas dos sujeitos dessa modalidade de ensino. Abordagem qualitativa, utilização do método (auto)biográfico a partir das entrevistas narrativas a serem feitas com 05 sujeitos, revelando a construção de si nos seus processos pessoais e profissionais na formação dos docentes de Geografia que trabalham com Educação de Jovens e

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.400

Adultos na rede pública estadual da Bahia.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender, a partir das narrativas, como os professores de Geografia da rede pública estadual de educação da Bahia constroem e percebem as suas experiências formativas na prática docente em relação a Educação de Jovens e Adultos.

Objetivos secundários: não possui e/ou não se aplica.

os objetivos apresentados são condizentes com a metodologia proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta bem como os critérios de inclusão e exclusão por meio da técnica recrutamento por bola de neve, orçamento e cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Considera-se:

- 1- Termo de Confidencialidade: em conformidade.
- 2- Termo de Compromisso do Pesquisador: em conformidade.
- 3- Declaração de Concordância com desenvolvimento do Projeto de Pesquisa: em conformidade.
- 4- Termo de Consentimento Proponente: em conformidade.
- 5- Folha de rosto: em conformidade
- 6 Termo de Comprometimento Livre e Esclarecido: em conformidade
- 7- termo de coparticipante: dispensada por não envolver instituições diretamente.

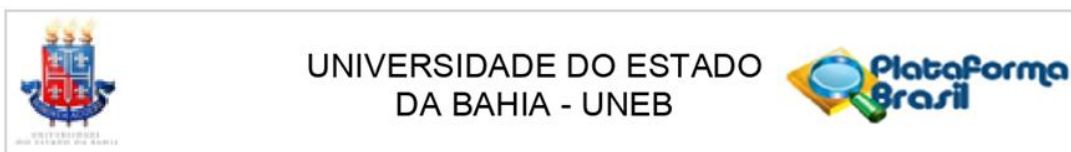
Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555	CEP: 41.195-001
Bairro: Cabula	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399	Fax: (71)3117-2399
	E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.400

APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

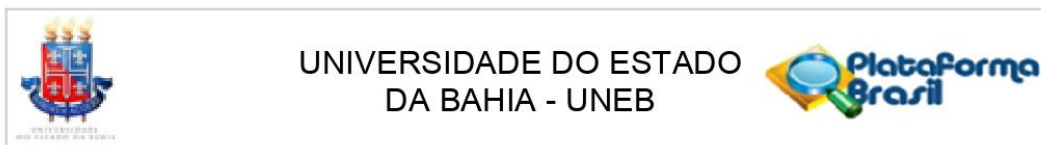
Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1688251.pdf	17/01/2021 14:53:43		Aceito
Declaração de concordância	Declaracao_de_concordancia_com_o_desenvolvimento_do_projeto_de_pesquisa.pdf	17/01/2021 14:52:22	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_confidencialidade.pdf	17/01/2021 14:50:41	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termo_de_autorizacao_institucional_da_propONENTE.pdf	17/01/2021 14:49:41	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	17/01/2021 14:43:12	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_de_Consentimento_Livre_Esclarecido.pdf	15/01/2021 18:57:59	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_LUCAS_BISPO_DE_OLIVEIRA_SANTOS.pdf	15/01/2021 18:57:18	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	15/01/2021 14:51:32	LUCAS BISPO DE OLIVEIRA SANTOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
 Bairro: Cabula CEP: 41.195-001
 UF: BA Município: SALVADOR
 Telefone: (71)3117-2399 Fax: (71)3117-2399 E-mail: cepuneb@uneb.br



Continuação do Parecer: 4.600.400

Necessita Apreciação da CONEP:
Não

SALVADOR, 19 de Março de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555
Bairro: Cabula **CEP:** 41.195-001
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3117-2399 **Fax:** (71)3117-2399 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

**ANEXO C – COMPONENTES CURRICULARES DE EDUCAÇÃO NO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**

Nome da disciplina	Ementa	Titulação	Natureza
Fundamentos Psicológicos da Educação	A psicologia como ciência e sua aplicação à educação. Fundamentos teórico-epistemológicos da relação psicologia-educação. Principais correntes da psicologia e suas aplicações educacionais. Discussões contemporâneas da psicologia da educação e na análise psicoeducativa do trabalho escolar. A psicologia na formação dos professores.	Licenciatura	Obrigatória
Organização da Educação Brasileira II	Estudo do sistema educacional brasileiro na sua organização didática administrativa e financeira e dos fatores históricos, sociais, políticos e econômicos que determinam a sua atual organização. As políticas públicas contemporâneas de educação	Licenciatura	Obrigatória
Didática e Práxis Pedagógica I	Análise, explicação e organização da prática pedagógica escolar enquanto prática social específica, à luz da contribuição das ciências da educação. Estudo dos fundamentos epistemológicos da Didática na formação do educador e construção de identidade docente. Relações fundamentais no processo de trabalho docente: ensino/aprendizagem; sujeito/objeto/construção do conhecimento; teoria/prática; conteúdo/forma; professor/aluno; aluno/aluno. Organização da dinâmica da prática pedagógica: o processo do planejamento.	Licenciatura	Obrigatória
Didática e Práxis Pedagógica II	Estudo do planejamento de ensino nas suas etapas, modalidades, componentes didáticos e tipologia. Planos e projetos didáticos. Observação e diagnóstico da prática educativa em escolas e/ou espaços alternativos de educação (ONG, projetos educacionais alternativos, escolas comunitárias etc.) Vivência pedagógica, sob a forma de simulação em sala de aula (micro-aulas).	Licenciatura	Obrigatória
Estágio I em Geografia	Estágio de observação do acontecer escolar através dos mais diversos elementos – infra-estrutura, recursos didático-pedagógicos, rotinas escolares, documentos oficiais, etc. – relacionando-os a disciplina		

	Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio II em Geografia	Estágio de vivência na escola. Participação nas mais diversas atividades, tanto no âmbito discente quanto docente: reunião de professores, acompanhamento de trabalho de gestores, reunião de centros acadêmicos ou quaisquer atividade dos estudantes, atividades com a comunidade escolar, relacionando o observado em relação à disciplina Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio III em Geografia	Estágio de acompanhamento das atividades da disciplina Geografia: aulas, reuniões de planejamento, atividades interdisciplinares, trabalho de estudantes.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio IV em Geografia	Estágio de gestão e regência de projeto didático-pedagógico no âmbito da disciplina Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Geografia no Ensino Fundamental	Objeto e método da Geografia como ciência e sua relevância para a formação do educando na Educação Básica. O conhecimento geográfico, suas características e importância social. A organização do espaço geográfico e funcionamento da natureza em suas múltiplas relações. Diferentes formas de compreensão da natureza, do meio ambiente e das diferentes paisagens, com ênfase nos conteúdos ensinados nas séries iniciais do ensino fundamental.	Licenciatura	Optativa
História da Educação Brasileira	História temática de Educação brasileira considerada nas inter-relações com o contexto mundial, no período entre os séculos XVI até os dias atuais.	Licenciatura	Optativa
Antropologia da Educação	Abordagem do caráter uno e plural da experiência humana. As diferentes formas de organização societária, a articulação, entre sociedade, cultura e educação com ênfase nas sociedades contemporâneas.	Licenciatura	Optativa
Sociedade e Educação	Conceito de sociedade e educação sob diversos enfoques sociológicos e da natureza e caráter da relação entre essas categorias com vistas à compreensão das práticas e processos educativos na sociedade contemporânea.	Licenciatura	Optativa

Filosofia e Educação	Visões e leituras pós-modernas de realidade e de mundo convivem, no Brasil, com cosmovisões que, para muitos, deveriam ter ficado a meio caminho. A disciplina procura refletir sobre este quadro e sobre os saberes e transformações necessários ao desenvolvimento de um pensamento crítico no campo educacional: Cosmovisões e o que delas decorrem; Liberdade e auto construção das sociedades; As cegueiras do conhecimento e o pensamento crítico; As transformações sociais e a educação; Consciência da complexidade humana; Ética/comportamento/ação.	Licenciatura	Optativa
Introdução à Educação Especial	Estudo crítico de questões conceituais (filosóficas-éticas-políticas) relativas às necessidades especiais no contexto da Educação Inclusiva, refletindo sobre as relações entre necessidades especiais e contexto social, caracterizando os diferentes tipos de necessidades especiais e analisando alternativas pedagógicas para o seu atendimento educacional e o papel dos professores, da família e da comunidade.	Licenciatura e Bacharelado	Optativa
Educação ao Deficiente Mental	Estudo crítico da evolução histórica do conceito de deficiência mental, paradigmas e seus pressupostos e bases teóricas na perspectiva da educação inclusiva, destacando a compreensão do processo de ensino e aprendizagem e a intervenção psicopedagógica na educação do deficiente mental.	Licenciatura e Bacharelado	Optativa

Fonte: Universidade Federal da Bahia (2015).

ANEXO D – COMPONENTES CURRICULARES DO EIXO 3 – EDUCAÇÃO E GEOGRAFIA/ EIXOS FORMADORES – PRÁTICA DE ENSINO E ESTÁGIO; LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Nome da disciplina	Ementa	Titulação	Natureza
Sociologia da Educação	Estuda as diversas contribuições teóricas na relação entre educação e sociedade. Analisa o papel que tem sido atribuído à educação na sociedade brasileira numa perspectiva crítica e reflexiva.	Licenciatura	Obrigatória
Filosofia da Educação	Apreende a filosofia da educação, sua natureza, origem e desenvolvimento. Situa a filosofia em sua forma de pensar radical, rigoroso e de conjunto sobre a educação. Levanta as principais articulações entre a filosofia e o ensino da Geografia, refletindo filosoficamente em torno de problemas deste campo.	Licenciatura	Obrigatória
Políticas Educacionais	Analisa a educação brasileira num contexto histórico com foco principal na atualidade, considerando as políticas públicas de educação, os avanços, entraves, conquistas e desafios na sociedade contemporânea, tecnológica e econômico-financeira. Aborda a realidade das políticas públicas educacionais contemporâneas a partir das tríades: público/privado, qualidade/quantidade, centralização/descentralização. Estabelece relações entre teoria e prática na escola atual da região onde se está inserido e sua possibilidade de atuação.	Licenciatura	Obrigatória
Planejamento Educacional	Discute e analisa o planejamento enquanto instrumento de conquista necessário à prática pedagógica eficiente e adequada. Identifica, conceitua e discute o planejamento em níveis e relações. Discute o papel da escola atual, do educador e do planejamento participativo. Organiza e discute etapas do planejamento: objetivos, conteúdo, metodologia, recursos e avaliação. Analisa os PCNs de Geografia. Discute Projeto-Político-Pedagógico e a participação do professor como agente ativo numa proposta contemporânea para o ensino da Geografia.	Licenciatura	Obrigatória

Teorias da Aprendizagem	Conceitua aprendizagem. Analisa e discute as principais teorias da aprendizagem sob epistemologias Mecanicistas, Inatistas, Cognitivas, Humanistas, Interacionistas e das Múltiplas Inteligências. Aborda a aprendizagem escolar como eixo formador de competências e habilidades.	Licenciatura	Obrigatória
Teorias do Desenvolvimento	Estuda as teorias e tendências da psicologia escolar para compreensão do desenvolvimento humano, da aprendizagem e das relações no interior da escola e da sala de aula. Psicologia e o cotidiano da prática escolar. A construção das competências e habilidades dos professores e alunos, a luz das teorias psicopedagógicas.	Licenciatura	Obrigatória
Currículo	Concebe o currículo como artefato pedagógico sociocultural e campo de interesses sociais antagônicos. Estuda as principais abordagens teóricas do currículo. Analisa o currículo do curso de Geografia, sua organização, seus avanços e seus obstáculos na formação do licenciando de Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Formação e Identidade do(a) Educador(a)	Discute a natureza da formação do educador; conceitos e correntes teóricas; subjetividade e objetividade na formação/ação do educador; o processo de formação do educador e suas dimensões principais: a política, a epistemológica e a humana.	Licenciatura	Obrigatória
Arte e Educação	Reflete sobre as linguagens artísticas (musicais, plásticas, teatrais, iconográficas e sonoras) na Educação e sua articulação para a produção do conhecimento geográfico e no ensino da Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Novas Tecnologias em Educação	Enfoca o estudo teórico/prático das novas tecnologias de comunicação e informação, inclusive as geotecnologias, suas aplicações no processo ensino aprendizagem e na pesquisa em Geografia, buscando identificar a relação destas com a sociedade contemporânea.	Licenciatura	Obrigatória
Educação e Direitos Humanos	Delimita qual o papel da educação em direitos humanos, e quais as maneiras de se implementar, de forma sólida, além dos princípios éticos que o cercam, uma cultura de direitos humanos, em nosso meio e em nossa sociedade, através da escola e da educação, pela revitalização da escola pública como direito legítimo e subjetivo. Discute as questões de inclusão e democratização do ensino; e reflete sobre o conceito de cidadania, equidade e justiça social.	Licenciatura	Obrigatória
Educação para Necessidades Especiais	Discute e analisa a política brasileira para a educação inclusiva; Avalia programas e práticas para atender a alunos com necessidades educacionais especiais, a partir da identificação do processo de exclusão	Licenciatura	Obrigatória

	educacional destes, no contexto da diversidade social. Discute as necessidades na construção do conhecimento e a diversidade na aprendizagem destes alunos. Elabora projetos de inclusão para as pessoas com necessidades especiais nas escolas e no campo específico da Geografia.		
Educação Ambiental	Estuda o conceito e a importância da Ecologia analisando a relação do homem com os recursos naturais e ecossistemas. Discute direito ecológico e política ambiental.	Licenciatura	Obrigatória
Educação e Gênero	Analisa as relações de poder que se estabelecem entre os sexos e a importância da educação na eliminação das desigualdades de origem sexual. Reflete acerca da discriminação que alija as mulheres das esferas produtivas e determinam comportamentos e, por consequência, nas relações de alteridade, colabora para a manutenção das desigualdades de gênero. Discute as relações de gênero na formação dos professores, nos currículos e na formação de identidades.	Licenciatura	Obrigatória
Educação e Pluralidade Cultural	Estuda aspectos e elementos constitutivos da cultura brasileira, enfocando e discutindo a identidade nacional que se reconstrói permanentemente nas relações sociais e interpessoais. Identifica mecanismos de preconceito e discriminação que reforçam a desigualdade social utilizando a escola como espaço de reflexão da diversidade cultural.	Licenciatura	Obrigatória
Educação e Corporeidade	Estuda as relações entre educação, corporeidade e suas interfaces com a construção do conhecimento; os processos de aprendizagem na infância, na adolescência e na vida adulta.	Licenciatura	Obrigatória
Educação de Jovens e Adultos	Discute os princípios do pensamento de Paulo Freire para a práxis educativa com jovens e adultos no Brasil e no mundo. Diálogo com a produção literária.	Licenciatura	Obrigatória
Aspectos Técnicos, Políticos e Sociológicos da Avaliação	Analisa as relações dos saberes escolares e as práticas educativas com os aspectos técnicos, políticos e sociais. Examina as dimensões política e social das reformas na educação brasileira. Discute os problemas envolvendo o estabelecimento de critérios para definir estratégias de ação no sistema público de educação e outras tendências da historiografia na abordagem do tema. Discute Educação na Contemporaneidade.	Licenciatura	Obrigatória

Prática de Ensino de Geografia I	Conceitua Educação, Escola e Sociedade. Discute a Ciência Geográfica no âmbito do ensino. Caracteriza as categorias da Geografia dentro do processo ensino/aprendizagem. Simula aulas práticas para o ensino da Geografia. Organiza e constrói materiais didáticos para o ensino da Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Prática de Ensino de Geografia II	Estuda a metodologia, técnicas de ensino e recursos utilizados nas aulas de Geografia, bem como os modelos de planejamento para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, contextualizando com a realidade através de instrumentos pedagógicos e as novas tecnologias da informação/comunicação.	Licenciatura	Obrigatória
Prática de Ensino de Geografia III	Conceitua a Educação, Escola e Sociedade. Discute a Ciência Geográfica no âmbito do ensino. Caracteriza as categorias da Geografia dentro do processo ensino/aprendizagem. Articulação entre o teórico-prática na vivência de situações concretas das metodologias de ensino aprendizagem de Geografia. Organiza e constrói materiais didáticos para o ensino da Geografia.	Licenciatura	Obrigatória
Prática de Ensino de Geografia IV	Estuda a organização da política pedagógica do ensino de Geografia, processo de planejamento, o currículo e as tecnologias de informação e da comunicação, a avaliação dando ênfase aos procedimentos, observação e reflexão numa abordagem multidisciplinar. Simula práticas docentes de forma contextualizada.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia I	Diagnostica os espaços de atuação profissional, caracterizando o contexto e as relações de trabalho nesses espaços. Analisa e reflete a prática de ensino de Geografia por meio de observação direta em sala de aula.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia II	Integraliza os conteúdos relacionados com a teoria e com a prática pedagógica, buscando intervir de forma crítica e transformadora no processo ensino-aprendizagem. Promove discussões acerca da práxis pedagógica para o ensino de Geografia voltado para alunos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série), através de planejamento prévio das atividades a serem desenvolvidas em forma de oficinas e minicursos.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia III	Promove discussões acerca das relações entre teoria e prática do ensino da Geografia objetivando sua aplicação nas turmas de Ensino Fundamental através de planejamento prévio das atividades.	Licenciatura	Obrigatória

Estágio Supervisionado em Geografia IV	Promove discussões acerca das relações entre teoria e prática do ensino da Geografia objetivando sua aplicação nas turmas de Ensino Médio através de planejamento prévio das atividades.	Licenciatura	Obrigatória
--	--	--------------	-------------

Fonte: Universidade Estadual do Estadual da Bahia (2012).

ANEXO E – COMPONENTES CURRICULARES DO NÚCLEO DE FORMAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA DO INSTITUTO FEDERAL DA BAHIA

Nome da disciplina	Ementa	Titulação	Natureza
História da Educação I	A educação e seu processo histórico de formação nas sociedades. Concepções e práticas de educação em diversos contextos históricos, sociais, políticos e geográficos. A educação na Grécia antiga, em Roma e na Idade Média. Colonização e Educação jesuítica no Brasil. A educação enquanto instrumento de controle social, político e econômico, na formação do Estado brasileiro. A democratização da educação escolar no Brasil. Paulo Freire e a educação popular. Desafios contemporâneos da escola e da educação. Descolonização e Educação: a implantação da Lei 11.645/2008 para o ensino da história e cultura africana e indígena na Educação Básica.	Licenciatura	Obrigatória
Filosofia da Educação I	Fundamentos da Filosofia e suas relações com a Educação. A filosofia antiga e sua implicação no processo de formação do ser humano. Pressupostos filosóficos que fundamentam as concepções de educação. O homem e suas relações com o mundo. Democracia e Educação. A Práxis educativa contemporânea.	Licenciatura	Obrigatória
Psicologia da Educação I	Paradigmas da Psicologia e suas relações com a Educação, no que tange ao processo ensino-aprendizagem. Teorias e abordagens do processo ensino-aprendizagem (Inatismo e empirismo, Humanística, Comportamental, Cognitiva e sócio-interacionista): implicações na prática educativa. Contextos culturais de aprendizagem e a escolarização formal. A psicologia da aprendizagem e a práxis pedagógica.	Licenciatura	Obrigatória
Didática I	A Didática no seio das teorias pedagógicas. Tendências pedagógicas liberais (tradicional, progressivista, não diretiva e tecnicista). Tendências pedagógicas progressistas (libertadora, libertária, crítico-social dos conteúdos e sociointeracionista). Planejamento de ensino: perspectiva crítica, estratégias, etapas para elaboração. Saberes, competências e atitudes docentes. Competências didáticas para o trabalho docente. Procedimentos didáticos: elementos para o planejamento de ensino. Avaliação do processo ensino-aprendizagem. Interdisciplinaridade. Métodos e técnicas de ensino. Utilização adequada dos recursos instrucionais	Licenciatura	Obrigatória

Avaliação da Aprendizagem	Pressupostos epistemológicos, históricos e filosóficos da avaliação do processo ensino aprendizagem. Avaliação formativa e crítica. Metodologia e instrumentos utilizados na avaliação. A ética do avaliador	Licenciatura	Obrigatória
Organização da Educação Brasileira	A Política Educacional Brasileira: concepções e implicações. A educação e a constituição Federal Brasileira; Sistema escolar brasileiro; Estrutura administrativa no ensino brasileiro. Níveis e modalidades de educação. Princípios e finalidades do Ensino Fundamental e Médio. Organização formal da escola. O educador e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Nº 9394/1996. Plano Decenal de Educação. Educação brasileira versus educação baiana.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia I	Orientações teórico – metodológicas para a promoção do desenvolvimento de atividades de observação voltadas ao conhecimento da estrutura física, administrativa e pedagógica do ambiente escolar, objetivando oportunizar a convivência do discente com a organização e funcionamento do espaço educacional.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia II	Orientações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Geografia nas séries finais do Ensino Fundamental. Observação, Coparticipação e Regência no Ensino Fundamental 2. Reflexões das vivências didáticas e desafios pedagógicos no Ensino Fundamental 2. Elaboração de Relatório Final de Estágio.	Licenciatura	Obrigatória
Libras	Estudo da língua enfocando os aspectos socioculturais e linguísticos do surdo. Discussão e análise das especificidades educacionais do sujeito Surdo. Estudo das características linguísticas da LIBRAS: Elementos que constituem os sinais. Noções sobre a estrutura e escrita da LIBRAS. A língua em uso em contextos cotidiano de comunicação.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia III	Orientações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Geografia no Ensino Médio. Observação, Coparticipação e Regência no Ensino Médio. Reflexões das vivências didáticas e desafios pedagógicos no Ensino Médio. Elaboração de Relatório Final de Estágio.	Licenciatura	Obrigatória
Estágio Supervisionado em Geografia IV	Orientações teórico-metodológicas para a prática pedagógica de Geografia em turmas do Integrado no Ensino Básico Técnico e Tecnológico (EBTT). Observação, Coparticipação e Regência no EBTT. Reflexões das vivências didáticas e desafios pedagógicos no EBTT. Elaboração de Relatório Final de Estágio.	Licenciatura	Obrigatória

TCC I	Pesquisa orientada. Ajustes finais no Projeto Inicial de TCC elaborado em Metodologia da Pesquisa II: alinhamento entre objeto, problema, metodologia. Construção do referencial teórico-conceitual. Orientação para a construção inicial dos dados da Pesquisa.	Licenciatura	Obrigatória
TCC II	Pesquisa orientada. Ajustes finais da construção dos dados. Orientação para a análise dos dados. Elaboração Final do TCC. Defesa pública do TCC.	Licenciatura	Obrigatória
Educação e Relações Étnicas e Raciais	Estudar as bases legais nacionais e internacionais que tratam da promoção e igualdade étnica e racial, e sua efetividade no Brasil e no mundo, atentando tanto para como os conceitos de raça e etnia têm-se constituído, social e culturalmente, no Brasil, desde a colonização até a contemporaneidade, quanto para apropriação desses conteúdos por parte dos currículos escolares. Discutir de forma crítica e multidisciplinar as teorias e as práticas pedagógicas para uma educação das relações étnicas e raciais.	Licenciatura	Optativa
Educação de Jovens e Adultos	A Educação de Jovens e Adultos (EJA): história e aspectos sociais, políticos e culturais. Bases Legais da EJA no Brasil. EJA em sua interface com o mundo do trabalho. A questão cultural na EJA e a diversidade do seu público (relações de classe, gênero, sexo, raça, etnia, idade, religião). O papel social, político e cultural da EJA. Políticas públicas aplicadas na EJA e suas realidades (campo, prisão, cidade, indígena e quilombola). O processo ensino aprendizagem na EJA. O trabalho político pedagógico no contexto atual.	Licenciatura	Optativa
Educação à Distância	A Educação a Distância: histórico no Brasil, definições, características, regulamentações. A mediação pedagógica na educação a distância. Planejamento e a Avaliação da Aprendizagem em educação a distância. Ambientes Virtuais de ensino e aprendizagem.	Licenciatura	Optativa

Fonte: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (2015).